

Universidade Federal de Goiás - UFG
Faculdade de Ciências Sociais – FCS
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

Vida de Pedra:
materiais e técnicas na Chapada Diamantina – Bahia

Goiânia
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

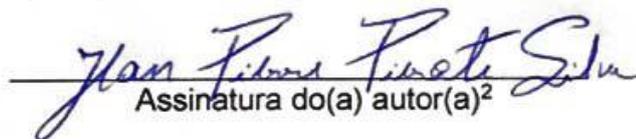
Nome completo do autor: Jean Pierre Pierote Silva

Título do trabalho: Vida de Pedra: materiais e técnicas na Chapada Diamantina - Bahia

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:  Mônica T. S. Pechincha
Coord. do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social
FGS/UFG

Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 17/04/2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

Universidade Federal de Goiás - UFG
Faculdade de Ciências Sociais – FCS
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

Jean Pierre Pierote Silva

Vida de Pedra:
materiais e técnicas na Chapada Diamantina – Bahia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Dr. Manuel Ferreira Lima Filho, Orientador

Goiânia
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pierote Silva, Jean Pierre

Vida de Pedra [manuscrito] : materiais e técnicas na Chapada Diamantina - Bahia / Jean Pierre Pierote Silva. - 2019.
CCXVI, 216 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2019.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Pedras. 2. Antropologia da técnica. 3. Processos de composição. 4. Extratores de pedra. 5. Rio de Contas. I. Lima Filho, Manuel Ferreira, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA TESE DE DOUTORADO DE
JEAN PIERRE PIEROTE SILVA

Aos nove dias do mês de abril de 2019, às 14 horas, na Sala de Defesas AS-01 da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, prédio de Humanidades 2, realizou-se a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de **JEAN PIERRE PIEROTE SILVA**, intitulada *VIDA DE PEDRA: MATERIAIS E TÉCNICAS NA CHAPADA DIAMANTINA – BAHIA*. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores Doutores: Manuel Ferreira Lima Filho (PPGAS/UFG/presidente), Alessandro Roberto de Oliveira (PPGAS/UFG), Suzane de Alencar Vieira (PPGAS/UFG), Indira Nahomi Viana Caballero (PPGAS/UFG), Carlos Emanuel Manzóllilo Sautchuk (DAN/UnB) e, como suplente, Camila Azevedo de Moraes Wichers (PPGAS/UFG). O candidato apresentou o trabalho, os examinadores o arguíram e ele respondeu às arguições. Às 14h05 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, depois da qual foram atribuídos ao doutorando os seguintes resultados:

Aprovado () Reprovado

Dr. Manuel Ferreira Lima Filho Manuel Ferreira Lima Filho

Aprovado () Reprovado

Dr. Alessandro Roberto de Oliveira Alessandro Roberto de Oliveira

Aprovado () Reprovado

Dr.^a Suzane de Alencar Vieira Suzane de Alencar Vieira

Aprovado () Reprovado

Dr.^a Indira Nahomi Viana Caballero Indira Nahomi Viana Caballero

Aprovado () Reprovado

Dr. Carlos Emanuel Manzóllilo Sautchuk Carlos Emanuel Manzóllilo Sautchuk

Resultado Final Aprovado, com indicações para publicação

Reaberta a sessão pública, o presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Elder Pereira Dias, secretário do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e pelos membros da Banca Examinadora.

Elder Pereira Dias Elder Pereira Dias



À memória de minha avó, Zilda.

AGRADECIMENTOS

Aos extratores de pedras de Rio de Contas, pelas vivências pungentes compartilhadas nestes últimos anos, agora materializadas em obra.

Ao meu querido orientador, Manuel Ferreira Lima Filho, pela dedicação, amizade, parceria e confiança ao longo da minha formação, desde a graduação.

Ao PPGAS-UFG e seu corpo docente, por terem me dado à oportunidade de seguir na carreira acadêmica, contribuindo imensamente para a minha formação como antropólogo.

Aos colegas da minha turma de doutorado: Thaís, Marcos, Arthur, e especialmente Giórgia, amiga amorosa, companheira de jornada acadêmica e de vida.

A minha família, mainha, painho, irmãos, irmãs, sobrinhos, tias, tios e primos, agradeço por terem me apoiado ao longo desta jornada. Um especial obrigado a minha tia e madrinha Maria Edite e ao meu irmão Valdir, pelo companheirismo, carinho e apoio.

À Ana Godoy, pelas interlocuções, sorrisos, afetos e por ter feito do meu corpo um lugar possível para esta escrita.

A Milton Fernandes e Guilherme Ponce, pela escuta e auxílio no cuidado de mim.

Aos amigos Bruno, Camila, Lidiana, Ariane, Patrícia, Tarcísio e Liane, por estarem sempre ao meu lado, tornando a existência mais bonita, afetuosa e múltipla.

À Liza, amiga e companheira de lar destes últimos tempos, obrigado pelo cuidado, interlocução e companheirismo.

Ao coletivo Refazeres: Gláucia, Maurizo, Catarina, Maura Davi, Sol, Edu, Cacá e Renato, agradeço pela parceria e experiências compartilhadas em Rio de Contas.

Por fim, agradeço imensamente a Zé Boa Fé e Fábio, por terem me apresentado o mundo das pedras: sem vocês esta pesquisa não seria possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES),
pelos quatro anos de bolsa de estudo, que viabilizara financeiramente esta pesquisa.

A Educação pela Pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;
A de poética, sua carnadura concreta;
A de economia, seu adensar-se compacta:
Lições da pedra (de fora para dentro,
Cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma.

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

PIEROTE SILVA, Jean Pierre. **Vida de Pedra:** materiais e técnicas na Chapada Diamantina – Bahia. 2019. 216p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

Esta tese é uma investigação sobre os modos de relação estabelecidos entre extratores de pedra, pedras e Rio de Contas, cidade histórica e patrimonializada situada ao sul da Chapada Diamantina, na Bahia. Esta etnografia se propõe a seguir os fluxos das pedras nas pedreiras, nas edificações históricas e na construção civil contemporânea de Rio de Contas, descrevendo os gestos, as etapas da cadeia operatória da extração e construção com este material, e as linhas de movimento e criação que são efetuadas com as pedras. Em um exercício conjunto com os extratores, busca-se esboçar uma teoria sobre as singularidades do conhecimento produzido na prática com as pedras. Os processos socioculturais, históricos, físicos, químicos e cósmicos são pensados como elementos de uma mistura que forja subjetividades, paisagens, modos de relação e cidades, tensionando dicotomias como natureza/cultura, material/imaterial, técnica/intuição, assim como as noções de texto/imagem, uma vez que estas duas linguagens foram utilizadas simetricamente na confecção do tecido etnográfico e sensível que constitui esta tese. Como viventes, as pedras se misturam incessantemente com os outros materiais com os quais se relacionam, sendo tratada aqui não como um “objeto” inerte fora do movimento da vida, mas como um fluxo que, ao atravessar a cidade, os extratores, e os objetos técnicos não cessa de experimentar mutações e de engendrar acontecimentos.

Palavras-chave: Pedras. Antropologia da técnica. Processos de composição. Extratores de pedra. Rio de Contas.

ABSTRACT

This thesis is an investigation into the forms of relationship established between the extractors of stone, the stone itself, and Rio de Contas, a historical and officially preserved town located south of the Chapada Diamantina in the northeastern Brazilian state of Bahia. This ethnographical study follows the flows of stone in the quarries, the historical buildings, and contemporary civil construction in Rio de Contas, describing the gestures, the steps of the operative chain of extraction and construction with this material, and the paths of movement and creation which are made with the stone. In a joint exercise with the extractors, a theory is put forward on the particular features of the knowledge produced in the work with the stone. Sociocultural, historical, physical, chemical and cosmic processes are considered as elements of a mixture that produces subjectivities, landscapes, modes of relation, and towns, highlighting dichotomies such as nature / culture, material / immaterial, technique / intuition, as well as notions of text / image, since these two languages were used symmetrically in the production of the ethnographic and sensitive tissue that makes up this thesis. As a living being, stone continuously intermingles with the other materials to which it relates, being treated here not as an inert "object" outside the movement of life, but as a flow which, as it passes through the town, the extractors, and the technical objects, never stops changing and producing events.

Keywords: Stones. Anthropology of the technique. Composition processes. Extractors of stone. Rio de Contas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 - PEDRA COMO CAMINHO.....	28
Pedras e colonização	30
Pedras preciosas e subjetividades garimpeiras.....	34
Pedras e cidade.....	36
Entre pedras e patrimônio	42
Fluxos de cidade	47
Pedras na cidade	57
2 - VIDAS DE PEDRA.....	61
O Homem Bomba.....	63
Cena zero	69
O Pedreiro Artesão	72
Pedra na Pedreira	76
Linhas de corte	83
O tempero das ferramentas	85
A pedra partida	93
A pedra descolada	100
Pedras e Força	106
3 - OUTRAS EXISTÊNCIAS DAS PEDRAS: PERMACULTURA E BIOCONSTRUÇÃO NA CONSTRUÇÃO CIVIL CONTEMPORÂNEA DE RIO DE CONTAS	111
Duração e bioconstrução	117
Pedras na morada da luz	120
Composição com pedras: o tanque biológico na Morada da Luz	123
Mosaico de pedras: improvisação e movimento com os materiais	128
Linhas de pedras: corpos transmutados em relação	131
Vivência com pedras	132
Seguindo as linhas	136
4 – O LEITE DAS PEDRAS.....	141
Conhecimento de pedra.....	145
Loucura e perigo de pedra.....	155
Cosmopolítica na prática com pedras.....	159
Conversa de pedra.....	164
Ética e terapêutica das pedras.....	167
5 – CAMINHO DE PEDRAS.....	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	212

ÍNDICE DE PRANCHAS FOTOGRÁFICAS

Prancha 1 – Serra das Almas. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	03
Prancha 2 – Pedras no Bonito. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	15
Prancha 3 – Fotografia história da cidade de Rio de Contas, sem data. Fonte: acervo pessoal de Fernando Pinto.....	33
Prancha 4 – Fotografia histórica da Estrada Real, sem data. Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio de Contas.....	39
Prancha 5 – Fotografia histórica da Cachoeira do Fraga, sem data. Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio de Contas.....	40
Prancha 6 – Fotografia histórica do Clube Riocontense, sem data. Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio de Contas.....	41
Prancha 7 – Pedras e Igreja de Santana. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	45
Prancha 8 – Centro de Rio de Contas. Fotografia digital, sem data. Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio de Contas.....	54
Prancha 9 – Pedras na Cidade. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	59
Prancha 10 – Lacuna de Pedra. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	62
Prancha 11 – O Homem Bomba. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	66
Prancha 12 – Roça. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	71
Prancha 13 – O Pedreiro Artesão. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	74
Prancha 14 – Pedras nas Pedreiras. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	81
Prancha 15 – O Tempero das Ferramentas. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	90
Prancha 16 – Pedra Cortada. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	97
Prancha 17 – Pedra Descolada. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	103
Prancha 18 – Pedra Quebrada. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	110
Prancha 19 – Feira em Rio de Contas. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	114
Prancha 20 – Pedras na Morada da Luz. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	119
Prancha 21 – A Morada da Luz. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	122
Prancha 22 – Pedras no Tanque Biológico. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	126
Prancha 23 – Composição com Pedras. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	129
Prancha 24 – Linhas de Pedras. Fotografia digital e desenho, 2016. Fonte: acervo do autor.....	134
Prancha 25 – Casa do Ariel. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	140
Prancha 26 – Leite das Pedras. Fotografia digital, 2019. Fonte: acervo do autor.....	143
Prancha 27 – Rodovia. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	152
Prancha 28 – Curral de Pedras. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	158
Prancha 29 – Homem Bomba no Refazeres. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	162
Prancha 30 – Refazeres na antiga Casa de Câmara e Cadeia. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	166

Prancha 31 – Vivência com Pedras. Fotografia digital, 2016. Fonte: acervo do autor.....	173
Prancha 32– Ensaio: Caminho de Pedras. Fotografia digital, 2019. Fonte: acervo do autor.....	177
Prancha 33 – Pedra Final. Fotografia digital, 2019. Fonte: acervo do autor.....	211





INTRODUÇÃO

“Escrever é uma caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”.

Gilles Deleuze - Crítica e Clínica

No traçado da pesquisa etnográfica, a pedra surge como questão, elemento e tema deste trabalho. Preocupada inicialmente em investigar os materiais utilizados na construção das edificações históricas de Rio de Contas (BA)¹, esta pesquisa nasce, antes de tudo, de uma inquietação diante dos modos de relação entre os humanos e os materiais. No percurso, o encontro com dois extratores de pedras: o Homem Bomba e o Pedreiro Artesão², mestres que me apresentaram e me conduziram pelo mundo das pedras.

Porém, antes de falar sobre as questões mais específicas que permeiam esta tese, falarei sobre a minha trajetória como pesquisador, pois ela é inseparável das reflexões que constituem esta etnografia.

Nasci na cidade de Livramento de Nossa Senhora, no interior da Bahia, porém vivi até os dezessete anos de idade em Marcolino Moura, pequeno Distrito pertencente ao município de Rio de Contas, situado na Chapada Diamantina. Na família, sou o quinto filho, e parte da primeira geração que teve acesso ao ensino superior. Estudei até o Ensino Médio no Colégio Estadual de Marcolino Moura, gostava das artes, literatura, história e fotografia. Em 2006, conclui essa fase da minha formação e, na busca pelo alargamento do meu repertório de mundo, sabia que não era mais possível continuar ali. Mesmo assustado com tal deslocamento, segui. No final daquele ano, prestei vestibular e fui aprovado para o curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Atravessei um sertão para chegar ao sertão urbano, Goiânia.

¹ Uma descrição mais detalhada sobre esta cidade será feita no primeiro capítulo desta tese.

² Estes dois interlocutores serão apresentados no segundo capítulo da tese.

Em 2007, ao ingressar na Licenciatura em Ciências Sociais na UFG, o principal desejo era o de pensar a minha experiência no interior da Bahia, as formas de expressão e os processos de subjetivação forjados em Rio de Contas, cidade patrimonializada, alegoria da colonização e da história do Estado-nação brasileiro. Desde então, Rio de Contas passou a ser um lugar de constante interesse de pesquisa, pois pensá-la também era um modo de refletir sobre o meu engajamento no mundo. A cada semestre, a literatura da antropologia estimulava a minha busca, nutria a minha inquietude e o desejo de conhecer outras naturezas e outras culturas.

Na busca por outras possibilidades de existência, minha diáspora sertaneja foi transmutada. Concordava com Guimarães Rosa (1994), sabia que o sertão também poderia ser “onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o lugar”. O sertão baiano, o sertão goiano, a caatinga, o cerrado, o caipira, o cangaceiro e as paisagens do patrimônio colonial me afetaram e guiaram ao longo de parte da minha produção artística e acadêmica nos primeiros anos de formação.

Várias dobras foram feitas com estes afetos ao longo da minha graduação, sobretudo na minha produção artística deste período. Em 2012, uma nova fase da minha formação como antropólogo se iniciou, ingressei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFG, com um projeto de pesquisa interessado em investigar os sentidos e representações do patrimônio cultural na cidade de Rio de Contas.

Em janeiro de 2013 – período em que realizava uma das etapas do trabalho de campo etnográfico da pesquisa que desenvolvia no mestrado –, participei da residência artística “Largo Jardim”, experiência que provocou importantes reflexões sobre meu trabalho como etnógrafo. Dessa residência, surgiu uma ocupação artística no Largo do Rosário, localizado no Centro Histórico de Rio de Contas, onde esse coletivo pensou de forma poética os múltiplos usos possíveis do espaço e seu impacto sobre o cotidiano da vida urbana local. Nessa primeira experiência etnográfica em Rio de Contas, pude vivenciar a cidade como um laboratório de criação. Por meio das intervenções artísticas e etnográficas foi possível pensar o patrimônio cultural também como uma plataforma discursiva onde os moradores das cidades patrimonializadas se apropriam material e simbolicamente dessas edificações, compondo outros usos e sentidos para o patrimônio no presente.

Duas formas de expressão manifestas na cidade de Rio de Contas durante a realização do trabalho de campo no mestrado me afetaram profundamente: a Encomendação das Almas e As Caretas, mascarados do carnaval. A Encomendação das Almas é um rito em louvor aos espíritos que necessitam de alívio das penas e de progresso espiritual, já as caretas é uma performance realizada pelos moradores de Rio de Contas que, antes e durante os festejos do carnaval, saem fantasiados com máscaras pelas ruas da cidade. Partindo destes afetos, produzi a minha primeira exposição individual ao ser contemplado pelo edital do Calendário das Artes 2013 da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb). Para este edital, apresentei o projeto de exposição fotográfica *Tangência*, realizado entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, na cidade de Rio de Contas e em comunidades quilombolas do município, expondo as fotografias feitas durante o período do trabalho de campo em 2013, onde o profano e o sagrado, a celebração da carne e a penitência, a alegria e o sofrimento foram tratados não como divergentes, mas como tangentes entre si.

Em março de 2014, defendi minha dissertação de mestrado, um estudo pautado nas práticas e sentidos do patrimônio em Rio de Contas (BA), intitulada *Deslocamentos Patrimoniais: polifonias, memória e visualidades em Rio de Contas /BA* (PIEROTE SILVA, 2014). O uso de intervenções artísticas como uma forma de se desenhar a etnografia, assim como reflexões sobre o lugar de fala do pesquisador no contexto de alteridade próxima, foram algumas das questões presentes naquele trabalho. Porém, investigar os limites entre as representações produzidas pelas políticas de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural e o modo como os moradores de Rio de Contas se relacionam com este patrimônio, foi a indagação que mais me movimentou durante o processo.

A experiência de pesquisa que vivenciei ao longo do mestrado fez com que novas questões germinassem. O período de tempo que tive para realizar o trabalho de campo etnográfico, escrever e experimentar a minha produção imagética composta na etnografia foi extremamente curto. Ao finalizar esta etapa da minha formação, tive a sensação de que não havia conseguido dizer o que gostaria de ter dito. Mesmo sabendo que o processo não estava acabado, nunca fiquei satisfeito com aquele trabalho.

No intervalo entre a defesa da dissertação e o meu ingresso no Doutorado em Antropologia Social do PPGAS/UFG, em 2015, fui tomado por forças que diversas

vezes rebaixaram minha prática como etnógrafo, principalmente por ela não atender aos manuais clássicos de etnografia. Fiquei por muito tempo sem conseguir falar sobre a pesquisa, pois me faltavam as palavras para nomear aquilo que havia vivido. Não se tratava somente de um estudo sobre a Antropologia Visual, nem sobre o Patrimônio Cultural, nem sobre memória. Também não se tratava de uma questão de método, mas de modos de experimentar e narrar uma experiência política, estética e cosmológica.

Habitar uma fronteira entre a arte e a antropologia passou a ser muito desconfortável, principalmente quando parecia não haver espaço na antropologia para este “fazer múltiplo” do qual minha prática não conseguia se desvincular. Um ano após a defesa da minha dissertação de mestrado, ingressei no doutorado com um projeto preocupado em investigar os fenômenos técnicos da construção civil e da cultura material na cidade de Rio de Contas/BA. Adentrei nas discussões sobre a cultura material, estudando autores como Appadurai (2008), Miller (2007), Sahlins (2007), leituras que foram de grande importância para posteriormente entender a crítica que Ingold (2012) faz à noção de Cultura Material.

Inspirado por Appadurai (2008), no que diz respeito ao método para a análise da “vida social das coisas”, pensava em “seguir os materiais” como estratégia metodológica para investigar o modo como “pessoas” e “materiais” se relacionam na construção civil em Rio de Contas. A busca era por um campo concreto e denso, pois acreditava que seria mais fácil seguir um caminho na busca por um fazer etnográfico puro, distanciado, sem imagem, sem afeto, sem vida – o avesso de minha dissertação que havia produzido tanto desconforto pessoal e acadêmico.

Tomado por estes afetos tristes, o meu desejo, devidamente colonizado, seguia na direção da produção de uma etnografia canônica, com métodos, campo, interlocutores e teorias muito bem situadas. Vozes fantasmagóricas me assombravam neste processo, disseminando em meu corpo o medo da exclusão (por não conseguir publicar uma pesquisa que não se associa a nenhuma subárea da antropologia), da vergonha (por estar no doutorado e não sabe fazer o “arroz com feijão” de um texto etnográfico) e da miserabilidade (por não ter me especializado em nenhum campo da antropologia para poder atuar como um “técnico” deste saber). Ao negar o caráter experimental e de criação da minha prática, adoeci. Por um tempo, meu corpo parecia ser um campo de batalha entre forças que ora desejavam me manter dentro de um

projeto fechado, ora me impulsionavam para a experimentação e para o encontro com o desconhecido.

Com o avanço do processo de pesquisa e com uma permanência mais duradora em Rio de Contas, meu corpo foi se desobstruindo ao vivenciar novos afetos, sobretudo após o meu encontro com os extratores de pedras e com as pedras em Rio de Contas. Na relação com este material, um modo singular de pesquisar foi se instaurando; os novos afetos abriram caminho para que esta imersão etnográfica se tornasse possível e, por fim, pudesse ser narrada.

Itinerários do trabalho de campo etnográfico

Localizada ao sul da Chapada Diamantina/BA, Rio de Contas, no estado da Bahia, é uma cidade criada por Provisão Real de 1745, classificada como uma das primeiras novas cidades coloniais planejadas do Brasil. O descobrimento do ouro, e, posteriormente, do diamante, foram os principais fatores que motivaram sua criação. Em 1980, a cidade recebeu o título de Patrimônio Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), concedido em razão da excepcionalidade histórica, paisagística, etnográfica e artística de suas edificações, cujas construções datam da segunda metade do século XVIII e início do XIX (PIEROTE SILVA, 2014).

Marcolino Moura/BA, de onde sou, é um Distrito pertencente ao Município de Rio de Contas. Além de ser um lugar de memórias e afetos, Rio de Contas, ao longo desses onze anos, tornou-se também um campo de pesquisa. Desde então, venho trabalhando de forma conjunta, em interlocução com novos e antigos moradores da cidade, refletindo principalmente sobre questões relacionadas à ecologia, a permacultura³, as técnicas, o patrimônio cultural e a arte.

³ A noção de Permacultura foi criada por Bill Mollison e David Holmgren, na Austrália, no fim da década de 70 do século XX. A palavra é uma expressão originada do inglês *Permanent Agriculture*, que posteriormente passou a ser entendida como “Cultura Permanente”. Desde a sua criação, a permacultura agregou vários conhecimentos de cunho “científico” e “tradicional”, com a intenção de planejar e criar ocupações humanas produtivas em equilíbrio com o meio. No início, a noção de permacultura estava mais ligada às questões referentes à agricultura, porém, atualmente, foi ampliada, sendo definida pelos permacultores como um conhecimento holístico, socioambiental, que integra o saber científico com o tradicional popular, visando garantir e tornar a permanência da espécie humana na terra mais integrada com o meio.

Em 2014, um coletivo formado por dois bioconstrutores, uma ecóloga, uma engenheira florestal, uma *design*, um arquiteto urbanista, um casal de cineastas e eu, antropólogo, começamos a elaborar um projeto cultural voltado para a pesquisa e a realização de vivências, vídeos, programas de rádio, exposições culturais e publicação sobre as técnicas, os saberes e os materiais utilizados na construção civil de Rio de Contas. A maioria dos integrantes do grupo mora atualmente nesse município e tem uma trajetória de trabalho relacionada à cidade. Desse modo, almejávamos criar uma plataforma onde os saberes tradicionais relacionados à construção civil da cidade pudessem entrar em contato com as técnicas da bioconstrução⁴.

No contexto descrito acima, surgiu o projeto Refazer⁵. Com recursos do Fundo de Cultura da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, através do edital 24/2013 "Grupos e Coletivos Culturais 2014", demos início à sua execução em 2015. Comecei a pensar, a partir desse lugar de inserção no projeto Refazer, a possibilidade de desenvolver um estudo etnográfico no Doutorado em Antropologia Social sobre os processos de transformação dos materiais como a terra, o ferro, a madeira e a pedra nos processos técnicos da construção civil local.

Ao longo de cinco anos de pesquisa, nos quais estive engajado durante o Doutorado, realizei imersões de campo etnográfico em Rio de Contas em seis ocasiões, somando aproximadamente um ano e meio de vivências nesta cidade. Porém, o tempo entre os meses de janeiro e agosto de 2016 marcam a mais longa permanência que tive na cidade, período em que a pedra também foi o elemento pesquisado pela equipe do projeto Refazer. Na ocasião, aluguei uma pequena casa, em um bairro periférico de Rio de Contas, nomeado Sossego. Esta casa foi o lugar onde pude escrever os primeiros relatos etnográficos, olhar para as imagens que estava produzindo, e decantar os efeitos que tal experiência causava em meu corpo.

No decorrer dos meses, percebi a necessidade de estabelecer um recorte mais preciso, para que fosse possível o aprofundamento das reflexões que surgiram ao longo da investigação. Em abril de 2016, a equipe do Refazer começou a realizar a captura das primeiras imagens fotográficas e de vídeo utilizadas posteriormente na produção dos documentários do projeto sobre a pedra e os extratores. Atuei como um dos

⁴ De acordo com o trabalho de campo que realizei, bioconstrução é o conjunto de técnicas construtivas que, supostamente, procura englobar planejar, atualizar e manter sistemas de escala humana ambientalmente sustentáveis e financeiramente viáveis.

⁵ Disponível em: <<http://refazerriodecontas.tumblr.com/>>.

cinégrafistas nesse processo, realizando atividades de pesquisa nas pedreiras, nas casas dos extratores e na cidade de forma geral. As imagens produzidas geraram dois vídeos documentários: *Mestres e ofícios: Zé Boa Fé*⁶ e *Caminho das Pedras*⁷. O primeiro retrata a cadeia operatória do trabalho de José Ferreira, extrator de pedras conhecido localmente como Zé Boa Fé, o *Homem Bomba*. O segundo é um relato do encontro entre o permacultor Nagoy Sol e o *Pedreiro Artesão* Fábio do Bonito, durante a construção de um tanque em que a técnica de assento artesanal das pedras, usada pelo Pedreiro Artesão, segue os princípios da bioconstrução, para aproveitamento de água da chuva.

Nessa experiência, um universo complexo de conhecimento sobre a pedra foi-se constituindo. As nuances da pedra, as técnicas utilizadas para a extração, modelagem e o uso desse material na construção civil foram delimitando questões que direcionaram o foco da pesquisa para pensar, principalmente, os modos de relação entre pedras, extratores e a cidade.

Em um dos primeiros encontros que tive com as pedreiras em Rio de Contas, em uma manhã de abril de 2016, as pedras vibravam e invadiam meu corpo. As rochas coloridas por um tom de cinza esbranquiçado refletiam a luminosidade como se fossem espelhos. Estava entrando na terra, nas profundezas, onde tudo é silêncio e verdade. Na pedreira não existe espaço para equívocos. Pedras são sinceras, honestas, justas. Nada é gratuito perante o material forjado na decantação. Por ser sedimentar, formou-se pelas partículas do que não mais se sustentou em outro corpo, o que foi gasto, corroído pelo vento, aquecido pelo sol, lavado pela chuva e comido pela terra. Acolhimento dos restos que por, pressão e calor, juntou-se para obter resistência e força. O tempo é outro, camada sobrepostas sobre camada. Tudo que não se sustentou, caiu. Material orgânico decantado, sensível ao mundo do qual ele é feito, dele não se separando. Os destroços seguem, não aguentando mais ser poeira acolhe a pressão, as altas temperaturas e se cola. Na relação com outros fluxos de vida tudo se junta. É com o tempo, o tempo das pedras. As sedimentares, acumuladas em planaltos na crosta terrestre, são antes de tudo material fóssil que se transformou na compactação das partículas. Virou outra coisa. Porém, as cicatrizes de seu corpo falam que ali já foi abrigo de poeira, de partículas, destroços do material rendido para torna-se forte.

⁶ Disponível em: <<https://vimeo.com/178172652>>.

⁷ Disponível em: <<https://vimeo.com/218268657>>.

O Pedreiro Artesão me informou que as jazidas são como livros, que as pedras são as páginas desse livro volumoso, onde cada página te ensina. Sabedoria de quem já leu muitas páginas do grande livro de rochas rico em lições sobre a Terra. As sucessivas camadas da pedra falam sobre mudanças no ambiente, dos processos físicos, químicos, biológicos e sociais. Tudo registrado na enciclopédia de gaia⁸.

Como não sentir a presença de Xangô? O Orixá que habita as pedreiras, dono das leis e dos escritos, orixá do discernimento que age na libertação dos enganos que escravizam a consciência. Senhor do fogo oculto que, com um machado de duplo corte, abre caminho para as almas que buscam sabedoria. O tempo das pedras é outro, ela quebra quem não o respeita. Diante da pedra é preciso se render: tornar-se pedra para que a própria pedra se torna outra coisa.

Linhas de imagens

Como no texto escrito, as imagens que integram esse trabalho foram organizadas dentro de uma narrativa. Todavia, a intenção não é narrar o “real”, ou o modo como os extratores percebem as pedras, mas, sim, construir visualmente, pela ordem do sensível, uma experiência visual potente, no sentido de comunicar o que foi percebido, sentido, pensado e aprendido na experiência etnográfica. As imagens foram pensadas em uma composição conjunta com o texto escrito. Busca-se, com isso, criar uma constante interlocução entre texto escrito e visual, deslocando a centralidade da escritura nesta pesquisa etnográfica. Foram organizadas primordialmente em forma de pranchas, tendo como inspiração o trabalho clássico desenvolvido por Bateson e Mead em *Balinese Character* (1942). Levando em consideração esta questão, utilizei legendas somente nas pranchas compostas por imagens de acervos históricos de Rio de Contas, já aquelas constituídas com as imagens que produzi durante a pesquisa serão legendadas em uma lista autônoma, evitando assim conduzir a experiência do leitor por meio da palavra escrita.

A câmera foi de grande importância para o registro da cadeia operatória da extração de pedras. Ter produzido imagens durante o campo tornou possível rever o

⁸ Utilizo esse termo inspirado em Stengers (2015), onde gaia é pensada como um *ser* constituído por um regime de atividades próprias, múltiplas e em constante relação entre todos os elementos vivos.

material audiovisual durante a escrita, observar por diversas vezes os gestos, o movimento dos extratores e das pedras, ampliar meu entendimento e percepção do trabalho de extrair e de construir com elas, sinalizando a possibilidade de experimentar diferentes grafias na prática etnográfica, podendo, por fim, compor nesta tese uma narrativa polifônica com estes diferentes modos de expressão.

Vale lembrar que a prática etnográfica, desde há muito, vem sendo acompanhada pela câmara, seja ela fotográfica ou de vídeo. Como ressalta Caiuby (2012), Eckert e Rocha (2001), Rial (2006), a utilização desse dispositivo em campo faz parte da constante negociação do pesquisador ao se inserir no ambiente da pesquisa. Nesta pesquisa não foi diferente: estar com uma câmara na mão, ocupando a dupla função de produzir imagens para o projeto Refazer e construir imagens voltadas para o meu interesse etnográfico, colocou-me no “lugar do meio”, entre extratores de pedras, pedras e a construção civil da cidade.

O que filmar? O que fotografar? O que permanece no enquadramento? O que fica e o que sai na edição? O que pode ser filmado/fotografado? O que os interlocutores da pesquisa pensam sobre as imagens produzidas? Sautchuk (2007) afirma que a câmara, além de ser uma produtora de imagens, é também uma produtora de questões na etnografia. Assim, estar com uma câmara na mão e engajado na prática etnográfica impulsionou meu corpo sobretudo para o ato de observar, para poder enfim fotografar, filmar e escrever. Gravar era um modo de estar atento aos eventos que ocorriam em campo. Nesse sentido, durante o registro audiovisual, enquanto os extratores, ao utilizarem suas ferramentas (marretas, ponteiros, cunhas, etc.), produziam um tipo particular de acoplamento técnico, algo semelhante se dava comigo, mas, no meu caso, o acoplamento técnico era entre meu corpo e a câmara.

Tudo acontecia muito rápido na relação entre extratores e pedras. O corpo/câmera interagia nesse fluxo tentando “registrar” o ritmo dos movimentos, as intenções ali vivenciadas. O que me interessava era produzir imagens que, longe de retratarem “a realidade”, dialogassem com o conhecimento que estava sendo construído e aprendido naquele encontro etnográfico.

Linhas de texto: organização da tese

Como um artesão da escrita e das imagens, ao compor este texto o meu esforço seguiu no sentido de expressar algumas das nuances núbias experimentadas no meu encontro etnográfico com a cidade de Rio de Contas, os extratores de pedras e as pedras. Nessa imersão, a pedra é primeiramente frequentada na pedreira, lugar de surgimento das primeiras linhas que, posteriormente, desenharam os contornos da investigação. Em cada camada, um ensinamento de pedra, um modo de operar. Decantada por natureza, estamos diante da aristocracia do material âmago da Terra. O enraizamento de quem vive nas profundezas não suporta o raso, o superficial, o rápido. Nada é imediato, as camadas são conquistadas aos poucos, com respeito.

Assim o texto, pois ele surge da relação com o material. São blocos textuais e imagéticos, como blocos de pedra colocados um após outro, criando o intervalo que comunica a experiência etnográfica. Pequenos textos foram criados ao longo do processo de escrita desta tese, como na prática da extração de pedras, onde vários golpes são dados para que, por fim, a pedra se corte de uma certa maneira. Os capítulos são compostos, portanto, por estes pequenos textos, pranchas visuais e espaços de respiro.

Por se tratar de um trabalho que parte das técnicas de extração e de construção com pedras praticadas na cidade de Rio de Contas, a própria noção de técnica, inaugurada no pensamento antropológico por Mauss (2003), não será aqui abordada como o intuito enciclopédico de uma catalogação das múltiplas perspectivas que constituem tal noção. Também não é a intenção desta tese esgotar as discursões perante as noções de corpo, materialidade e a produção de imagem na pesquisa etnográfica. A proposta é compor uma espécie de mosaico, onde as ausências e silêncios sejam capazes de produzir respiro e não a obstrução do pensamento por meio de um texto defendido, morto, sufocado pela pretensão de verdade.

Como colocado por Clifford (2014, p.139), a colagem e a justaposição, recursos usuais no surrealismo, tinham como intuitos “romper os “corpos” convencionais – objetos, identidades – que se combinavam para produzir o que Barthes chamaria depois de “*l’effet du réel*”. Portanto, busca-se com esta composição textual e imagética provocar certa desfamiliarização perante alguns conceitos catedráticos do pensamento antropológico. Os mundos contingentes acessados durante este processo de pesquisa são aqui cruzados, fotografados e narrados por meio de uma escrita selvagem,

antropofágica, produzida como lascas de pedras que se descolam das jazidas para existir de outros modos.

Endender a fluidez das pedras é essencial para a prática da extração, modelagem e construção com esse material. Na escrita, fui guiado pela busca da compreensão dos fluxos e forças que envolvem a relação entre pedras, extratores e a cidade de Rio de Contas. Recomenda-se não impor seu tempo ao tempo das pedras. É necessário antes apresentá-las, tarefa a que se propõe o primeiro capítulo, ao trazer as reflexões iniciais decorrentes dessa imersão etnográfica, entendendo a pedra não como um objeto estagnado no mundo, mas como fluxo. A relação histórica das pedras na fundação e edificação da cidade de Rio de Contas também é abordada neste capítulo, sobretudo de uma perspectiva que privilegiará os processos de subjetivação produzidos na relação entre os humanos e os materiais nos empreendimentos coloniais e nos processos de patrimonialização.

Já no segundo capítulo, narro o meu encontro com os dois principais interlocutores desta pesquisa: o Homem Bomba e o Pedreiro Artesão. As trajetórias de vida, as técnicas e as cadeias operatórias da extração e da construção com pedras praticadas em Rio de Contas são as balizas das reflexões sobre os diferentes modos de relação que cada processo exige. Neste capítulo, também apresentarei as pedreiras e as pedras com as quais cada um destes extratores se relaciona, descrevendo a relação entre pedras, objetos técnicos e extratores como meio para pensar a fronteira entre os conceitos de *materialidade* e *de mundo de materiais*.

O terceiro capítulo fala sobre a existência das pedras fora das pedreiras, sobretudo do seu uso na construção cívica contemporânea de Rio de Contas. A construção de um tanque biológico pelo Pedreiro Artesão, com técnicas da Permacultura e da Bioconstrução, é o mote para se pensar a arte da composição com as pedras. Esta prática, operada pelo Pedreiro Artesão, modifica e instaura outros modos de existência para as pedras, principalmente na relação com os outros materiais que compõem uma edificação. Nesta “arte da composição”, o que também se instaura é a germinação de outros modos de existências para as pedras.

No quarto capítulo me proponho a tirar “o leite das pedras”. Usada frequentemente para indicar coisas e processos difíceis, esta expressão é tomada como inspiração na construção de um esboço de uma teoria do conhecimento das pedras. Para tanto, são feitas ponderações sobre as diferenças existentes entre o conhecimento

técnico científico e o conhecimento operado pelos extratores de pedra em Rio de Contas. Em seguida, inspirado na teoria do perspectivismo ameríndio elaborada por Viveiros de Castro, um exercício voltado para reconhecer a existência de um ponto de vista das pedras é realizado.

O quinto e último capítulo é composto por fotografias digitais produzidas em Rio de Contas ao longo da imersão de pesquisa etnográfica e artística. Esta narrativa visual fala sobre as texturas, cores, linhas, fissuras, entranhas, dobras e silêncio das pedras. Como rastros imagéticos, as fotografias podem ser vistas como fios que se entrelaçam para expressar os múltiplos modos de existência das pedras.

Por meio da experimentação com diferentes grafias, a polifônica composição textual, imagética e teórica que constitui esta tese fala sobre modos de relação estabelecidos com as pedras em Rio de Contas em contextos específicos. Desta composição, emergem reflexões sobre os materiais, as técnicas, a cidade e o mundo das pedras. Portanto, a multiplicidade de pontos de vista dos seres humanos e não humanos com os quais pude estabelecer interlocução durante o processo desta pesquisa fez com que esta etnografia voltasse o seu olhar para a vida das pedras, para a sua condição de vivente e a sua capacidade de diferenciação de si mesma.

1 PEDRA COMO CAMINHO

Rio de Contas já existiu de diversos modos. Foi pouso de viajantes, comunidade, Distrito, vila e cidade. Em cada momento histórico, a sua duração ocorreu de forma distinta, com características próprias. Para a constituição da cidade, pedras foram extraídas e ordenadas de diversas formas, sobretudo para que fluxos de vida humana pudessem povoar a região.

As pedras também têm histórias e elas se entrelaçam com a do surgimento da cidade de Rio de Contas. Da perspectiva das pedras, da sua relação com os humanos, uma nova leitura sobre a relação entre as pedras e Rio de Contas emerge, pois a pequena cidade do Alto Sertão baiano, fundada para ser sede administrativa e financeira da região no século XVIII, surge antes de tudo da relação com as pedras de ouro.

Por volta de 1710, o bandeirante paulista Sebastião Pinheiro Raposo encontra lavras de ouro na região, evento que logo atraiu garimpeiros e comerciantes, dando origem a novos povoamentos. Portugal, sede colonial na época, interessada principalmente em garantir o pagamento do quinto, cria, por meio da Provisão Real de 1745, a Vila Nova de Nossa Senhora do Livramento e Minas do Rio de Contas.

Porém, o povoamento de Rio de Contas não começa com a chegada dos Bandeirantes. Estudos arqueológicos realizados em 2006, por ocasião da pavimentação da rodovia BA-148, identificaram pinturas rupestres e sítios arqueológicos em povoados rurais da região⁹. Antes da chegada dos Bandeirantes e da intensificação do processo de colonização, essa região já era habitada por povos que estabeleciam outras relações com o meio, diferente daquelas baseadas nos paradigmas e valores da modernidade ocidental.

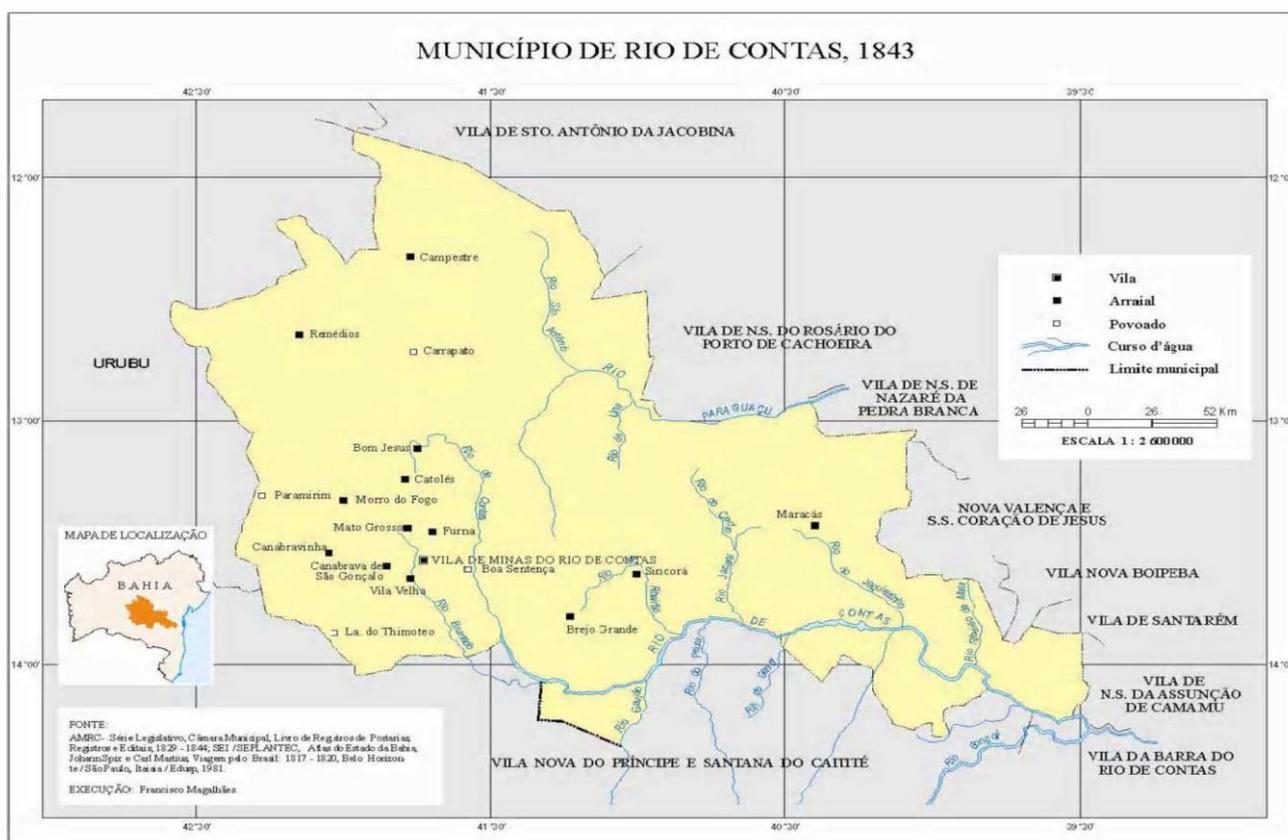
A historiografia local também indica que no passado escravos alforriados se instalaram na margem direita do Rio de Contas Pequeno, atual Rio Brumado. Em pouco tempo, nessa localidade, formou-se o povoado denominado Pouso dos Creoulos, local de parada dos viajantes vindos do Norte de Minas e de Goiás com destino a Salvador.

A descoberta de ouro no leito do rio Brumado atraiu à região grande número de garimpeiros, evento que provocou mudanças no fluxo populacional e nas formas de habitar o lugar, pois, com ele, o Pouso dos Creoulos deixou de ser um descanso para

⁹ COMERLATO, Fabiana, COSTA; Carlos Alberto Santos; FERNANDES, Henry Luydy Abraham. Relatório Final. *Diagnóstico e Levantamento Arqueológico no Traçado da Rodovia BA-148* (Rio de Contas – Jussiape). Salvador: Processo IPHAN 01502.001145/2006.33 – Portaria n° 148 de 06/06/2006, 2006.

viajantes, tornando-se um possível lugar para a exploração de pedras, neste caso, das pedras de ouro.

No passado colonial, Rio de Contas se constituiu como uma cidade administrativa, tendo papel central na tributação dos impostos decorrentes da atividade garimpeira. A região necessitava de um centro que pudesse oferecer serviços urbanos (pequeno comércio de manufaturados, ofícios burocráticos, etc.), tendo a distância geográfica da capital e o difícil acesso – Rio de Contas está localizada numa serra a 1100 metros de altitude – contribuído para que, na cidade, fossem criados ambientes de sociabilidade urbana.



Fonte: AMRC, Série do Legislativo, Câmara Municipal Livro de Registros de Portarias e Registros Eclesiais de 1829- 1844. GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. SEI-SEPLANTEC.

As forças colonizadoras provocaram na cidade não só o genocídio indígena e a escravização dos negros, mas, de certo modo, o mundo dos materiais também foi afetado por tais forças. Nesse sentido, as pedras em Rio de Contas não foram simplesmente extraídas do solo e transformadas em material construtivo, não são apenas

testemunhas materiais passivas da história da cidade, mas, sim, um dos importantes elementos presentes no emaranhado de forças que constituíram o lugar.

O que chamo de forças colonizadoras não diz respeito somente a um período histórico em que os impérios europeus dominavam politicamente as colônias nas Américas, África e Ásia, mas, sobretudo, a um regime de dominação subjetiva etnocêntrico motivado principalmente pelo desejo de aniquilação da diferença. Se as pedras foram fundamentais na edificação do novo povoamento que se instalava na região, é na relação entre humanos e pedras que veremos surgir novos regimes subjetivos dando outro contorno à cidade.

Para que as pedras, que antes existiam no solo, nas pedreiras, passassem a existir na cidade como material construtivo, uma série de transformações e articulações ético-políticas entre o meio, as relações sociais e a subjetividade humana ocorreram. Guattari (2001) em *As três ecologias*, dá o nome de *ecosofia* à relação entre essas três ecologias, não concebendo uma forma de se pensar os modos de vida humanos individuais e coletivos que a desconsidere.

Com essa ampliação da concepção de ecologia, que inclui a relação entre o sujeito e o corpo, o tempo e os contextos sociais, econômicos e políticos, pensar os regimes subjetivos criados nesse campo é fundamental para o entendimento dos modos como o humano se relaciona com o meio. Nesse sentido, eventos históricos como a descoberta do ouro em Rio de Contas, o processo de escravização dos negros no Brasil e a própria colonização também expressaram mudanças significativas no modo de existir das pedras.

Pedras e colonização

Em Rio de Contas, a igreja de Santana e a Matriz do Santíssimo Sacramento, bem como a antiga Cadeia, foram construídas com pedras por negros escravizados. A exploração dessa mão de obra foi um dos eventos que atuou para a formação do novo regime de povoamento que se instalava, pois era inconcebível, naquela época, arquitetar a construção de prédios públicos, feitos com grandes alvenarias de pedras, com o trabalho remunerado.

Nesse sentido, tanto o plano físico quanto o social foram afetados pelas forças colonizadoras, o que não significa que essas duas esferas andem separadas, mas, ao contrário, que coexistem na relação. Essas forças atuaram – e ainda atuam – de modo

diferente em cada um desses planos, com características próprias de ação. Porém, o propósito é o mesmo, o estabelecimento violento de uma forma, um modo de operar que destrói a diferença, estabelecendo um padrão que soterra, captura e aniquila outros modos possíveis de existir.

A obstrução dos fluxos vitais na prevalência de uma perspectiva que privilegia a união entre forma e matéria, também presente nas edificações dos prédios públicos em Rio de Contas, reverbera na tentativa de se estabelecer uma forma definida para o novo regime de povoamento que se instalava na cidade, ou seja, o de “civilizar” a população local, agindo sobre seus hábitos e práticas. O “civilizar” nesse aspecto, nada mais é do que a imposição etnocêntrica, movida pelas forças colonizadoras, de modos de existência pautados nos valores de uma classe, ou grupo dominante, que nesse caso são aqueles do capitalismo e da modernidade ocidental¹⁰.

Elias (1994, p. 134), em seu estudo sobre o processo civilizatório e a teoria da civilização, afirma que as mudanças sociais se processam gradualmente, condicionadas principalmente por estímulos aos sentimentos de medo, vergonha, embaraço e nojo. Nesse sentido, a imposição de uma forma empreendida pelas forças colonizadoras perante os modos de vida da população local, ocorreu não somente no plano dos hábitos, costumes e crenças, mas também no âmbito das materialidades, reconfigurando-se os modos de construir, habitar e de se relacionar com o meio.

Como já colocado por Ingold (2015), não existe um mundo social que não seja o mundo de materiais, pois as estruturas sociais habitam os corpos humanos e o próprio corpo do mundo, não existindo um “fora” do mundo de materiais. Nesse sentido, Ingold se apropria do pensamento de Simondon (1980) para pensar a matéria como algo vivo: “A matéria está viva está longe de ser pura indeterminação, ou pura passividade. Tampouco é uma tendência cega; trata-se, ao contrário, do veículo de energia informada” (SIMONDON, 1989, p. 66).

Desse modo, assim como as relações sociais e os modos de vida “não civilizados” foram afetados pelas forças colonizadoras em Rio de Contas, as pedras e todo o meio também o foram. O que não significa que uma “forma cultural” foi passivamente atribuída as pedras, ou que exista uma real dualidade entre “mundo material/mundo cultural”, mas que a transformação do modo de existir das pedras

¹⁰ Ver CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. Revista de Antropologia, São Paulo: v.35, 1992, p. 39.

afetou e também foi afetado pela transformação dos modos de existir dos bichos, das plantas e dos humanos.



Vista do centro da cidade. Fonte: acervo pessoal de Fernando Pinto, sem datação.

Pedras preciosas e subjetividades garimpeiras

A cidade de Rio de Contas, fundada no interior da Bahia para ser centro de mineração de ouro e uma espécie de capital regional da época, sofreu vários momentos de declínio e estagnação econômica provocados pelo esgotamento das pedras de ouro. A pedra, que até então havia impulsionado o surgimento e a prosperidade econômica de Rio de Contas, passa a ser também o motivo da sua estagnação e declínio.

O momento de maior prosperidade econômica vivenciado pela cidade foi durante a segunda metade do século XVIII, porém o período de abundância e riqueza durou somente até 1800, ocasião em que o ouro se esgotou. A partir de 1844, pedras de outra qualidade passam a atrair as pessoas para a cidade de Mucugê e Lençóis, também na Chapada Diamantina. Lá, pedras de diamante haviam sido descobertas, o que redirecionou o fluxo da população empobrecida de Rio de Contas para estas cidades, em busca de novas riquezas.

Mas mesmo após o esgotamento do ouro, Rio de Contas continuou sendo uma importante cidade do Alto Sertão baiano¹¹, pois servia de ponto de pouso para os viajantes vindos de Goiás e do norte de Minas Gerais em direção à Salvador, na rota que ligava o Vale do São Francisco ao Caminho da Costa, que ligava, por sua vez, a cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, à cidade de Ilhéus.

Segundo Neves (2007), uma ampla rede viária já recortava o interior da Bahia em meados do século XVIII. Os caminhos de Ouro Fino ou do Ouro Boa Pinta, a Estrada Real, a estrada das Boiadas, o Caminho da Costa eram, sem dúvida, os mais importantes e os que estruturavam tal rede, a qual comportava diversos outros. Na primeira metade do século XIX, em 1932, novas lavras de ouro foram descobertas em Rio de Contas, provocando uma nova corrida garimpeira. A cidade, então, sai da estagnação econômica em que se encontrava, mas por um curto período de tempo, pois em 1939 o ouro se esgotou novamente e um novo período de estagnação se instalou em Rio de Contas.

De modo semelhante ao que ocorreu no subsolo, onde as lavras de ouro foram rapidamente extraídas e levadas para longe, algo se passou na superfície da cidade. A empreitada do garimpo, que povoou e posteriormente provocou o êxodo em Rio de Contas, também deixou suas marcas nos modos de habitar e de se relacionar com a

¹¹ Porção do extremo Sudoeste baiano com grandes altitudes e limites imaginários, mas que de forma genérica compreende as sub-regiões da Serra Geral, franjas do Médio São Francisco, do Sudoeste e de Paraguaçu (NEVES, 1998; ESTRELA, 2003).

cidade. A predação do empreendimento colonial impactou não somente o subsolo de Rio de Contas, mas contribuiu também para a construção de uma subjetividade onde a cidade é percebida como um lugar de exploração seja dos seus meios materiais, paisagísticos, ou culturais. Para Guattari e Rolnik (1986), a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação, onde os processos de subjetivação – ou seja, toda produção de sentido – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais.

Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanta de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 31).

Nesse sentido, o fato de Rio de Contas ter vivenciado a experiência da colonização e do garimpo significa também que estes eventos atuaram para a construção de uma subjetividade que tornasse possível tais empreendimentos. Ainda segundo Guattari e Rolnik (1996), as expressões sociais não são simplesmente aglomerados de subjetividades individuais, mas é, ao invés, a subjetividade individual que resulta da relação entre forças coletivas, sociais, ecológicas, tecnológicas etc. Portanto, da relação entre as pedras preciosas, o poder colonial, a população local e o ambiente emerge em Rio de Contas o que denominarei de *subjetividade garimpeira*.

Esse tipo de subjetividade reverbera principalmente no modo de se relacionar com a cidade. Nômade por excelência, o garimpeiro não fixa morada, pois sua estadia em cada local depende antes de tudo da existência das pedras preciosas que ele segue e prospecta. Pedras não podem ser cultivadas, são extraídas. O agricultor, por sua vez, também utiliza a terra para gerar riqueza, mas, neste tipo de engajamento, o cultivo é necessário. A terra utilizada para a agricultura precisa ser cuidada, regada e nutrida, caso contrário se tornará infértil. Diferente do garimpeiro, o agricultor precisa permanecer, estabelecendo certo tipo de aliança com a terra.

Já a terra, na perspectiva do garimpeiro, precisa ser vencida, pois a sua aliança é precisamente com as pedras preciosas. Esse tipo de subjetividade foi se tornando mais forte à medida que ela também fortalecia o empreendimento colonial em Rio de Contas.

De forma metafórica, o poder colonial estaria mais próximo do sistema de garimpo, pois ambos estão interessados na exploração pautada na extração e no escoamento de riquezas para lugares distantes daquele em que foram geradas. Portanto, próximo ao modo de operar da *subjetividade garimpeira* está o da *subjetividade colonial*.

Pedras e cidade

A história oficial do surgimento da cidade de Rio de Contas sempre foi contada pela perspectiva das pedras preciosas e dos “conquistadores”, aqueles que são representados na historiografia como os desbravadores do Sertão, heróis destinadores do progresso e da civilização em ambiente inóspito e selvagem. No que diz respeito à relação entre pedras e cidade, não só as pedras de ouro e diamante foram importantes para a constituição do que hoje é Rio de Contas, mas as pedras utilizadas na construção civil também foram fundamentais na construção historiográfica deste lugar.

Assim, no que diz respeito à materialização da cidade, pedras de outra qualidade foram utilizadas para erguer edificações. Grande parte das edificações do poder colonial local – igrejas católicas, Casa de Câmara e Cadeia etc. – foram construídas principalmente com elas. Porém, outros sentidos foram atribuídos às pedras utilizadas na construção civil da cidade. Sem grande valor monetário, elas passaram a ter valor simbólico, sobretudo após os processos de patrimonialização ocorridos em Rio de Contas.

Antes do registro do conjunto arquitetônico do município como patrimônio nacional em 1980, algumas edificações como a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, a Igreja de Santana e a Casa de Câmara e Cadeia já haviam sido tombadas no Livro Histórico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio nacional desde os anos 1950.

A Casa de Câmara e Cadeia, segundo consta no Livro de Tombo Histórico do IPHAN (1959), foi construída com pedras entre os séculos XVIII e XIX. Ela é considerada um exemplo tardio deste tipo de edificação e possui dois pavimentos recobertos por telhado de quatro águas, desenvolvendo-se em planta retangular com cômodos intercomunicantes. Funcionava no térreo dessa edificação a Cadeia, a Casa do Carcereiro e a Audiência.

Já a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, registrada em 1958 no Livro de Tombo Histórico do IPHAN (1958), foi construída na segunda metade do século XVIII

para ser a Igreja Matriz da Vila Nova de Nossa Senhora do Livramento e Minas do Rio de Contas. Essa Igreja é considerada o mais relevante exemplar da arquitetura religiosa do sertão baiano, com uma forte influência barroca. Ela foi projetada para ter corredores laterais superpostos por galerias de tribunas, entretanto, as tribunas entaipadas, os alicerces e pedras de amarração indicam que o edifício não chegou a ser concluído.

Datada da primeira metade do século XVIII, as ruínas da Igreja de Santana também foram tombadas em 1958. Segundo consta no Livro de Tombo Histórico do IPHAN (1958), ela foi construída em alvenaria de pedra e nunca chegou a ser concluída, tendo suas obras paralisadas em torno de 1850, em razão do êxodo da população local para outra região mineira.

As duas principais edificações religiosas da cidade não foram finalizadas justamente pelo esgotamento do ouro, decadência econômica e êxodo da população local. Nesse sentido, o deslocamento extensivo expresso pelo êxodo se conecta a um movimento intensivo da subjetividade incapaz de permanecer, de estabelecer outra relação com a terra e o território que não passe pela extração de riqueza.

Porém, até mesmo o empreendimento garimpeiro/colonial necessitava de infraestrutura, o que fomentou dois modos de subjetivação em que a permanência se coloca diferentemente: permanecer até esgotar, permanecer para cultivar. Não se trata de hierarquizar que tipo de relação seria mais ou menos adequada para se estabelecer com a cidade. O que importa para esse trabalho são as reverberações produzidas na relação entre humanos e materiais, neste caso mais específico, entre humanos e pedras. Pensar as distinções entre pedras preciosas e pedras da construção civil, permanência e êxodo, faz-se necessário, portanto, para o entendimento dos lugares simbólicos que esses materiais ocupam e operam no contexto local da produção subjetiva.

Segundo Sanches (2008, p. 29), as áreas mineiras no século XVIII, incluindo Rio de Contas, eram formadas por uma estrutura social complexa marcada pela presença de uma classe trabalhadora intermediária, caracterizada principalmente pelo trabalho esporádico e eventual. Essas áreas, além de se configurarem como centro de consumo de mão de obra livre e escrava, eram também propícias para a urbanização e o comércio relacionado ao suprimento de mantimentos e manufaturados, como, por exemplo, o artesanato em couro e a venda de carne seca.

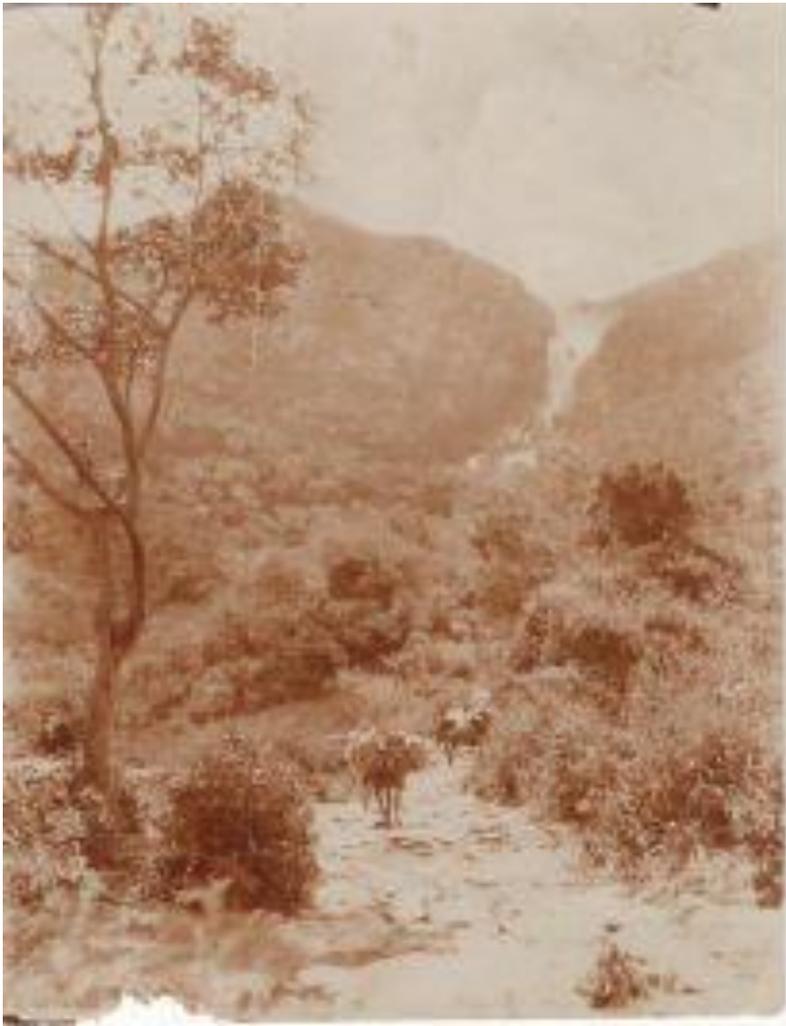
Por mais que o ouro tenha se esgotado em 1939, a cidade de Rio de Contas continuou existindo independentemente da sua relação econômica com ele. Porém, essa pedra preciosa permaneceu sendo venerada, lembrada como o elemento que

proporcionou glória, riqueza e poder a cidade. As pedras utilizadas na construção da cidade, hoje considerada Patrimônio Nacional, foram valorizadas sobretudo porque são testemunhas materiais do passado colonial de glória do ouro, de ascensão econômica da elite local do garimpo e da exploração da mão de obra negra escravizada.

O fato de tais edificações terem sido tombadas e patrimonializadas não significa que houve somente uma valorização dos modos de vida e da história da população de Rio de Contas. O que foi reconhecido e valorizado juntamente com as edificações foi o poder colonial que se atualiza na relação com a cidade, suas edificações, os materiais e sua população por meio das políticas de patrimonialização.

Como colocado por Viveiros de Castro (2016), no prefácio do livro *A Queda do Céu*, o sistema do garimpo contemporâneo é semelhante à geopolítica do colonialismo, pois o serviço pesado é geralmente feito por homens miseráveis, mas quem controla e financia esse dispositivo está distante da luta corpo a corpo, protegido por imunidades as mais diversas. No século XVIII, não era muito diferente: por mais que não se tratasse de batalhas no âmbito jurídico, o dispositivo do sistema garimpo atuava também na exploração da mão de obra dos pobres libertos e dos negros escravizados.

A história das edificações e das pedras em Rio de Contas está entrelaçada com as narrativas oficiais sobre o surgimento do Estado-nação brasileiro. Porém, da relação entre a população local e as pedras (preciosas ou não) percebe-se que não somente as edificações duraram, mas também uma subjetividade onde a exploração e a manutenção de hierarquias atuam na predação dos corpos e dos recursos naturais. Nesse sentido, as marcas da colonização coexistem no tempo presente, pois tais marcas são capazes de atualizar modos de relação que rebaixam as práticas e os saberes que não estão diretamente vinculados às forças colonizadoras.



Trecho da Estrada Real que ligava a Vila de Rio de Contas à Vila Velha, hoje Livramento de Nossa Senhora. Pavimentada com pedras brutas por negros escravizados no século XVIII, a Estrada Real era usada por tropeiros e viajantes, servindo para o comércio com Salvador (via Cachoeira), Minas Gerais e Goiás. Pela Estrada Real circulavam as tropas do Rei de Portugal que levavam o ouro para o Porto de Salvador e de lá, para Lisboa. Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio de Contas, sem datação, provavelmente dos primeiros anos do século XX.



Garimpeiros na Cachoeira do Fraga - primeira de três cataratas formadas pelas quedas do rio Brumado. A cachoeira está localizada a aproximadamente 4 km do perímetro urbano de Rio de Contas, entre as formações rochosas do Parque Natural Serra das Almas (PNSA). Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio de Contas, primeiras décadas do século XIX.



Clube Rio Contense, fundado por um grupo da elite econômica da cidade em 1902. Em seu regimento estava declarada a proibição da entrada de negros, proibição que continuou vigente até meados da década de oitenta do século passado. Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio de Contas, sem datação



Entre Pedras e Patrimônios

Minha idade é o tempo em que eles começaram a extrair pedras. Não foram os primeiros, mas na minha família tem mais ou menos uns trinta anos que a gente vive da extração de pedras. E muita coisa deu para aprender nesses vinte anos, tempo que consegui adquirir algumas experiências com a pedra. E Rio de Contas é uma cidade que quando alguém chega aqui já se depara com pedras. É pedras no chão da cidade, é pedras ao redor da cidade, pedras de tudo quanto é jeito, tudo quanto é forma e de várias formas de serem usadas também. [...] (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Comecei a olhar mais para as montanhas, a pensar sobre o surgimento da cidade no contexto da exploração do garimpo. No passado, as pedras de ouro e de diamante movimentaram a economia, as relações sociais e financiaram a construção de monumentos em Rio de Contas. Como já mencionado anteriormente, algumas dessas edificações, como a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, a Igreja de Santana e a Casa de Câmara e Cadeia, foram construídas majoritariamente com pedras. O fato de essas edificações terem sido assim construídas consta no processo número 0891-T-73 de 8 de abril de 1980, sob a inscrição 076 que registra o conjunto arquitetônico do município de Rio de Contas no livro de tomo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IPHAN como patrimônio nacional. Segundo o dossiê do tombamento (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 1980 s/p):

Rio de Contas é uma das raras “cidades novas” coloniais, criada por Provisão Real, de 1745, que recomendava a escolha do sítio próximo a algum outro já existente, traçado regular e arquitetura capaz de garantir seu embelezamento. A cidade apresenta praças e ruas amplas, igrejas barrocas e arquitetura civil sem paralelo em todo o Sertão Baiano. Este acervo é constituído basicamente por edifícios da segunda metade do século XVIII e início do XIX, de relevantes características arquitetônicas, que conservam o mesmo padrão adotado no litoral do estado, sendo os monumentos religiosos e públicos em pedra e o casario em adobe. Estas casas apresentam cunhais e friso em baixo-relevo, com decoração ímpar e, até recentemente, predominantemente na cor branca, o que tem se alterado nos últimos tempos [...].

As noções de “beleza” e de “excepcionalidade” estão presentes no discurso do processo que registrou essas edificações como patrimônio nacional. O patrimônio cultural nas suas diversas formas – monumentos, paisagens, celebrações, formas de expressão, saberes e fazeres, coleções etc. – representa alegoricamente valores de excepcionalidade, de autenticidade e de relevância histórica. Além disso, ele também pode representar uma poderosa narrativa sobre a “identidade nacional”, de modo que o processo de tombamento, ou de registro, geralmente é efetuado quando um “bem cultural” representa expressões culturais, artísticas e históricas entendidas como

relevantes para um grupo social, ou para a nação (GONÇALVES, 1996, LIMA FILHO 2009).

No caso das narrativas locais sobre a construção da Igreja de Santana, os maus tratos e a violência sofridas pelos trabalhadores que construíram esse monumento estão mais em evidência do que a “excepcionalidade”. Conforme consta nos documentos pesquisados no Arquivo Público Municipal da Cidade, a mão de obra utilizada na construção da Igreja foi escrava e negra. Mas o que as pedras, pensadas também no interior do fluxo da colonização, podem nos dizer sobre as relações entre materiais construtivos e a cidade? Para Balandier (1993), a topografia das cidades coloniais e a segregação nelas presente são testemunhos materiais da importância adquirida pelo fator racial. O conjunto de condições particulares em que o choque das civilizações, ou o choque das raças ocorreu é o que Balandier (1993) nomeou de *situação colonial*. O que configuraria esta situação seria a “[...] dominação imposta por uma minoria estrangeira, racial e culturalmente diferente, em nome de uma superioridade racial (ou étnica) e cultural e dogmamente afirmada” (BALANDIER, 1993, p. 128).

Um antigo morador da cidade, vizinho da igreja, afirmou que no local onde a igreja foi construída havia uma pedreira. Ele acredita que a maioria das pedras utilizadas na construção foi extraída desse local. Já o Pedreiro Artesão, extrator de pedra e interlocutor dessa pesquisa, tem outra teoria para as pedras da Igreja de Santana, ele acredita que elas vieram de outro lugar:

Creio que aquelas pedras são pedras próprias para aquele tipo de trabalho, o povo pensa que aquelas pedras foram extraídas de qualquer jeito aí na cidade, mas não foram não... eu acho que muitas daquelas pedras vieram de fora, viu? Porque não é em qualquer lugar que tem dessas pedras, você vê assim que são umas pedras cortadas que você não vê as talhas, né? Mas tem algumas lá, principalmente as que se destacam mais, aquelas das portas... ali veio de fora, com certeza... minha família sempre trabalhou com um tipo específico de pedra. Aqui mesmo na cidade se explora, quer dizer explorava, hoje não tanto quanto antes. A pedra para o alicerce, para ser feito o fundamento da casa era extraída tudo aqui na cidade mesmo. E era a mais conhecida... Depois se utilizou para fazer o calçamento da cidade, que é uma pedra grosseira, tanto é que o calçamento não é tão bom assim, mas era o que se conhecia e se utilizava aqui. Eu creio que quando construíram algumas obras¹² com pedra aqui em Rio de Contas foram muito bem selecionadas. Pela qualidade que eles alcançaram para fazer paredes tão perfeitas, eu creio que até de fora daqui veio pedras para se construir (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

As pedras da Igreja de Santana carregam as marcas de momentos históricos vivenciados pela cidade de Rio de Contas, momentos que se entrelaçam com a história

¹² Nesse momento, Fabiano refere-se às edificações patrimonializadas, como a Casa Câmara e Cadeia, Fórum, Igreja de Santana e a Igreja Martiz.

do Estado-nação brasileiro. Mas essas pedras, antes de tudo, já habitavam o mundo, já carregavam em seus corpos outras marcas, forjadas na relação com outros materiais, criando assim sua própria história. Será que fomos alfabetizados para ler as pedras? Conseguimos sentir e estabelecer interlocução com elas? O Pedreiro Artesão já leu muitas páginas desse livro, do livro das pedras. Ele percebe as pedras da Igreja de Santana, segue suas linhas, seus cortes, podendo assim argumentar sobre sua origem.

As pedras utilizadas nas edificações históricas da cidade de Rio de Contas não são apenas vestígios materiais do passado. O “ser” das pedras não está desvinculado do “ser” dos humanos e dos outros materiais que habitam o meio. As pedras da igreja de Santana estão em constante relação com o sol, a chuva, o vento e com os humanos. Não se trata de um material passivo, morto, que segue sem transmutar. Certamente a coloração, textura, porosidade e resistência das pedras da Igreja de Santana e das outras edificações históricas da cidade mudaram. Nesse sentido, essas pedras educam não somente por serem vestígios de um tempo passado, mas por comunicarem sua existência no fluxo da vida.





Fluxos de cidade

Como um garimpeiro que insiste, continuei minha empreitada de pesquisa em Rio de Contas. Como já dito, no passado, as pedras de ouro e de diamante forjaram a fundação desse lugar. Porém, meu engajamento de pesquisa agora esta voltado para pedras de outra qualidade, para as pedras utilizadas na construção civil, material que edificou e edifica. Até então, nunca havia vivido por tempo extenso em Rio de Contas, e nessa experiência foram oito meses de relação com pedras, extratores e a cidade. Mas por ser de Marcolino Moura, por ter construído ao longo dos últimos dez anos uma relação de pesquisa na cidade, estar lá não era a novidade, o novo era estar lá por tanto tempo como etnógrafo.

Apenas dezoito quilômetros separam Rio de Contas a Marcolino Moura, porém as distinções existentes entre esses dois lugares são bastante acentuadas. As diferenças não são somente de ordem sociocultural, toda a paisagem muda. Uma serra íngreme precisa ser atravessada, a vegetação passa de caatinga para cerrado, a temperatura cai quando se chega a Rio de Contas. A minha percepção perante a cidade também foi construída pelas relações vivenciadas anteriormente nesse lugar. O meu olhar nunca foi estrangeiro, minha experiência etnográfica sempre foi atravessada por relações de parentesco, memórias e afetos.

Por meio das pedras, outras percepções surgiram perante a cidade. Mas antes de adentarmos na terra, nas camadas mais profundas, vamos observar esta cidade de cima, como se das montanhas saíssemos em voo raso e olhássemos para suas ruas, para as pessoas, fazendo breves mergulhos até o chão. Como um conjunto ordenado de fotogramas, feitos em *plongée*¹³ inclinados pela antropologia, mergulharemos na cidade pelos seus fluxos cotidianos.

Por volta das 6 horas a movimentação tímida começa na Praça da Matriz, em Rio de Contas. A partir desse horário, os carros de estilo Van começam a chegar a Praça, transportando principalmente moradores de uma região da zona rural do município denominada de baixio¹⁴. Esses moradores são em maioria mulheres adultas, quase sempre acompanhadas dos filhos, crianças com idade entre 1 e 11 anos. Poucos

13 Termo francês, que equivale a “mergulho” na língua portuguesa, consiste em filmar a pessoa ou o objeto de cima para baixo, captando toda a sua dimensão.

14 Esse termo é utilizado para categorizar a região do município com menor altitude, abaixo da serra. O distrito de Marcolino Moura e os povoados da Várzea, Engenho Velho, Casas de Telha, Cafundó, entre outros, estão localizados nessa região.

homens adultos e jovens, mas muitos homens com idade entre 60 e 75 anos. São em sua maioria trabalhadores rurais aposentados, que vão até a cidade para sacarem o benefício da aposentadoria, fazer exames médicos e realizar serviços burocráticos em instituições como os correios, prefeitura, cartório e no sindicato dos trabalhadores rurais,

As Vans passam pela Praça Matriz, deixam alguns passageiros e seguem viagem até a cidade vizinha de Livramento de Nossa Senhora. O movimento maior nesse horário acontece em frente a uma agência do Banco do Brasil. O hospital e os laboratórios de análises clínicas também são lugares que concentram um pequeno fluxo de moradores da zona rural nesse horário. São poucos os moradores da cidade exercendo alguma atividade no comércio logo no início da manhã. Apenas as padarias e a lanchonete vizinha da agência do Banco do Brasil funcionam. Por volta das 8 horas, a agência bancária é aberta e o fluxo da cidade muda. Nesse horário, o comércio local começa a funcionar e, por volta das 8h30, algumas Vans também começam a retornar de Livramento de Nossa Senhora para a zona rural de Rio de Contas.

Poucos carros transitam pelo centro da cidade, a movimentação é principalmente de pedestres. Pelos autôfalantes instalados nos postes de eletricidade da Praça Matriz e do Largo do Rosário ouve-se a rádio comunitária local. Na programação, informativos e propagandas do comércio local são alternadas principalmente com músicas do gênero MPB. Uma mulher circula todos os dias pelo centro da cidade vendendo o “jogo do bicho”. Sempre que me via, oferecia o jogo. Nunca joguei, por mais que já tivéssemos conversado sobre as regras do jogo, não me sentia seguro para ser iniciado como um jogador-contraventor. Ambulantes vendem frutas, verduras, fumo de corada, mel, temperos, CDs de música e DVDs em frente a agência do Banco do Brasil. Os produtos são expostos no porta malas dos carros, em tecidos/lonas estendidos nas calçadas, ou no próprio chão da praça. O som na Praça é uma mistura. Porém, as músicas tocadas na rádio comunitária, sobrepõem-se ao ruído tímido dos automóveis e dos moradores que transitam. As últimas Vans que fazem o transporte dos moradores da zona rural passam por volta das 10h30 pela Praça Matriz. Existe uma ansiedade, os moradores da zona rural precisam resolver todas as demandas na cidade até esse horário, pois o transporte público quase inexistente para quem mora nas comunidades, povoados e distritos do município após esse horário.

Por volta das 10h30 a cidade começa a entrar em um ritmo ainda mais lento. Ao lado da antiga casa de Câmara e Cadeia, também situada na Praça da Matriz, uma pequena fila de Vans se forma a partir das 6 horas, todas as manhãs, exceto aos

domingos. Esses carros fazem a linha de transporte somente entre Rio de Contas e Livramento de Nossa Senhora. Até às 11 horas, aproximadamente, ainda se consegue transporte em uma dessas Vans para a cidade vizinha. Os usuários desse serviço geralmente são os próprios moradores da sede do município.

Os moradores da sede preferem utilizar o serviço do Banco após as 10 horas, momento em que o fluxo de pessoas da zona rural já diminuiu. A partir das 11 horas a movimentação começa a se concentrar próxima às duas churrasqueiras localizadas do lado direito da antiga Casa de Câmara e Cadeia. Mesas são espalhadas em frente a esses restaurantes, e as churrasqueiras, que ficam defronte dos estabelecimentos comerciais, começam a expelir uma forte fumaça no ambiente, defumando o centro da cidade com o cheiro de carne assada. Os cães da rua começam a se aglomerar próximos as churrasqueiras. Cotidianamente, poucos clientes frequentam esses restaurantes, mas lá é também o ponto de parada de almoço dos motoristas que fazem a linha entre a cidade de Vitória da Conquista/Abaira.

Por volta das 12h30 ônibus da empresa Novo Horizonte que faz esse trajeto estaciona próximo aos restaurantes. Além do motorista e do cobrador, alguns passageiros também almoçam ali. A parada dura em média quarenta minutos, o movimento em frente ao restaurante é intensificado. Mesmo os passageiros que não almoçam, transitam no centro da cidade durante a parada. Vão até os supermercados, sorveterias, banheiros.

Depois do horário de almoço a cidade começa a entrar em um profundo silêncio. Os proprietários e funcionários dos restaurantes são praticamente os únicos humanos a habitar o espaço público da cidade.

As 15h30, em média, um grupo de homens se reúne para jogar cartas embaixo de uma amendoeira que fica do lado esquerdo da Casa de Câmara e Cadeia. São na maioria homens entre quarenta e setenta anos, embora disso não se possa ter certeza, porque sob o sol a pele envelhece mais rápido que as pessoas. O jogo se estende aproximadamente até o início da noite. O som próximo desse local varia entre o silêncio, necessário para a concentração no jogo, e o ruído da conversa sobre o cotidiano da cidade. Os assuntos são muitos, transitam desde a política local, até o resultado do último jogo de futebol televisionado.

No fim da tarde, muitos moradores vão às padarias para comprar principalmente pão francês, o fluxo dos moradores da cidade nas padarias é maior nesse horário do que pela manhã. O pão que se compra no fim da tarde também é consumido no café da

manhã do dia seguinte, o que justifica a pouca circulação dos moradores da cidade no centro logo no início da manhã.

A noite é marcada pelas atividades religiosas da igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. Dependendo do dia da semana e da época do ano, a atividade muda, podendo ser uma missa, novena, casamento, batismo ou culto. A Praça da Matriz é pouco habitada enquanto os eventos religiosos estão ocorrendo na igreja. Por volta das 20h30, as celebrações católicas são encerradas e os moradores retornam para suas casas. Esse trânsito é realizado predominantemente a pé. O fim do evento na igreja é também o encerramento da movimentação de pessoas na Praça Matriz. Normalmente, poucos bares ficam abertos após esse horário. O centro, depois das 21 horas, é tomado por um silêncio ainda mais profundo.

Todos os fluxos descritos acima muda em decorrência da data do ano e dos eventos que ocorrem na cidade. No carnaval e na festa de *Corpus Christi*, por exemplo, transforma-se não somente os hábitos cotidianos dos moradores, mas também a todo o funcionamento da cidade. Essas são as duas principais festas que ocorrem em Rio de Contas. A de Corpus Christi, padroeiro da cidade, sagrada. O carnaval, profana. Porém, o que interessa nos itinerários e fluxos descritos não são os eventos que suspendem a ordem de funcionamento da cidade, mas sim o que atualiza, o que move e permanece movendo cotidianamente os fluxos da cidade.

Depois de alguns meses ali, tudo parecia se repetir. Na minha percepção a cidade acontecia em um ritmo lento, pouca coisa mudava. Os horários eram os mesmos, o itinerário das pessoas também parecia ser, os gestos se repetindo com precisão. Assim as pessoas forjavam, no cotidiano, os fluxos disso a que chamamos cidade, aproximando-nos da discussão proposta por Michel Agier (2011) ao pensar como as cidades são produzidas pelos próprios atores sociais em suas múltiplas apropriações cotidianas do espaço urbano. Mas porque esse processo não é idêntico nos diferentes lugares, singularizando cada cidade, achei necessário construir esse relato etnográfico sobre o fluxo e circulação de pessoas no centro de Rio de Contas, a fim de que o leitor possa acompanhar a construção dos argumentos no que diz respeito às relações entre extratores, cidade e pedras, ampliando assim o entendimento do contexto no qual as pedreiras e as pedras ganham existência.

Dentro da abordagem proposta por Agier (2011), a montagem de sequências da vida urbana retiradas do curso “real” da cidade seria a responsável pela produção de conhecimento na antropologia, e não a cidade por ela mesma. Para o autor, essa

montagem deve ser feita por meio de elementos retirados do trabalho de campo, atuando assim no nível microssocial, que diz respeito a situações observadas e vivenciadas com os interlocutores durante essa fase da pesquisa. Já para abranger a “totalidade urbana”, o antropólogo utilizaria as categorias metonímias, metáforas e comparações, como forma de se alcançar uma dimensão analítica interpretativa macrossocial, podendo ampliar assim a experiência do campo para pensar a cidade e suas questões como um todo.

Tendo em vista que o sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica, material e social entre aqueles que o habitam (Agier, 2011), busco nessa narrativa organizar eventos vivenciados durante a experiência do trabalho de campo que são potentes para pensar as relações entre cidade, pedras e extratores.

Em sentido muito próximo ao proposto por Agier, José Guilherme Magnani (2002) defende que a prática da pesquisa etnográfica em contextos urbanos deve levar em consideração um enfoque que seja, ao mesmo tempo, de *perto* e de *dentro* e de *longe* e de *fora*. Essa proposta de duas perspectivas de observação, uma mais aproximada e outra mais distanciada, permite, em sua visão, não reduzir as práticas dos agentes aos grandes determinantes sociais, negando-lhes qualquer tipo de agência, evitando ainda que a pesquisa se confunda com o próprio discurso local.

Levando em consideração tais sugestões metodológicas, particularmente no que diz respeito ao trabalho etnográfico em contextos urbanos (Agier 2011, Magnani, 2002), um dos aspectos que merece atenção é pouca expressividade do comércio local para a economia da cidade. Supermercados, lojas de roupas, utensílios domésticos, lanchonetes, restaurantes, entre outros estabelecimentos comerciais, não concentram cotidianamente grande fluxo de pessoas. A cidade não possui nenhuma rede de supermercados, ou de outro tipo de loja. São estabelecimentos pequenos, de propriedade dos próprios moradores. A sazonalidade da cidade é refletida nos preços e na pouca variedade de produtos disponíveis no comércio local. Durante as datas festivas, como no carnaval, no *Corpus Christi* e nas festas de fim de ano, é possível encontrar maior variedade de produtos, porém os preços também são elevados, pois se trata de uma oportunidade de equilibrar os ganhos perante os períodos de escassez e de pouco lucro.

Frequentemente os moradores de Rio de Contas vão à cidade de Livramento de Nossa Senhora para fazer compras de alimentos, roupas etc. Além do comércio em Rio de Contas não dispor de grande variedade de produtos, os preços são bem mais altos se comparados com os das cidades vizinhas. O comércio local parece funcionar como um

mecanismo de abastecimento emergencial para os moradores de Rio de Contas. Ainda que a principal fonte de renda da população advinha da aposentadoria como trabalhador rural, ou do funcionalismo público, seja no âmbito municipal, estadual, ou federal, atualmente, mesmo que em número reduzido, extratores de pedras, ferreiros, oleiros, carpinteiros e *ourives*, continuam exercendo suas atividades na cidade, utilizando principalmente técnicas tradicionais no trabalho com os materiais.

A produção e a comercialização de manufaturados, agora em outro momento histórico, são atividades “desviantes” do modelo socioeconômico capitalista industrial. O ofício de extrator de pedras é uma prática vista localmente como marginal, exercida por aqueles que não se encaixaram em outras atividades econômicas, sendo inclusive essa prática associada ao risco e à loucura. Nas narrativas dos dois principais interlocutores dessa pesquisa, o fato de o ofício ser classificado como perigoso é apontado como justificativa que atrai, para esse tipo de prática, os loucos, ou os que não teriam outro meio para sobreviver¹⁵.

O deslocamento produzido pelo projeto Refazer, ao relacionar a prática de extrair pedras artesanalmente à noção de sustentabilidade, pode ser pensado como um evento que, juntamente com as transformações econômicas ocorridas na cidade, decorrentes do esgotamento do minério e do declínio do comércio local, mudam a forma como os extratores de pedras são imaginados na cidade.

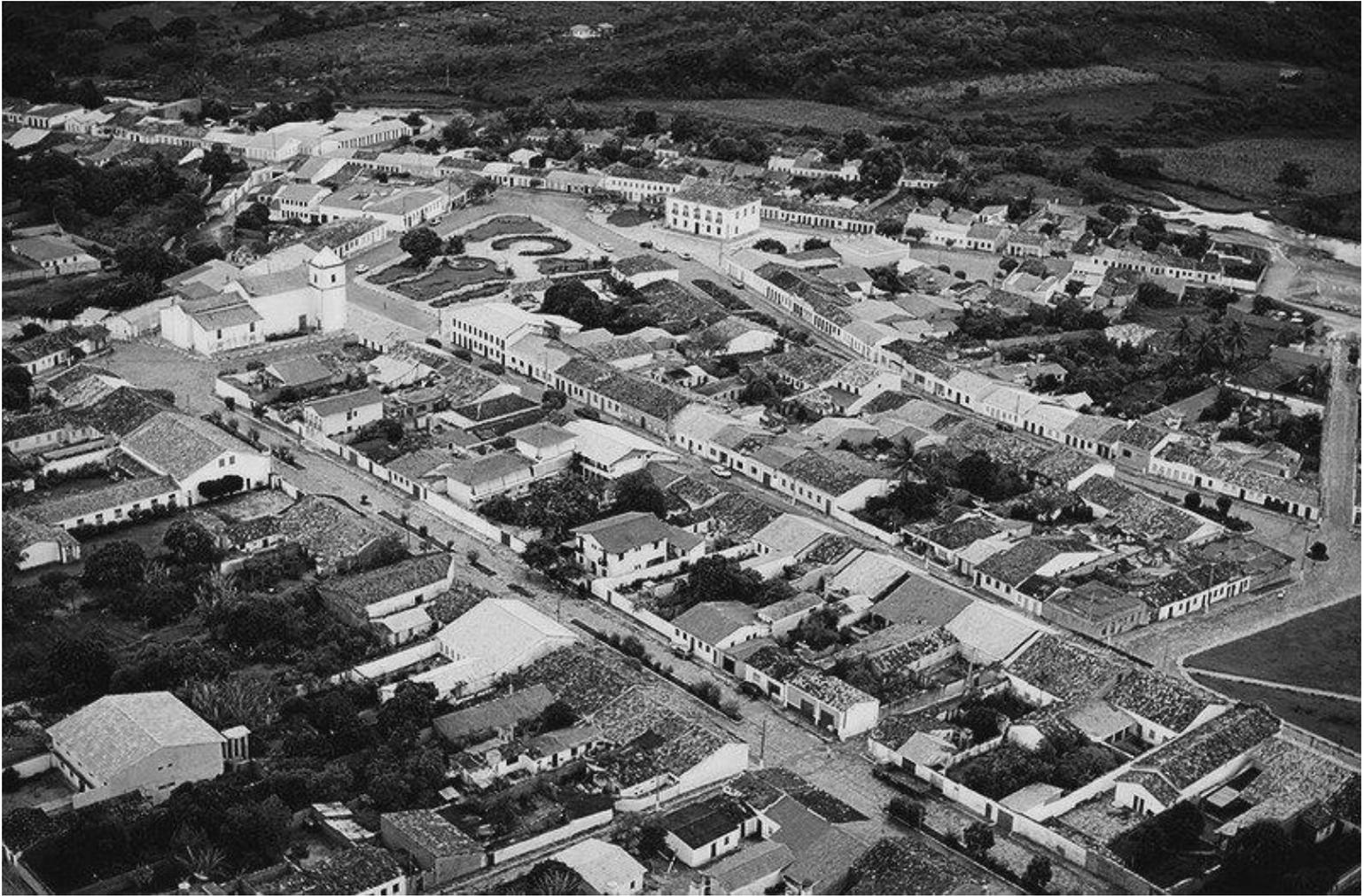
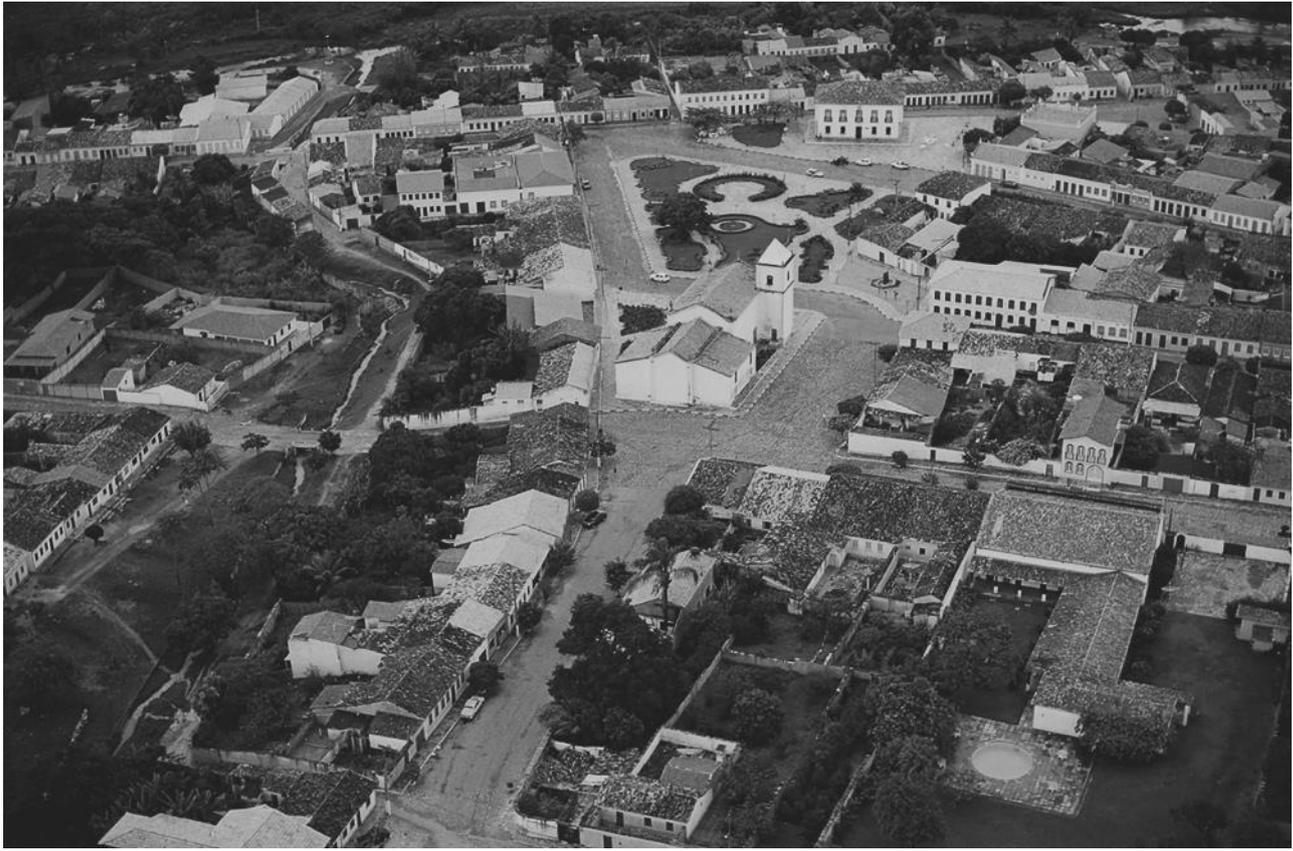
No que diz respeito à relação entre as forças econômicas do capitalismo e os sistemas culturais locais, Marshall Sahlins, em *Cosmologias do capitalismo* (2007), critica a ideia de que a expansão global do capitalismo/sistema mundial agiria como um poder que transformaria os povos colonizados, ou ditos “periféricos”, em sujeitos passivos de sua própria história. O autor argumenta que as relações econômicas tributárias e de contato também são fundamentais para a transformação e o desenvolvimento cultural dos sistemas culturais locais. Neste sentido, mesmo que o capitalismo ocidental tenha disseminado pelo mundo forças de produção, coerção e destruição, as relações e bens pertencentes a esse sistema não têm o mesmo significado em todos os lugares, ocupando, assim, “lugares dotados de significados na ordem local das coisas” (SAHLINS, 2007, p. 445).

As forças capitalistas, no interior dessa lógica, materializam-se de modos distintos, não necessariamente em consonância com noção de fetichismo da mercadoria

¹⁵ Essa discussão será aprofundada no capítulo quatro.

presente nas sociedades ocidentais/capitalistas. Este seria o fator que não enquadraria o sistema mundial dentro de uma “física de relações proporcionais entre impactos econômicos e relações culturais”, pois as forças materiais-globais dependeriam das formas com que elas são entendidas nos esquemas culturais locais (SAHLINS, 2007).

Trago esta discussão para pontuar questões referentes aos sentidos culturais e econômicos atribuídos à prática de construir com pedras na cidade de Rio de Contas. Distante da ideia de que a expansão global do capitalismo/sistema mundial transformaria os povos colonizados em passivos de sua própria história, proponho pensar a presença da pedra na construção civil local como um marcador temporal que também reflete o momento histórico vivenciado pela cidade. Desse modo, o “acontecer”, a ocorrência das pedras, também se entrelaça com a história e o fluxo da vida da cidade.







Pedra na cidade

Nas as casas “modernas” a pedra é utilizada principalmente no revestimento dos muros, mas também como piso das calçadas. No caso do revestimento, a pedra utilizada é a do estilo laje, com a espessura entre 3 e 5 cm, e o tipo de técnica para assentá-la na parede se assemelha a uma espécie de mosaico. A maioria das pedras do estilo laje tem forma irregular, e o pedreiro que utiliza esse tipo de material e de técnica assenta as lajes na parede deixando um pequeno espaço de aproximadamente 2 cm entre uma pedra e outra. Esse espaço é preenchido geralmente com cimento e pintado posteriormente, criando uma espécie de rejunte.

Já nos alicerces, o tipo de pedra utilizado tem forma mais irregular em relação às pedras do estilo laje. Uma das distinções reside no fato de que os “blocos” de pedra utilizados nos alicerces não precisam ser perfeitamente simétricos. Embora as pedras do estilo laje também não precisem, notei que há algumas características em comum nesse material, como a cor, a espessura, etc., indicando que a extração pode ter ocorrido em uma mesma jazida, em uma mesma pedreira, ou com a utilização de uma mesma técnica.

Existe uma visível distinção no tipo de pedra utilizada na pavimentação das ruas de Rio de Contas. O maior contraste é em relação ao calçamento do centro histórico e o das ruas que surgiram recentemente. As pedras que compõem o pavimento do centro histórico são maiores e irregulares, causando turbulência e desconforto para as pessoas que trafegam de carro, motos, ou bicicletas. Já as pedras utilizadas na pavimentação das ruas mais recentes, como as do bairro Sossego e Vermelhão, adotam o paralelepípedo, pedras cortadas com dimensões aproximada de 25x15cm.

Muitos moradores, quando trafegam de carro pela cidade, preferem os trajetos que não passam pelo centro histórico. Essa prática ocorre como meio de evitar o desconforto causado pela turbulência que as pedras utilizadas na pavimentação provocam nos veículos de locomoção, que não foram feitos para esse tipo de pavimento. A velocidade dos veículos é diminuída ao passar sobre essas pedras, minimizando assim o desconforto do atrito gerado entre as pedras e os pneus. Desse modo, as pedras também se configuram como materiais que estão em constante relação com outros materiais, podendo provocar mudanças nos fluxos e se revelando um agente importante na escolha dos itinerários e trajetos da vida cotidiana em Rio de Contas. Mas o que os

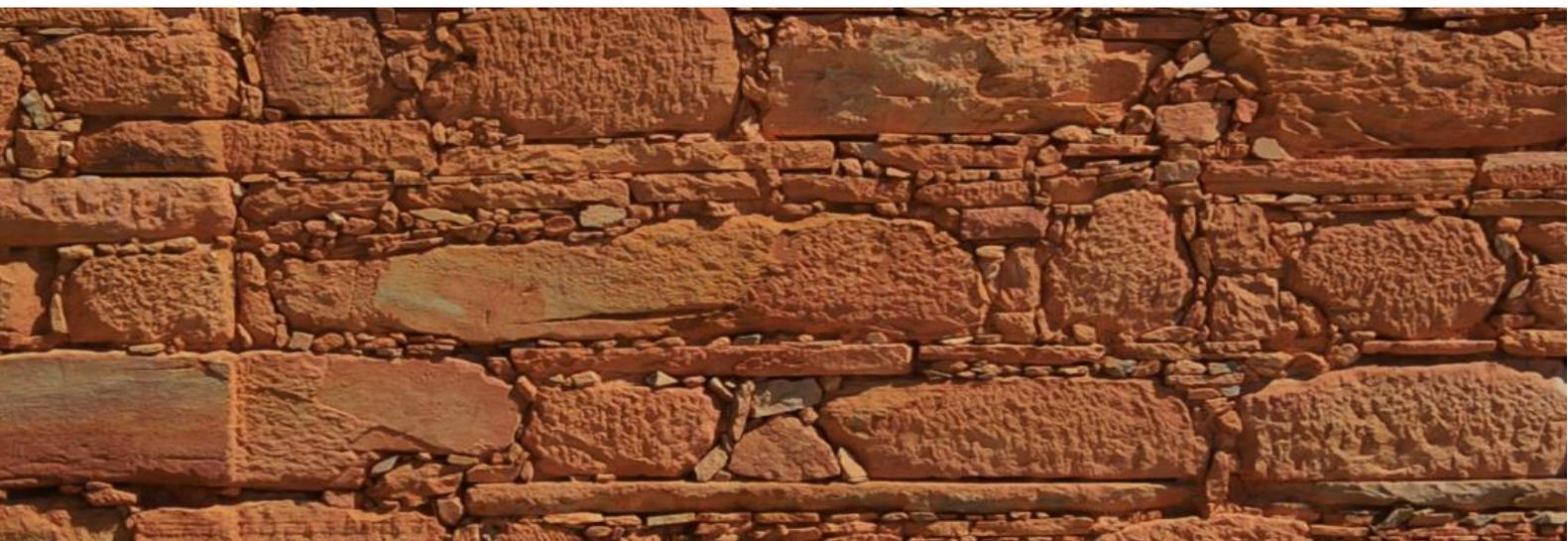
fluxos no centro da cidade de Rio de Contas podem nos dizer sobre as pedras? E o que as pedras podem nos dizer sobre os fluxos dessa cidade?

Ressalto a presença das pedras nas montanhas, no solo e na construção civil de Rio de Contas não no sentido de construir um argumento onde a cidade é pensada como excepcional em relação à existência e ao uso das pedras. Acredito que a descrição desse contexto é importante para que o leitor seja situado na ambiência do trabalho, pois os interlocutores da pesquisa fazem frequentes referências aos tipos de pedras utilizados na construção civil local. Além disso, eventos narrados pelos interlocutores estão constantemente entrelaçados com as propriedades desse material.

As reflexões do Pedreiro Artesão e do antigo morador da cidade sobre a procedência das pedras da Igreja de Santana foram construídas com base na experiência e na relação com essa edificação. No caso do Pedreiro Artesão, a percepção do tipo de corte e as propriedades das pedras evidenciam um conhecimento apurado sobre esse material. O argumento de que aquelas pedras não vieram da cidade *“porque não é em qualquer lugar que se tem dessas pedras e você vê que são umas pedras cortadas que não vê as talhas”*, demonstra um sofisticado conhecimento no que diz respeito à transformação da pedra em material construtivo. No caso do antigo morador, a memória sobre o local onde a igreja foi construída é acionada como argumento que relaciona a existência de uma antiga pedreira com as pedras utilizadas na construção da Igreja.

As pedras estão presentes no “fluxo da vida” de Rio de Contas não somente como substrato material que remete a “antigas” formas de construir, mas como um elemento que está em constante relação com outros materiais e seres, no contínuo processo de construção do ambiente habitado. Desse modo, a relação entre os corpos dos extratores, os objetos técnicos (SIMONDON, 1989) e as pedras serão apresentados no próximo capítulo como meio para pensar a construção dos ritmos na cadeia operatória (LEROI-GOURHAN, 2002) da extração de pedras e os sentidos construídos por meio dessa relação.





2 VIDAS DE PEDRA

[...] como definir essa matéria-movimento, essa matéria-energia, essa matéria-fluxo, essa matéria em variação, que entra nos agenciamentos, e que deles sai? É uma matéria desestratificada, desterritorializada [...].

(Gilles Deleuze, Félix Guattari, 1997, p. 77)

Neste capítulo, narrarei o meu encontro com os dois principais interlocutores desta pesquisa e os itinerários percorridos durante a realização do trabalho de campo etnográfico. Também narrarei o meu encontro com as pedras nas pedreiras em Rio de Contas e com as técnicas operadas por cada extrator no processo de extração. Partindo da percepção que os extratores de pedras têm delas, a proposta é pensar esse material não como um objeto estagnado no mundo, mas como uma coisa integrada aos fluxos da vida e do meio (INGOLD, 2012). Entender a fluidez das pedras é essencial para a prática da extração, modelagem e de construção com esse material. Desse modo, este capítulo é uma tentativa de aproximação da relação estabelecida entre pedras e extratores, buscando também compreender os efeitos que daí emergem.



O Homem Bomba

Rebelde astuto de pequena estatura, o seu primeiro encontro com as pedras aconteceu no garimpo: o ouro, a fascinante pedra amarela, elemento precioso que na natureza é produzido pela colisão de duas estrelas de nêutrons. Assim ele chegou a Rio de Contas, em busca da pedra amarela. Diferente do contexto histórico do final do século XVIII, período em que a cidade de Rio de Contas foi fundada, a sua chegada nessa cidade ocorreu no final dos anos 1980. Nesse época, garimpeiros não eram mais considerados heróis nacionais produtores de riqueza e conquistadores das fronteiras políticas da nação. Muito pelo contrário, o discurso ambientalista começava a representar esse ofício como de grande impacto e risco para o meio.

A figura do garimpeiro começa então a surgir no imaginário da nação como a do vilão transgressor, agente de poluição mercurial. Mas ocupar o lugar da transgressão não era uma novidade para esse homem, pois desde muito cedo sabia que o mundo não lhe havia reservado um lugar confortável para a sua existência. Para seguir como garimpeiro, abriu mão do convívio com a família, e não pôde acompanhar o crescimento dos filhos. A vida passou a ser guiada pelas linhas do ouro na terra, pois elas também significavam a possível transmutação da sua vida social.

Assim, nos anos 80, a figura do garimpeiro ganha um contorno mais claro, sendo associada à degradação, ao primitivismo, à escravidão, aos homicídios e à clandestinidade. E o meio ambiente começa a ganhar um valor central, colocando-se a frente de tudo e todos. Agora, temos que preservá-lo, e a sustentabilidade é o valor da vez. Mas nessa perspectiva preservacionista, a ideia de meio ambiente hierarquiza, escolhe os modos de vida que devem ser salvaguardadas e distingue aqueles que devem ser combatidos. Identificado como um inimigo poluidor de rios e destruidor de vidas, o garimpeiro não pode mais transformar o meio. Agora quem passa a ter legitimidade para a exploração são as grandes empresas, pois a sua prática está embasada pelo saber científico, produzido por especialistas capazes de identificar formas mais eficientes de extração mineral com supostamente menos impacto.

Proibido de continuar exercendo seu ofício de garimpeiro, esse homem trabalha então como extrator de pedras, e, embora recalcada, sua paixão maior continua sendo a pedra amarela. Conhecido localmente como o Homem Bomba, recebeu esse apelido dada sua fama em conseguir quebrar qualquer pedra, independente do tamanho, do tipo

e da localização. Segundo ele, *“o homem bomba é chamado quando ninguém mais consegue quebrar uma pedra”*.

Conheci o Homem Bomba na manhã do dia 14 de abril de 2016. Sol, Maurizio e eu, como integrantes do projeto Refazeres, fomos até sua casa para apresentar o projeto e convidá-lo para participar de uma das vivências cujo tema era a pedra. Fomos recebidos por um de seus filhos. Na chegada, passamos pela sala e fomos até a cozinha. Lá estava o Homem Bomba e sua esposa. Sol, como proponente do projeto, apresentou a proposta e os objetivos da vivência com pedra. Ele também nós apresentou para Homem Bomba, ressaltando que eu era de Rio de Contas. Quase imediatamente, percebi um sinal de estranhamento na fisionomia de sua esposa, que me olhava e provavelmente não me reconhecia como morador da cidade. Em seguida, expliquei que, na verdade, eu era de Marcolino Moura, distrito de Rio de Contas, mas que morava em Goiânia há quase dez anos. Ela deu um sorriso e relatou que trabalhou como professora do Ensino Infantil, durante muitos anos, no povoado de Casa de Telhas, situado próximo a Marcolino Moura. Mencionei que estava na cidade também para a realização da minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social, cujo tema era as técnicas tradicionais da construção civil em Rio de Contas, portanto estava ali desenvolvendo dois trabalhos: o audiovisual para o projeto Refazeres e a pesquisa de doutorado.

Sentamos em volta da mesa da cozinha e o Homem Bomba nos serviu um café e começou a narrar parte de sua história, relatando que não adiantava somente saber manusear os instrumentos para poder trabalhar com pedra, porque a pedra tem vontade própria; nem todas “aceitam” ser partidas e podem ser trabalhadas. Ele deu como exemplo uma pedra que vinha tentando partir sem sucesso, mesmo utilizando a técnica certa – que seria a de fazer uma fogueira de fogo baixo e constante em volta dela para facilitar a extração.

Nora, sua mulher, fez uma intervenção nesse momento, pedindo para que ele “conte o caso do começo” e explicasse como foi que ele aprendeu a trabalhar com pedra. Os dois começaram a sorrir, e o Homem Bomba relatou que, em meados dos anos 1990, pagou 800 reais para um homem que estava de passagem pela cidade e que trabalhava como cortador de pedras, para que ele lhe ensinasse o ofício. Trabalhando em uma encomenda para esse homem, ele se acidentou, machucando um dos dedos das mãos, o que o impediu de manusear as ferramentas, restando-lhe apenas a observação do trabalho como forma de aprendizagem.

Nora narrou seu sofrimento nos primeiros anos de trabalho do Homem Bomba com a pedra. Os acidentes eram constantes, e por diversas vezes ele se machucou.

Eu ficava doída, toda semana ele chegava com um machucado novo, teve uma vez que vieram me avisar aqui em casa que ele estava no hospital, aí fui lá ver e ele já tinha saído e voltado direto para a pedreira, aí tava lá quebrando pedra e com o curativo feito na mão”, relatou ela. Depois de um momento em silêncio, Boa Fé mencionou: “quem mexe com pedra é só doído, eu não sei por quê. Quem trabalha com pedra é quem não tem o que fazer na cidade, tem que tirar pedra para sobreviver. Tem poucos anos, uns dez anos que se começou a plantar em Rio de Contas (NORA, 2016).

A conversa seguiu por mais algum tempo e mesmo com certa desconfiança, O Homem Bomba aceitou participar do Refazeres. Após esse primeiro encontro, estive presente em vários momentos do seu trabalho com as pedras, quase sempre com a câmera na mão.







Cena zero

Alguns dias após nosso primeiro encontro, voltamos à casa do Homem Bomba. O dia começava em ritmo lento naquela manhã nublada de outono. Alguns moradores do bairro abriam as janelas e varriam suas calçadas. Chegamos a Rua Sacavem, que é estreita e formada majoritariamente por pequenas casas. O silêncio era quebrado apenas pelo tráfego de crianças indo para a escola e pelo som das vassouras em contato com o chão. Gláucia, cinegrafista do Projeto Refazer, e eu, chegamos lá por volta das 7 horas. Tripés, câmeras e gravador de som nos acompanhavam. Começamos a fazer as primeiras imagens do dia. Uma porta de madeira centralizada entre duas janelas brancas, parede verde cana, assim era a casa do Homem Bomba. Batemos na porta e um dos filhos nos atendeu.

Nora, esposa do Homem Bomba, chegou em seguida, e nos recebeu calorosamente. Ela nos avisou que seu marido já havia ido para a roça. Ficamos momentaneamente espantados, pois havíamos combinado anteriormente com ele o dia, local e horário do nosso encontro. Nos encontros anteriores, as câmeras não nos acompanharam, pois o intuito inicial era o de, primeiramente, criar uma relação mais sólida com o Homem Bomba e sua família, antes de iniciarmos a gravação de imagens e sons. Pensamos que o uso dos equipamentos audiovisuais nos primeiros encontros seria agressivo, pois ainda estávamos nos conhecendo, abrindo espaço para a criação.

Nora nos explicou o caminho até a roça, também nos informou que, mais tarde, iria para lá com seu filho. Não podíamos esperar, pois corríamos o risco de perder a luz da manhã, uma das melhores para fazer imagens. Ficamos atentos às instruções de Nora e seguimos de carro até a roça. Saímos da Rua Sacavem e subimos a ladeira do Bairro Vermelhão. No final da ladeira, pegamos uma pequena estrada de chão de terra branca acinzentada e textura argilosa. Lá de cima, conseguíamos ter uma visão panorâmica da cidade de Rio de Contas, também podíamos ver fragmentos da Barragem Luiz Vieira¹⁶.

Estacionamos o carro no final da estrada. O terreno era levemente inclinado, não era possível ver o final da roça e nem onde estava o Homem Bomba. Enquanto nos preparávamos para seguir a pé, o celular tocou, era ele dizendo para caminharmos numa

¹⁶ A Barragem Luiz Vieira consiste num reservatório artificial de água, feita pelo represamento do [Rio Brumado](#) à altura da cidade de [Rio de Contas](#) na [Bahia](#), realizada objetivando a perenização daquele curso d'água e a instalação de projeto de irrigação, pelo [Departamento Nacional de Obras Contra a Seca](#). Os moradores da comunidade quilombola "Riacho das Pedras" foram mais impactados, pois a comunidade foi completamente inundada pela barragem.

certa direção; chegando no local e ele surgiu do meio de uma pequena plantação de mangueiras para nos receber. O Homem Bomba falava rápido, e eu não conseguia entender o que ele dizia, liguei o gravador para não perder nada, e quase imediatamente o aviso veio em tom de firmeza “*se ligou, pode desligar*”. Nada podia ser gravado, e isso era inegociável, pois algo havia acontecido desde o nosso último encontro. Ele estava ali de boa fé, e, na boa fé, o que fosse dito deveria permanecer em sigilo.



O Pedreiro Artesão

Em uma tarde de sexta do mês de abril de 2016 Sol, Maurizio, Gláucia e eu fomos ao Bonito, espécie de chácara onde vive o Pedreiro Artesão com sua família, situado na rodovia que liga a cidade de Livramento de Nossa Senhora a Rio de Contas. Uma pequena placa na rodovia indica a estrada de acesso para a chácara. Seguimos de carro por aproximadamente quinhentos metros até chegarmos ao local. Com um discreto sorriso no rosto, logo na entrada da chácara o Pedreiro Artesão nos recebeu com muita gentileza, nos cumprimentou e em seguida buscou algumas cadeira dentro de sua casa e as colocou no quintal para que pudéssemos nos acomodar.

Além de ser cercado por montanhas e possuir várias formações, o lugar parecia ser abundante em água e, observando, notava-se que os jardins estavam floridos e bem tratados. A primeira sensação, chegando ao local, foi de aconchego; o silêncio da paisagem montanhosa e verde era interrompido somente pelo barulho da água que regava a grama em volta da casa onde, atualmente, reside o Pedreiro Artesão.

Além do Pedreiro Artesão e sua esposa, residem no Bonito quatro de seus irmãos, seu pai e uma tia, tendo cada núcleo familiar sua própria casa construída no terreno. Lá também estão localizadas as pedreiras de onde são extraídas as pedras comercializadas pela família. Sol já havia conversado anteriormente com o Pedreiro Artesão sobre o Refazeres, apresentado ligeiramente as propostas do projeto, estávamos ali para apresentar de forma mais detalhada o projeto e principalmente falar sobre a realização do vídeo que pretendíamos fazer sobre a extração e construção com pedras.

Já sentados no seu quintal, começamos a conversar com o Pedreiro Artesão sobre a sua relação com as pedras. Logo no início da conversa ele relatou que aprendeu com seu pai, Cosmo, o ofício de extrair e modelar as pedras, atuando nessa função há mais de dez anos. Desde criança, ajudava o pai no trabalho, exercendo principalmente a função de transportar as pedras extraídas. Ao longo dos anos, o Pedreiro Artesão se aprimorou na modelagem das pedras e na criação de ambientes que utilizam esse material como matéria construtiva. Hoje em dia, ele não trabalha mais diretamente com a extração nas pedreiras, um de seus irmãos é o responsável por essa etapa. O Pedreiro Artesão falou que seu pai já se acidentara diversas vezes no trabalho de extração, por esse motivo o considera perigoso e cansativo, preferindo atuar no acabamento e na modelagem. Relatou que, antes de tomar para si o ofício de extrair pedras, seu pai trabalhava em um engenho de cana-de-açúcar na Fazenda Teixeira, localizada próxima

ao distrito de Marcolino Moura. Nessa época, seu pai teve que retornar para a cidade de Rio de Contas e começou a trabalhar na extração como forma de sustentar a família.

Ele se identifica como Pedreiro Artesão, pois além de ter prática e conhecer as técnicas de extração, desenvolve e executa projetos de *design* de ambientes com pedra. Quando perguntei como nomeia o seu ofício, ele respondeu:

Pedreiro é quem trabalha na construção civil, quem arranca pedra é doido. O nome do ofício é extrator de pedra, quem assenta realiza o serviço artesanal de pedreiro. Eu uso a profissão de pedreiro para executar um serviço artesanal (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Depois desta primeira conversa, convidamos oficialmente o Pedreiro Artesão para ser facilitador de uma das vivências do projeto e também para participar do vídeo, convite que ele aceitou. Desde então, acompanhamos por meses o seu engajamento nos processos de extração e de construção com pedras.





Pedra na Pedreira

Na base de uma das jazidas de uma pedreira próxima a rodovia que liga Rio de Contas ao Distrito de Marcolino Moura havia resíduos de carvão e cinzas. A superfície da rocha também tinha uma pequena camada de carvão, vestígio de que havia sido queimada. Nessa ocasião, não havia nenhum extrator na pedreira. Sol, Gláucia, Maurizio e eu chegamos lá por volta das 9h, era uma segunda-feira. Sol estacionou o carro na beira da rodovia e seguimos em direção à pedreira. Andamos por uma trilha esteira e íngreme de um pequeno morro até chegarmos ao local.

Foi nossa primeira tentativa de encontrar o Homem Bomba em um de seus locais de trabalho, porém fomos informados por um homem que estava em uma oficina mecânica próxima a pedreira que o Homem Bomba geralmente chega ao local a partir das 11h. Com o calor intenso que fazia naquela manhã a primeira sensação que ao no local foi de aridez.

Perguntei para Sol, bioconstrutor e proponente do projeto, se ele saberia explicar porque aquela rocha havia sido queimada. Sol respondeu: *“uma fogueira baixa e constante na base da rocha facilita o processo de extração. A fumaça e o fogo ‘sufoca’ a pedra, sem respirar, ela é partida com mais facilidade”*. Nesse dia, também fui informado por ele de que a pedra “quebra” as pessoas que não respeitam o tempo delas: *“quem trabalha com pedra precisa ter mais paciência do que força, não adianta chegar querendo quebrá-la de qualquer forma, tem que observar o comportamento da pedra, tem que ser sem pressa”*.

Ali na pedreira, acredito ter vivenciado o que Strathern (2014, p. 350) definiu como “momento etnográfico”, conceituado por ela como “a relação que junta o que é entendido (que é analisado no momento da observação) à necessidade de entender (o que é observado no momento da análise)”. Minha percepção sobre pedras havia mudado. No quarto mês de trabalho de campo, as texturas, a geometria, a porosidade, a densidade das pedras passaram a ser motivo de constantes reflexões. Comecei a observar o seu uso na construção civil da cidade. As pedras estavam por toda parte, presentes no calçamento, no revestimento de muros, no revestimento das calçadas, nas edificações históricas, na bioconstrução e nos alicerces das casas. Em cada fluxo, ela se relacionava com os outros materiais de forma distinta. Mudava a coloração, a forma e a textura. Algumas eram tingidas por musgos, por lodo, pelo cimento, pela poeira acumulada, pelo tempo.

A imagem da crosta de carvão sobre a pedra foi um momento de “conhecimento e discernimento” (STRATHERN, 2014, p. 350), uma vez que se tratou do primeiro gatilho disparado rumo ao desejo de entender o que significava “sufocar a pedra”, pois até então eu sequer sabia que ela poderia respirar, minha percepção ainda não era capaz de sentir as pedras desse modo.

Já a minha primeira experiência com as pedreiras do Bonito ocorreu em uma manhã de segunda-feira do mês de maio de 2016, na companhia de Glaúcia, Maurizio e Catarina, também integrantes do Refazeres. Essa foi à segunda visita que realizamos no local. Durante a primeira, não fomos às pedreiras e também não produzimos nenhum registro audiovisual, pois o objetivo era começar a criar relações e conhecer o “universo” do Pedreiro Artesão e de sua família sem causar constrangimentos com o uso de equipamento.

O Pedreiro Artesão e seu irmão Irlando nos receberam calorosamente logo na entrada do Bonito, o dia estava nublado e o silêncio predominava enquanto eles nos guiavam por uma pequena trilha que deu acesso à primeira pedreira que conheci no local. A cor do solo e das rochas era branco acinzentado, cobertos em parte por uma vegetação característica do cerrado, composta por árvores distantes uma das outras, galhos e troncos retorcidos. Arbustos de pequeno porte recobriam a maior parte do terreno, interrompido somente pela fenda aberta de onde as pedras eram extraídas. A pedreira tinha uma profundidade de aproximadamente doze metros. Antes de entrar na cratera, olhando a pedreira de cima, a sensação que tive foi de espanto, causado pela magnitude das jazidas e dos lajedos. Fiquei imaginando o tempo necessário para a formação daquelas rochas.

Segundo o Pedreiro Artesão, essa pedreira vem sendo explorada há aproximadamente dezoito anos. Existe uma rotatividade na exploração das pedreiras do Bonito. O tipo de exploração praticada por eles não consiste na extração das pedras de uma pedreira até o seu esgotamento. A extração depende da demanda de mercado que especifica as características (cor, tamanho, resistência etc.) da pedra desejada. Desse modo, as pedreiras ficam abertas e entram em funcionamento de acordo com as encomendas, já que cada pedreira oferece um tipo diferente de pedra. Atualmente, das trinta existentes no Bonito, apenas quatro estão em funcionamento. O Pedreiro Artesão nos informou que as pedras extraídas do Bonito são conhecidas localmente como pedras São Tomé, pedras lajeadas, pedras laje, ou pedras de face. São quartzitos, rochas

metamórficas compostas essencialmente por quartzo. Segundo o dicionário o *Dicionário Livre de Geociências* (2017)¹⁷,

Os quartzitos são rochas muito resistentes ao intemperismo químico e físico e tendem a se destacar no relevo, dando origem a serras e morros. Em geral os quartzitos são originados de rochas sedimentares quartzosas, principalmente arenitos, formados em ambientes aquáticos costeiros de alta energia. Arenitos impuros, contendo material argiloso, dão origem a quartzitos micáceos, na medida em que as argilas se transformam em micas pelo metamorfismo. Devido à presença das micas os quartzitos micáceos rompem-se em placas, sendo muito utilizados, in natura, como material de revestimento de pisos e paredes externas.

Perguntei para Irlando e para o Pedreiro Artesão como identificam uma pedreira no terreno. Segundo eles:

A identificação acontece por meio de uma “costelinha”, parte da pedreira que aparece exposta na superfície, depois disso, a gente cava para identificar se a pedreira presta, ou não presta. Algumas têm um metro de terra, dois metros de terra, mas sempre tem um detalhe que mostra (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

A comercialização das pedras maiores do estilo laje, utilizadas principalmente para a construção de mesas, balcões, bancos etc., geralmente é realizada na própria cidade. A maioria dessas pedras é utilizada na construção civil local. Irlando relatou: *“sempre que algum tem um quintal e quer por uma mesa, a gente vende. A média de preço é de R\$ 100,00 o metro quadrado ou redondo de pedra”*.

Segundo Irlando, as pedras “mais moles” são usadas para a confecção de artesanato, as “mais duras” para revestimento ou para a construção de mesas, dependendo do tamanho. Sobre o trabalho e seu conhecimento das pedras, o Pedreiro Artesão narrou:

Você tem que aproveitar o que a pedra lhe oferece, se você pega a pedra e trabalha com ela com dedicação, você vai fazer um trabalho ali mostrando o que ela é, né? Se você melar tudo, fizer de qualquer jeito, acabou a pedra, acabou o material... A pedra é resistente e interessante, você tem que usar essas duas qualidades dela para expor no serviço, se não usar a resistência você não vai dá muita bola para a formação dela, os desenhos, por isso a gente se destaca um pouco nesse negócio de trabalhar com a pedra, porque a gente sempre procurou mostrar ‘a pedra’, não é nosso trabalho em si, na verdade a pedra é que tá sendo exposta [...]. Tem algumas pessoas na cidade que trabalham com pedra, que pegou a manha assim para trabalhar... só que não gostam. Chegou um povo na cidade ai e todo mundo procura a gente para trabalhar com a pedra por falta de opção, chegavam e perguntavam para os pedreiros e eles indicavam, falavam ‘ah, não estamos mais trabalhando com

¹⁷ Disponível em: <<https://www.dicionario.pro.br/index.php/Quartzito>>.

pedra não, os meninos do Bonito que trabalham (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

O Pedreiro Artesão e seu irmão cresceram ajudando o pai no ofício de extrator de pedras. Além disso, ambos habitam um lugar cercado por rochas e pedreiras. Levando em consideração essas experiências, certamente eles têm uma percepção aprimorada das características desse material. O Pedreiro Artesão narrou que, quando criança, tinha a impressão de que as pedras cresciam, porém não acredita mais nisso. Perguntei por qual motivo deixara de acreditar que a pedra crescia, e ele respondeu que:

A pedra é o que ela é, está mais fácil a pedra reduzir pelos seus efeitos naturais do que crescer, por isso entendo que uma pedra não tem a mínima chance de crescer, por que existe um limite nela aqui, ela é isso que ela é aí, né? Se a pedra crescesse, eu acredito que aos poucos a terra se elevaria, por que só tem pedra debaixo da terra (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

No que diz respeito aos aspectos teórico-metodológicos dos estudos sobre as “materialidades”, ou “o mundo de materiais”, Ingold (2015) e Tilley (2004) concordam que o mundo físico e o mundo das ideias são dois lados de uma mesma moeda, mas dois lados, no entanto. Todavia, para Ingold (2015), o conceito de “materialidade bruta” em Tilley (2004) continua reproduzindo o dualismo “mundo material/cultural”, ao invés de contestá-lo. Essa ideia supõe que o mundo material estaria cristalizado de forma sólida e homogênia, à espera da intervenção/sobreposição de uma forma cultural. Nesse mundo estabilizado, nada poderia fluir.

Já a ideia de “mundo dos materiais” figuraria tanto no contexto das pedras quanto as pedras no contexto dos humanos. O argumento de Ingold (2015), ao defender um retorno ao “mundo de materiais”, é o de que é a partir dos materiais que tudo é feito. Não no sentido de uma “fiscalidade bruta” que aguarda o surgimento dos humanos para que estes possam conferir-lhe forma e significado, mas no sentido de que as pedras também têm história, construída na relação com o seu entorno, que pode incluir humanos e outras coisas. Assim, Ingold (2015) não concebe a existência de um mundo que não seja de materiais forjados pelos desdobramentos das relações entre o “ser” dos humanos e o dos não humanos.

A percepção do Pedreiro Artesão de sua prática com pedras parece seguir um caminho diferente do binarismo entre mundo material e cultural, estando mais próxima da noção de fluxo e “mundo de materiais” presente em Ingold (2012). A pedra, para o Pedreiro Artesão, não é um “objeto” inerte fora do movimento da vida. Endender a

fluidez, o comportamento e a vontade das pedras é algo essencial para a realização do seu trabalho como extrator e *designer* de pedras. Essa percepção é evidente quando ele reflete, por exemplo, sobre sua prática:

A gente deve acreditar no que a gente vê, né? O estudo é ótimo, o intelecto é importante, mas chega num limite que ele ultrapassa essas coisas naturais, ele tira a certeza que as pessoas têm das coisas e coloca na nossa mente aquilo que a gente não pode compreender né? (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Nesse sentido, seria o estudo científico da “materialidade bruta” que “*tira a nossa certeza e coloca em nossas mentes aquilo que não podemos compreender*” em relação às pedras. O trabalho de extração e utilização da pedra como material construtivo requer um conhecimento apurado das texturas, das formas, da densidade, cor, porosidade, como mencionado pelo Pedreiro Artesão:

Você tem que aproveitar o que a pedra lhe oferece [...], a pedra é resistente e interessante, você tem que usar essas duas qualidades dela para expor no serviço, se não usar a resistência você não vai dá muita bola para a formação dela, os desenhos, porque a gente sempre procurou mostrar a pedra, não é nosso trabalho em si, na verdade a pedra é que tá sendo exposta [...], quem trabalha com pedra sabe que é ela que vai te oferecer o que vai ser feito. Você só deseja que seja feito de pedra (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Levar em consideração as propriedades das pedras é essencial para o trabalho de extração, mas não no sentido de separar as pedras dos outros materiais que habitam o mundo. O Pedreiro Artesão entende o seu trabalho como uma mediação no *mundo de materiais*. Ele conhece e respeita os limites da pedra, não impõe seu desejo sobre o material, explora as possibilidades criadas por meio da relação, sempre tendo em vista a formação da pedra, o lugar onde ela está localizada, sua cor, as linhas presentes em sua superfície. Ao começar um trabalho com pedra, seu projeto nunca é fechado, existe uma intenção inicial que é transformada na constante troca entre seu corpo engajado no trabalho, a materialidade, a vida das pedras e os efeitos emergentes dessa relação.





Linhas de corte

Grandes ou pequenos, os cortes definem, mesmo que provisoriamente, o começo, meio e fim do material. O golpe dado na pedra: movimento que segue as linhas do material para interromper a sua existência na pedreira. O golpe da transmutação, suspensão dos fluxos que conectavam, das linhas que regam e conectam a pedra ao centro da terra. Mas as pedras não aceitam ser partidas de qualquer forma. Antes de tudo, a comunicação entre extratores e pedras precisa ser afinada. A pedra pode quebrar quem não a percebe e tenta invadi-la sem pedir licença. Sim, existe técnica, mas técnica e percepção não se separam na dança ritmada entre extratores, objetos técnicos (Simondon,1989) e pedras.

Embora Ingold (2012) entenda por objetos algo estagnado, fazendo uma distinção entre “objetos” e “coisas”, onde as “coisas”, vivas e vazadas, perderiam tal abertura ao serem enquadradas por movimentos teóricos como “objetos”, Simondon (1989) entende os objetos técnicos como seres abertos, constituídos nos desdobramentos dos processos com os quais se relacionam, não sendo simplesmente inventados por determinações utilitárias voltadas para exercerem funções. Ou seja, existem perspectivas diferentes entre Ingold e Simondon, mas o que ambos afirmam é a importância de uma abertura no que diz respeito ao pensamento sobre as “coisas”, ou aos “objetos técnicos”.

Nesse sentido, me apropriarei do conceito de objetos técnicos, pois acredito que entender o seu modo de existência no engajamento dos extratores com as pedras, pode-se produzir conhecimento perante as variações produzidas nesta relação. Pois a habilidade do extrator também é construída ali, na sua capacidade de entender as pedras por meio dos seus objetos técnicos, de entender a reação das pedras a cada gesto feito, cada movimento, cada intenção.

São corpos engajados na transmutação do material, pondo em jogo a expressividade do corte que parte blocos, ou descola placas de pedras. No meio, o cimento natural das rochas sedimentares que se descolam. Primeiro ensinamento da pedra: perceba suas linhas, a natureza de sua força, suas possibilidades como material. Os olhos acompanham as juntas das pedras, as dobras forjadas pela história do material que se compôs em relação com outros.

A pele dos extratores também sente; sente onde é possível partir a pedra, sua textura, a porosidade, o ponto de corte manifesto pelo movimento das linhas do

material. As pedreiras são silenciosas, mas seu ruído em relação com os objetos técnicos também é uma forma de percepção comunicação. A pedra fala pelo som ecoado, pelo ruído produzido no atrito entre o corpo dos extratores, as ferramentas e o corpo das pedras.

O Homem Bomba sabe que a pedra não brinca com o ferro e nem o ferro brinca com a pedra, que é “*um cabra forte e o outro cabra fraco, um tem que ceder*”. O ferro, material extraído da terra sob a forma de minério, é também um dos elementos mais abundantes da crosta terrestre. Para dialogar com a pedra, outro minério: o ferro transmutado em ferramenta.

O Homem Bomba e o Pedreiro Artesão eram muito habilidosos na relação com pedras. Seus corpos engajados nos processos técnicos de extração e construção com pedras operavam em uma sintonia de movimentos, ritmados na transmissão de forças entre os músculos, as ferramentas e as pedras. Os corpos dos extratores estavam em constante relação com o fogo, a água, o ferro e o óleo, materiais utilizados em diversas etapas da extração de pedras. Leroi-Gourhan, em *O gesto e a Palavra* (2002), afirma que há uma espécie de sintaxe de gestos e objetos que se repetem e caracterizam um “ato técnico” do humano. Nesta reflexão, ele nomeia tais sequências como *cadeia operatória*. Inspirado nesta compreensão, faço uso da noção de cadeia operatória para poder pensar os movimentos, gestos e sequências nos processos de extração e de construção com pedras.

O modo como o Pedreiro Artesão e o Homem Bomba agiam dependia da relação estabelecida com as pedras. Nesse sentido, a pedra não era apenas observada, era também sentida. Pelos pés, mãos, olhos, ouvidos e pela pele dos extratores. Sentir a pedra é fundamental para a criação dos movimentos, porém não existe uma regra de conduta estabelecida anterior à ação. Mesmo que o objetivo seja quebrar a pedra (no caso do Homem Bomba), ou descolar a pedra (no caso do Pedreiro Artesão), pedras, objetos técnicos e os outros materiais envolvidos no processo de extração eram percebidos na constante transmissão de forças entre os corpos, sendo esse o ponto que garante que a prática seja bem-sucedida. Como já mencionado anteriormente, o Pedreiro Artesão percebe sua prática como uma mediação no mundo de materiais, ele entende que a criação em seu trabalho surge por meio da relação com a pedra, desejando apenas que o trabalho seja feito com esse material.

Segundo Mura (2011), há uma tendência nos estudos sobre os processos técnicos em privilegiar a lógica de produção de objetos por meio de abordagens sistêmicas a

partir da dicotomia Homem/Natureza. Dentro dessa perspectiva, geralmente as análises levam à construção de totalidades ontologicamente distintas, separando o mundo sociocultural do mundo material. Nessa distinção, entende-se que sociedade, sistema simbólico, refere-se ao Homem, enquanto que a Natureza é entendida como aspectos físicos, químicos. A proposta analítica sugerida por Mura (2011) é baseada em uma abordagem processual, na qual a técnica é entendida por meio de lógicas e práticas de uso, buscando a superação metodológica da dicotomia Homem/Natureza, abordando os elementos que constituem o cosmo na posição de sujeito da ação, ou de objeto da ação, dependendo da circunstância.

Inspirado nessa discussão, em que o mundo material não se desvincula do sociocultural, esse capítulo é uma tentativa de narrar os modos como os movimentos são gerados e os ritmos são compostos na cadeia operatória da extração de pedras, propondo-se a descrever e interpretar os modos de relação estabelecidos entre o Homem Bomba e o Pedreiro Artesão com as pedras, com os objetos técnicos e com os outros materiais da cadeia operatória da extração e da construção com pedras. Para isso, farei uma descrição etnográfica de duas modalidades técnicas de extração: a da *pedra quebrada* (operada pelo Homem Bomba) e a da *pedra descolada* (operada pelo Pedreiro Artesão). A etapa inicial desse processo, nomeada pelos extratores como “tempero das ferramentas”, é comum aos dois tipos de técnica. Desse modo, partirei desse momento comum às duas cadeias operatórias para posteriormente pensar as nuances de cada técnica e os modos de relação estabelecidos entre pedras e extratores.

O tempero das ferramentas¹⁸

A maioria das ferramentas utilizadas pelo Homem Bomba e pelo Pedreiro Artesão são feitas de ferro, material resistente utilizado pelo homem desde a Antiguidade. Esse mineral, aqui transformado em objeto técnico da cadeia operatória da extração de pedras, atua como importante elemento no diálogo entre pedras e extratores. As ferramentas utilizadas pelo Pedreiro Artesão são produzidas por um de seus irmãos, Irlando. Já no caso do Homem Bomba, é ele mesmo quem confecciona a maioria de

¹⁸ Termo utilizado pelos extratores que diz respeito ao preparo dos objetos técnicos que serão utilizados no processo de extração.

suas ferramentas, construídas principalmente com materiais adquiridos nos ferros velhos da cidade.

Ferramentas como as talhadeiras¹⁹, a alavanca²⁰, o *pixote*²¹, o *marrão*²² e a cunha²³ são as mais usadas para a extração. O ferro, material predominante na composição dessas ferramentas, manifesta-se como objeto técnico, tendo os extratores a habilidade de transmitir força por meio deles.

Porém, antes de serem utilizadas, as ferramentas precisam passar por um preparo. Esse processo é nomeado pelos extratores como tempero, e consiste em dispor as ferramentas sobre uma superfície com brasas quentes para que o ferro incandesça e possa ser trabalhado posteriormente na bigorna²⁴. Esse processo é conhecido entre os ferreiros como forja, sistema do qual participam a fornalha (material carburante e ar), a bigorna, martelos e líquidos para arrefecimento (óleo/água). Nesse sistema, o ferreiro, e nesse caso o extrator de pedra, atua no metal aquecido, a fim de produzir a forma desejada²⁵. A principal ação é a deformação da estrutura inicial, seguida do tratamento térmico para conferir ao metal as qualidades de forma e resistência desejadas. Sobre esse processo, o Pedreiro Artesão relatou:

Antes a gente tinha um fole²⁶, mas agora modernizou, hoje a gente usa um compressorzinho²⁷... depois do fole, arrumamos duas venturrinhas²⁸, aí agora é um compressorzinho na energia, não precisa girar, perdeu a tradição do fole, mas é a gente que continua fazendo ainda... depois que o ferro fica avermelhado, a gente coloca ele na bigorna e toca o martelo em cima, o segredo da produção desse tipo de ferramenta é o tempero que você tem que colocar no ferro, não é sal, nem alho, mas é tempero. O tempero é você destemperar o ferro na água, ou no óleo queimado. Se você deixar ele esfriar por ele mesmo, o ferro fica mole, porque quando ele é aquecido ele quebra as propriedades dele e não destempera. Quando você esfria ele na água, ele

¹⁹ Ferramenta de talhar madeira, metal, pedra etc., cuja extremidade é espatulada.

²⁰ Barra de material resistente usada para mover ou erguer objeto pesado.

²¹ Cilindro de ferro pontiagudo de aproximadamente 9cm.

²² Martelo de ferro grande.

²³ Ferramenta de metal em forma de prisma agudo em um dos lados, e que se insere no vértice de um corte para melhor fender algum material (como madeira ou pedra), bem como para calçar, nivelar, ajustar uma peça qualquer.

²⁴ Bloco de ferro revestido de aço, de corpo central em forma de paralelepípedo e extremidades afilando-se em cone ou pirâmide, que se apoia sobre um cepo e sobre o qual se forjam ou malham diferentes metais, a quente ou a frio, para moldá-los.

²⁵ Este processo se assemelha em muitos aspectos com o engajamento do “Zé Diabo” ao confeccionar a ferramentaria de orixás, etnografado por MARQUES (2014).

²⁶ Instrumento para produzir correntes de ar, usado para diversos fins (como ativar uma combustão, limpar cavidades, encher de ar os tubos dos órgãos e harmônios, soprar as palhetas do acordeão etc.), que funciona por expansão e contração alternadas, absorvendo ar por uma válvula ou orifício e expelindo-o através de um tubo.

²⁷ Equipamento eletromecânico que capta o ar que está no meio ambiente e o armazena sob alta pressão num reservatório próprio.

²⁸ Trata-se da ventoinha, espécie de pequeno ventilador.

começa a endurecer, né? Se você esfriar ele de vez na água, ele não aguenta uma pancada, ele quebra, aí tem que ter o destempero. A parte do ferro que coloca na água vai azulando, aí quando fica azul tem que colocar na terra úmida, aí pronto, espera esfriar e pode bater marreta. Por isso que fala destempero, porque é igual sal, se colocar demais estraga, se colocar pouco fica sem sabor (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Nessa narrativa, o Pedreiro Artesão nós chama atenção para a transmissão de forças que ocorre entre os materiais durante o tempero das ferramentas, pois é aí que reside o “segredo” da produção das ferramentas de ferro. O processo começa com a troca de forças entre o ferro e o fogo. Nessa etapa, é necessário que o ferro amoleça, para que, na bigorna, com o auxílio da marreta, a força que é gerada pelo músculo humano possa ser transmitida para o ferro. O atrito entre o ferro aquecido e a marreta produz o que o Pedreiro Artesão nomeia de *endurecimento do ferro*. Quando aquecidas, as moléculas de carbono que compõem o ferro se expandem, deixando o ferro mais mole e a marreta atua como um objeto técnico que transmite a força dos músculos para o ferro com o intuito de compactar as partículas do material.

Deleuze e Guattari (1997), pensando sobre as aproximações entre a metalurgia e o nomadismo, refletem sobre as peculiaridades do fazer do ferreiro em relação a outros artesões. Nessa discursão, o ferreiro seria o artesão por excelência, por seguir o material-fluxo do metal:

O itinerante primeiro e primário é o artesão. Mas o artesão não é o caçador, o agricultor nem o pecuarista. Tampouco é o joieiro, nem o oleiro, que só secundariamente se dedicam a uma atividade artesanal. É aquele que segue a matéria-fluxo como produtividade pura: portanto, sob forma mineral, e não vegetal ou animal. Não é o homem da terra, nem do solo, mas o homem do subsolo. O metal é a pura produtividade da matéria, de modo que quem segue o metal é o produtor de objetos por excelência. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 84).

Desse modo, ser habilidoso com o ferro também é essencial para que a prática com pedras seja bem sucedida. Perceber os fluxos do ferro, seu comportamento na relação com a pedra e com outros materiais é uma habilidade que precisa ser desenvolvida na primeira fase da cadeia operatória da extração. Os líquidos, como a água e o óleo, também desempenham papel significativo nessa relação com o ferro durante o tempero das ferramentas. O choque de temperatura produzido no encontro do ferro quente e dos líquidos frios é o responsável pelo endurecimento do ferro, porém, existe um ponto específico que assegura o tempero correto do material, um equilíbrio entre o mole e o duro que torna possível ao ferro, transformado em ferramenta, quebrar

a pedra sem se quebrar. Pois se o ferro ficar muito duro, ele quebra. Mas se ficar muito mole, ele não quebra a pedra. A água e o óleo queimado, além de provocar o choque térmico, também são responsáveis por estabilizar as moléculas de carbono do ferro nesse estado de equilíbrio entre o mole e o duro. Os líquidos atuam como uma espécie de selante que garante a solidez (liga) necessária das ferramentas, pois se o ferro esfriar naturalmente, todo o trabalho de compactar as partículas com a marreta enquanto o material está quente, é perdido.

Sobre a relação entre o técnico e o humano, Sautchuk (2007), em seu estudo sobre a pesca como modo de construção da pessoa na Vila Sucuriju, no Amapá, propõe a noção de *ecologia da comunicação e da ação* para pensar os modos de relação entre seres humanos e não humanos no lago do Sucuriju. Nessa perspectiva, a comunicação entre os seres não se trata somente de um sistema de troca energética, mas o fator ecológico estaria dado no comportamento de humanos e não humanos uns perante os outros. Segundo o autor,

Duas vertentes dão sustentação a tal postura: a) as argumentações da ecosemiótica, que busca ultrapassar os dualismos material/comunicativo, biofísico/simbólico, estendendo os significados ao mundo físico (Sebeok 1988; North 2001; Hornborg 2001; cf. Peirce 1999); e b) as perspectivas influenciadas pela psicologia ecológica gibsoniana, que propõem a rejeição das dicotomias percepção/ação e organismo/ambiente, considerando o acoplamento como o processo chave de definição tanto do sujeito quanto do mundo (Ingold 2000; Reed 1988; cf. Gibson 1979). (SAUTCHUK, 2007, p. 85).

Do ponto de vista da *ecologia da comunicação e da ação*, “o sentido de cada ser é dado em suas formas de ação; suas capacidades corporais são mobilizadas em situações específicas e de acordo com as reações de outros seres” (SAUTCHUK, 2007, p. 86). Desse modo, a posição relativa em que se encontram os corpos é de suma importância para sugerir a sua possibilidade de ação no ambiente.

Pude experienciar de forma mais próxima o posicionamento, a relação e a possibilidade de ação dos corpos envolvidos no processo do tempero das ferramentas, na manhã do dia 30 de maio de 2016. Nessa ocasião, retornamos à casa do Homem Bomba para realizarmos o registro audiovisual do tempero das ferramentas que ele utilizaria nesse dia de trabalho.

Era aproximadamente 7 horas, a rua estava pouco movimentada e a vizinhança começava a abrir as janelas das casas. O Homem Bomba nos recebeu na porta de sua casa e nos levou até o quintal. Lá, a forja já estava funcionando. Bananeiras, pés de

café, mangueiras, coqueiros, compunham o ambiente com a presença de dois cachorros amarrados em uma corrente no quintal. O som, no local, era o do latido dos cães misturado com o suave ruído do motor da ventoinha que alimentava a forja.

Pixotes, ponteiros e cunhas já estavam sobre as brasas. Após o ferro ficar avermelhado, o Homem Bomba pegou, com uma espécie de pinça, as ferramentas da forja e as martelou sobre a bigorna, em seguida as colocou novamente sobre a forja, repetindo o procedimento até conseguir a forma e a resistência desejadas. Os movimentos eram precisos, nenhuma martelada fora do lugar. O ritmo era construído na comunicação e na ação do fogo, do corpo do Homem Bomba, e da água e do óleo.

Perceber, agir sobre e transmitir forças era imprescindível para o tempero das ferramentas. Quando finalmente se tornam o que devem ser, fortes e resistentes, as ferramentas são resfriadas e enrijecidas no óleo diesel queimado ou na água. Segundo o Homem Bomba, o que determina qual líquido será utilizado no resfriamento tem a ver com o tipo de material com o qual a ferramenta foi confeccionada: se for feita de aço, tem que ser resfriada no óleo. Quando a ferramenta fica “arroxeadá”, é um indício de que se chegou ao ponto desejado do tempero.

A forma como o Homem Bomba manuseava os objetos técnicos demonstrava a habilidade de um corpo engajado no processo. Perguntei a ele como aprendeu a temperar as ferramentas, e o Homem Bomba respondeu:

Tem muitos anos que eu aprendi, mais de vinte anos, ou você aprende a trabalhar, ou vai gastar muito dinheiro. O cara que me ensinou já morreu, chamava “pai do mato”. Ele era detonador, subia em uma rocha dessa e detonava tudo, ele que sabia o tempero dos aço tudo, entendeu?”. Perguntei também se o processo do tempero das ferramentas é o mesmo para todo tipo de pedra, ele respondeu: “rapaz, a pedra não brinca com o ferro e o ferro não brinca com a pedra, um tem que ceder né? É um cabra forte e outro fraco, quem for melhor vence (HOMEM BOMBA, 2016).

Nessa narrativa, o Homem Bomba ressalta o fato de a pedra não brincar com o ferro e do ferro não brincar com a pedra. Acredito que essa afirmação diga respeito à possibilidade de ação e à transmissão de forças que ocorre entre os materiais na cadeia operatória da extração. Um precisa ceder, de modo que a ação do extrator, no que diz respeito à quebra da pedra, também está condicionada ao momento em que a pedra se torna possível de ser quebrada. Assim, perceber o momento e o ponto de quebra indicado pela pedra é uma habilidade que precisa ser desenvolvida pelos extratores que operam sistemas técnicos da extração e construção com pedras.







A pedra partida

O Homem Bomba finalizou o tempero, desligou o compressor que alimentava a forja instalada em seu quintal e recolheu suas ferramentas. Na cozinha, ele nos ofereceu água, frutas e café. Havíamos programado, para naquela manhã, gravar as primeiras imagens do seu trabalho com as pedras; a intenção era partir uma pedra que estava obstruindo parte do caminho que dava acesso ao zoneamento de sua roça. Saímos de sua casa em uma *pick up* e percorremos um trajeto de aproximadamente 3 km. No percurso, o Homem Bomba nos falava que trabalhar com pedras não é simples, pois desgasta o corpo e nem sempre garante um retorno financeiro compensatório. O seu projeto de trabalho atual está voltado mais para a agricultura, pois as limitações de seu corpo, decorrentes da idade, já haviam começado a se manifestar.

Saímos do perímetro urbano da cidade e seguimos por uma estrada de terra por alguns minutos. O chão cinza esbranquiçado refletia a luminosidade do sol intenso daquela manhã, mas era final de outono e o clima estava equilibrado, nem quente, nem frio. Uma porteira feita de madeira antiga indicava que havíamos chegado à roça. Pés de manga, maracujá, tangerina e melancia habitavam o local. Descemos do carro e atravessamos o primeiro pomar, as árvores estavam carregadas de tangerinas maduras, bolas alaranjadas enfeitavam as copas, como árvores de natal.

Passamos pelo pomar e seguimos rumo a um pequeno rancho construído pelo Homem Bomba. Era um rancho de um cômodo só, feito com tijolos de barro e com um alicerce de pedra. Ali ele guardava algumas ferramentas de trabalho, também havia um fogão a lenha, onde ele preparou, em uma grande panela, uma espécie de arroz para alimentar seus cães que estavam presos em uma corrente próxima ao rancho. O Homem Bomba os alimentou e seguimos por uma trilha que adentrava no terreno, começando a busca pela pedra que estava no caminho.

Após alguns minutos de caminhada pelo zoneamento interno da roça, avistamos uma pedra de tamanho médio, com dimensões aproximadas de 150 x 130 cm: a pedra no caminho, prestes a ser partida pelo Homem Bomba. Estava ansioso, era a minha primeira experiência com a pedra partida. Já se aproximava das 12 horas, o calor e o sol estavam mais intensos. O Homem Bomba sentou-se sobre a pedra e utilizou a alavanca como uma régua para fazer um risco vertical que marcaria o centro dela. Em seguida, martelou a cunha sobre esse risco, fazendo um corte raso na superfície da pedra. Após essa etapa, martelou um ponteiro em uma das extremidades da linha desenhada. Com

uma das mãos ele segurava a marreta e com a outra ele girava o ponteiro. Com esse movimento, um pequeno orifício de aproximadamente 1 cm começou a surgir. O mesmo procedimento foi lentamente repetido até confeccionar quatro orifícios. A etapa seguinte foi continuar martelando os ponteiros sobre os orifícios, só que agora o movimento feito com a mão não era mais circular, mas de fora para dentro, pois o intuito era aumentar a profundidade do orifício. Após ter alcançado a profundidade de aproximadamente 2 cm, o Homem Bomba encaixou um pixote em cada orifício e os martelou até chegar ao estágio denominado por ele como travamento da pedra, após o que ele continuou martelando as cunhas até a pedra se partir, exatamente no local onde foi feito o risco no começo do processo. Esse procedimento foi repetido até que ela se transformasse em blocos com as dimensões almejadas por ele. Segundo o Homem Bomba, travar a pedra seria o mesmo que sufocá-la. O tipo de pedra com a qual ele trabalha precisa ser travada/sufocada para que ela possa ser partida com sucesso. A pedra respira? A percepção do Homem Bomba nos diz que sim.

O sufocamento da pedra diz respeito ao momento em que esse material é invadido por pixotes de ferro, recebendo, por meio desse objeto, a pressão produzida pelo atrito entre o corpo do extrator e a marreta. A força gerada pelo extrator atravessa a pedra por meio do objeto técnico, nesse caso o pixote. As ondas de força reverberam no corpo da pedra, encontrando um caminho de ruptura onde os orifícios foram feitos e os pixotes inseridos. Assim como o corpo humano necessita de um constante fluxo de oxigênio para se conservar vivo, com as pedras parece ocorrer algo semelhante, só que a respiração das pedras diz respeito ao seu acoplamento com as outras rochas.

Quando perguntei para o Homem Bomba o que seria sufocar as pedras, ele apontou para o pixote que estava encravado na pedra e respondeu: *“agora ela foi sufocada, tá travada, pode bater a marreta que ele vai quebrar no lugar certinho”*. Sufocar a pedra é torná-la apta para ser quebrada quando as suas partículas foram comprimidas pela troca de forças entre o corpo do Homem Bomba, o pixote e a marreta. A inserção dos pixotes no corpo da pedra provocou uma pressão que foi potencializada pela força gerada no atrito entre o pixote e a marreta, as ondas resultantes daí comprimem as partículas do material. No entanto, não encontrando mais espaço de reverberação e de permanência dentro do corpo da pedra, essas ondas são atraídas para os orifícios que foram anteriormente feitos pelo Homem Bomba, encontrando ali a possibilidade de expansão, provocando a quebra da pedra exatamente naqueles pontos.

O engajamento perceptivo do Homem Bomba em relação à pedra não está separado da sua possibilidade de ação na cadeia operatória da extração. Ele estava sempre atento ao movimento da pedra, ao que ele estava lhe dizendo. Nesse diálogo silencioso, ele construía a sua ação. Se a pedra endurecia durante a operação do corte, não era necessariamente um sinal de que mais força precisaria ser empregada. O endurecimento da pedra poderia estar comunicando que sua linha de corte não era aquela em que os pixotes estavam inseridos. Antes de tudo, saber sufocar a pedra diz respeito à percepção dos fluxos vitais da pedra, a habilidade de saber interrompe esse fluxo no local e no momento certo.

Valho-me aqui, para pensar os modos de relação entre extratores e as pedras, da psicologia ecológica de James Gibson (1979), para quem a ideia de percepção leva em consideração as possibilidades de movimento e de ação, uma vez que percepção e ação, na cadeia operatória da extração de pedras, são inseparáveis. Na perspectiva de Gibson, o sujeito, ao perceber o mundo, percebe segundo suas possibilidades de atuação, conforme ressalta Sautchuk:

Para Gibson, a percepção leva em conta as possibilidades de movimento; perceber é captar as informações sobre o que *afford* (propicia, segundo a tradução de Velho 2001) o sujeito que percebe, oferecendo-lhe possibilidades de atuação segundo suas próprias características. Isto é, cada ser percebe o mundo conforme pode agir – pelas *affordances* que se dão na sua relação com o ambiente –, por isso o ambiente existe nas possibilidades de cada organismo e de modo diferente para cada um deles (SAUTCHUK, 2007, p. 89).

Depreende-se daí que o movimento gerado pelo corpo do extrator não é conduzido simplesmente pela intenção de quebrar a pedra, pois a qualidade desse movimento depende também das possibilidades criadas pela relação que ele estabelece com ele.

No livro *O Gesto e a Palavra 2: memória e ritmos*, Leroi-Gourhan (2002) aponta que os ritmos são criadores de forma, voltando a atenção para a relação entre as formas e os padrões de movimento. Nesse sentido, cada gesto busca uma relação com o material para que seja garantida a continuidade do trabalho. Assim, os ritmos (temporais) dos gestos criados (no espaço) pela troca de forças são engajados para que o trabalho possa ser realizado de forma satisfatória, alcançando-se o objetivo final desejado. Essa relação, no que diz respeito à prática da extração, também é o que determina o ritmo e os movimentos na extração.

Em um sentido próximo, Ingold (2015), dialogando com o pensamento de Deleuze e Guattari (1995), fala sobre uma espécie de *sistema de criação de forma* que é gerado pela sinergia do gesto humano, os instrumentos e o material. A relação entre a forma e os movimentos rítmicos no processo de criação das coisas é intrínseca à relação com o material. Esse *sistema de criação de forma* também pode ser observado na cadeia operatória de extração e de construção com pedras operadas pelo Pedreiro Artesão.







Retornei com parte da equipe do Projeto Refazer ao Bonito no dia 9 de maio de 2016. Nessa data, conhecemos as pedreiras e as principais técnicas de extração operadas pelo Pedreiro Artesão e pelo seu irmão Irlando. Chegamos no começo da manhã de uma segunda-feira. A sensação de aconchego e de tranquilidade que tive nessa ocasião foi parecida com a da primeira visita. A temperatura agradável, o silêncio e a bela paisagem das montanhas proporcionaram imediatamente em meu corpo um sentimento de contemplação.

Assim que chegamos à propriedade, avistamos o Pedreiro Artesão que estava trabalhando com mais alguns homens na confecção de mudas de mangueiras. Ele deixou o trabalho, nos recebeu e cumprimentou cordialmente toda a equipe. Senti uma receptividade maior da parte dele comparada à primeira visita. A desconfiança em relação à natureza do nosso trabalho parecia ter se transformado em um desejo de construção de algo em comum. O Pedreiro Artesão disse para que ficássemos à vontade, nos ofereceu café e pediu para que aguardássemos alguns minutos até que ele pudesse se organizar para nos acompanhar.

Após o café, ele nos conduziu até a casa de seu pai, Cosmo, localizada na mesma propriedade. A casa havia sido construída sobre um grande alicerce de pedra que compõe aproximadamente um terço da parede da fachada, sendo os outros dois terços erguidos com o adobão (adobe cru feito com barro). A falta de reboco na fachada facilitou a visualização do material utilizado na sua construção. Quando chegamos, Cosme estava na cozinha, cozinhando no fogão de lenha comida para seus cães. O Pedreiro Artesão nos apresentou para seu pai, que nos recebeu simpaticamente, pedindo licença em seguida para continuar seus afazeres.

Na cozinha da casa do Senhor Cosmo, o Pedreiro Artesão nos apresentou um dos seus primeiros trabalhos realizados com pedra. O revestimento interno das paredes e um armário, ambos construídos há cerca de dez anos, e considerados por ele como o “marco” inicial de sua carreira como *designer de pedras*. Ele narrou que a ideia de projetar o armário partiu do desejo de “*fazer alguma coisa com o material que ele já tinha disponível em casa*”. Já em relação ao revestimento interno das paredes, o mosaico de pedras, como ele mesmo denomina, é composto por pedras do estilo “laje”.

Em relação à execução do trabalho de revestimento das paredes com a pedra, o Pedreiro Artesão relatou:

Desenhei várias vezes no caderno antes de executar, de todos que desenhei o único que consegui fazer foi o que aqui está. A modelagem acontece de acordo com o trabalho que se pretende fazer, as pedras foram cortadas com a

makita²⁹, o formato circular foi obtido por meio dessa ferramenta. A seleção das pedras é feita na própria pedreira, a pedra que determina qual o fim que o material será utilizado. A espessura quem determina é a rocha, em média eu trabalho com pedras de quatro tipos de espessura. A seleção de pedra grande é mais apurada. A pedra que determina onde ela vai parar a própria pedra é que dá a opção pra gente, nessa parede mesmo, quantas pedras grandes têm? Pouquíssimas... (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

O Pedreiro Artesão projetou no mosaico das paredes desenhos como nuvens, pernas etc. Ele classifica esses desenhos como “*ilusão de ótica*”, como “*alguma coisa imaginária que vai da imaginação da pessoa que ver*”. Apontando para uma pedra do revestimento, o Pedreiro Artesão me interpelou:

Tá vendo aqui atrás da geladeira? O velho meu pai gosta de ficar olhando, ele vê uma perna, mas nada disso foi intencional, as próprias pedras vão criando esses desenhos, a gente aproveita a forma das pedras para não desperdiçar, a gente faz só o acabamento nas bordas (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Segundo o Pedreiro Artesão, no revestimento do estilo “mosaico” não tem como planejar muito antes, e prever o resultado final é impossível. Perguntei se antes de começar a trabalhar com pedra ele já desenvolvia alguma atividade artística. Ele respondeu que, desde criança, tinha interesse por desenho, mas que ficou “meio afogado” por conta das dificuldades. Ele narrou que mesmo sem aprofundamento dos estudos, as ideias foram surgindo e então começou a projetar com pedras, isso há nove anos.

Saímos da casa de Cosmo e fomos conduzidos pelo Pedreiro Artesão até a casa de sua tia, também localizada no Bonito. Lá, ele nos apresentaria mais um de seus trabalhos, uma piscina revestida com retângulos de pedras. Caminhamos por volta de cinco minutos em uma trilha que ligava uma casa à outra. Conforme nos aproximávamos da casa da tia, a piscina tornava-se visível. Fiquei espantado com o que vi, as pedras pareciam dançar dentro daquele retângulo cavado no chão, em que pequenos losangos de pedra projetavam o desenho de uma estrela de seis pontas no centro da piscina, causando um efeito visual próximo ao 3D.

Nesse trabalho, o Pedreiro Artesão utilizou a makita para cortar as pedras em forma de losango e criar um revestimento com formas geométricas padronizadas. Perguntava-me como as pedras poderiam ser tão flexíveis.

²⁹ Makita é uma empresa japonesa, segunda maior fabricante de ferramentas elétricas do mundo. A marca é citada como forma de nomear a ferramenta utilizada no corte das pedras.

O Pedreiro Artesão nos informou que, na cadeia operatória da extração das pedras, a terra tem que ser retirada da base da jazida, liberando o “pé”, limite inferior, e a “cabeceira”, limite superior da rocha. Nessa manhã, Irlando também nos acompanhava. Para ele, a habilidade no descolamento das pedras é extremamente importante para garantir a extração de uma pedra grande e boa, porém a espessura das pedras é a própria jazida que determina:

Se descolar bem descolado a gente consegue retirar a pedra inteira, aí essas pedras maiores são mais utilizadas para a construção de mesas. A espessura é a própria jazida que determina, mas as pedras extraídas mais grossas podem ser divididas no meio em alguns casos. A própria formação da rocha é que determina onde ela deverá ser descolada. Tá vendo essas linhas aqui, já é da própria pedra, aqui indica o local exato onde a gente deve partir a rocha. A lateral de uma jazida é como um livro fechado e as lajes são as páginas desse livro (IRLANDO, 2016).







Pedras e Força

Sobre a questão da forma, Ingold (2012) defende a ideia de que campos de estudo como o da antropologia, arqueologia, história da arte e o da cultura material deveriam priorizar os processos de formação ao invés do produto final, voltando a atenção para os fluxos de criação e não para a forma acabada em si mesma. Inspirado principalmente no pensamento do pintor Paul Klee (1973) e no dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2004), Ingold argumenta que, no fluxo da vida, a relação essencial se dá não entre matéria e forma, mas entre *materiais* e *forças*.

Assim, como a planta cresce a partir de sua semente, a linha cresce a partir de um ponto que foi posto em movimento. Partindo de Klee, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2004, p. 377) argumentam que, em um mundo onde há vida, a relação essencial se dá não entre matéria e forma, substância e atributos, mas entre *materiais* e *forças*. Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas. Na sua retórica, eles tentam superar a persistente influência de um modo de pensar as coisas e como elas são feitas e usadas que tem prevalecido no mundo ocidental durante os últimos dois milênios ou mais, ao menos desde Aristóteles (INGOLD, 2012, p. 26).

O que Ingold (2012) está questionando é o modelo hilemórfico da criação, inaugurado com Aristóteles, que parte do pressuposto de que, para criar algo, deve-se juntar forma (*morphé*) e matéria (*hyle*). A propagação do modelo hilemórfico da criação, segundo Ingold, aconteceu principalmente no pensamento ocidental. No modelo hilemórfico a forma passou a ser vista como “imposta por um agente com um determinado fim ou objetivo em mente sobre uma matéria passiva e inerte” (INGOLD, 2012, p. 26).

Ainda nas palavras de Ingold (2012, p. 26), “os debates contemporâneos em campos dos mais diversos – da antropologia e arqueologia à história da arte e estudos da cultura material – continuam a reproduzir os pressupostos que subjazem ao modelo hilemórfico”. Um dos engajamentos desse autor é buscar explicitar como o modelo hilemórfico retira as coisas do fluxo vital ao substituir as noções de “coisa” por “objeto” e de “vida” por “agência”.

Ingold (2012), apropriando-se do pensamento do filósofo Martin Heidegger (1971), define como “objeto” aquilo que se coloca diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa observação sua superfície congelada. Já a “coisa” seria um “acontecer”, um ponto em que vários acontecimentos se entrelaçam em um

“parlamento de fios”, uma entidade aberta para o exterior. Nesse sentido, o objeto seria o correspondente da forma acabada, desprovido de movimento, sem vida.

Para o autor, aí residiria o equívoco no que diz respeito à ação dos objetos perante a ação das pessoas, ou seja, a questão da agência (GELL, 1998). O “problema da agência” estaria em interpretar o modo como os objetos “agem de volta” em relação à ação das pessoas. Da perspectiva de Ingold, atribuir agência aos objetos seria um meio de reanimá-los no mundo, porém eles nunca estiveram completamente desconectados dos fluxos vitais.

É aqui que chegamos – e, espero, enterremos para sempre – o chamado “problema da agência” (Gell, 1998, p. 16). Muito já foi escrito sobre relações entre pessoas e objetos com base na ideia de que a diferença entre eles é longe de ser absoluta. Se as pessoas podem agir sobre os objetos que as circundam, então, argumenta-se, os objetos “agem de volta” e fazem com que elas façam, ou permitem que elas alcancem, aquilo que elas de outro modo não conseguiriam (ver, por exemplo, Gosden, 2005; Henare; Holbraad; Wastell, 2007; Knappett, 2005; Latour, 2005; Malafouris; Knappett, 2008; Miller, 2005; Tilley, 2004). Não obstante, no primeiro movimento teórico que toma as coisas para enfocá-las em sua qualidade de objeto (*objectness*), elas são retiradas dos fluxos que as trazem à vida [...]. De modo mais geral, sugiro que o problema da agência nasce da tentativa de reanimar um mundo de coisas já morto ou tornado inerte pela interrupção dos fluxos de substância que lhe dão vida. No ASO (Ambiente sem Objetos), as coisas se movem e crescem porque elas estão vivas, não porque elas têm agência. E elas estão vivas precisamente porque não foram reduzidas ao estado de objeto. A ideia de que objetos têm agência é, na melhor das hipóteses, uma figura de linguagem, imposta a nós (anglófonos, ao menos) pela estrutura de uma linguagem que exige de todo verbo de ação um sujeito nominal. Na pior, ela tem levado grandes mentes a se enganar de um modo que não gostaríamos de repetir. Com efeito, tomar a vida de coisas pela agência de objetos é realizar uma dupla redução: de coisas a objetos, e de vida a agência. A fonte dessa lógica redutivista é, acredito, o modelo hilemórfico (INGOLD, 2012, p. 34).

Porém, os tais objetos nunca deixaram de ser coisa, pois estão no fluxo da vida e em constante relação com os outros materiais que habitam o mundo. Desse modo, não existe um mundo de objetos discretos e bem ordenados onde os processos vitais são contidos. Se assim fosse, as pedras seriam percebidas pelos extratores como um material inerte, sem relevância no que diz respeito à cadeia operatória da extração e da construção. O fluxo vital das pedras pode ser observado em diversos momentos nessa experiência de pesquisa. Na identificação de uma pedreira, durante o tempero das ferramentas e durante a quebra e extração das pedras. Mas o que o Pedreiro Artesão está nos dizendo em relação aos fluxos vitais das pedras é que é impossível prever o resultado final em seu trabalho.

Levando em consideração a interlocução estabelecida nesse processo de pesquisa com o Homem Bomba, o Pedreiro Artesão e as pedras, penso que a prática desses extratores ocorre de uma forma muito próxima do modo pelo qual Ingold (2012) entende o trabalho e as práticas dos pintores, alquimistas e cozinheiros, cujo papel “não é impor uma forma à matéria, mas reunir materiais, combinar e redirecionar seus fluxos tentando antecipar aquilo que irá emergir” (INGOLD, 2012, p. 36). Ou seja, a prática de do Pedreiro Artesão e do Homem Bomba dizem respeito ao ato de reunir, combinar e redirecionar os fluxos da pedra em uma negociação constante com os outros materiais.

A pedra está em constante relação com a terra, o sol, a chuva, o vento, os animais humanos e não humanos. O trabalho de extrair, modelar e de construir com elas diz respeito também a essa percepção, pois como já mencionado anteriormente, a ação dos extratores está condicionada ao modo como a pedra é sentida. Para que o trabalho seja bem-sucedido, não adianta operar contra “a vontade da pedra”, ou seja, contra seu fluxo vital.

Ingold argumenta a propósito dos estudos do arqueólogo Benjamim Alberti sobre as cerâmicas, apontando que não eram percebidas como objetos fixos e estáveis

[...] que traz[em] a marca da forma cultural sobre a matéria “dura” do mundo físico (Alberti, 2007, p. 211). Pelo contrário, as evidências sugerem que os potes eram tratados como corpos, e com a mesma preocupação: compensar pela estabilidade crônica, reforçar os recipientes contra a constante suscetibilidade a vazamento e descarga que ameaça lhes dissolver ou metamorfosear. (INGOLD, 2012, p. 36).

Ao observarmos o processo de extração e ao atentarmos para os termos utilizados pelos interlocutores na classificação das etapas de seu trabalho, nota-se a percepção da pedra como “coisa viva”, evidenciada no modo como a ela se referem.

Várias analogias são feitas pelos extratores na cadeia operatória da extração para comparar partes das pedras com partes do corpo humano. O Pedreiro Artesão já havia mencionado que uma pedreira é identificada pela “costelinha” de pedras que aparece na superfície da terra, esse é um indício de que embaixo do solo pode existir uma pedreira em potencial.

Ainda em relação ao sufocamento das pedras, retomo aqui um evento que mencionei no começo deste capítulo, e que diz respeito à primeira vez em que estive em uma pedreira em Rio de Contas. Naquela ocasião, surpreso por ter encontrado carvão e cinzas na base de uma jazida, foi-me dito que as pedras poderiam ser sufocadas. O que pude perceber, com o avanço desse processo de pesquisa, é que a pedra não é um material

estável, e pode inclusive “morrer” (ser sufocada pelo corte, interrupção de suas linhas em certo meio) no contexto das pedreiras e “ressuscitar” (transmutada, criação de novas linhas) na relação com outros materiais.

No contexto das pedreiras, os interlocutores demonstraram, por meio de sua relação com a pedra, que ali ela é percebida como algo vivo. “*A jazida que determina a espessura da pedra*”, “*a pedra deve ser sufocada antes de ser partida*”. No caso do sufocamento da pedra, o fluxo vital é interrompido por meio da inserção da cunha no corpo da pedra. Nesse momento, ela é desconectada da jazida, ficando vulnerável e, portanto, suscetível de ser partida. O fogo é muito utilizado em técnicas para a extração de pedras para a construção de alicerces e de pavimentação de ruas. Já no caso da extração das pedras lajeadas, o fogo não pode ser utilizado, pois, segundo o Pedreiro Artesão, a temperatura elevada faz com que as pedras percam a resistência, provocando o que ele nomeou de “destempero”. As pedras, tal como as ferramentas e os artesãos que as trabalham, podem perder a consistência, desconectando-se e desorganizando-se.



3 OUTRAS EXISTÊNCIAS DAS PEDRAS: PERMACULTURA E BIOCONSTRUÇÃO NA CONSTRUÇÃO CIVIL CONTEMPORÂNEA DE RIO DE CONTAS

Um pequeno grupo de permacultores³⁰ vem se formando em Rio de Contas nos últimos dez anos. Composto majoritariamente por pessoas de outras cidades, esses novos moradores passaram também a experienciar ali um novo modo de vida. Com esse deslocamento, não só a experiência de bioconstruir suas próprias casas foi vivenciada, mas também um novo modo de se relacionar com o meio físico, social e cultural local.

Um dos princípios da bioconstrução está relacionado com a participação efetiva dos futuros moradores no planejamento e na construção da casa. Antes de começar a construir, o recomendado é que se observe ao menos por um ano o terreno onde a casa será construída. Essa seria uma forma de entender como o meio se comporta durante as diferentes estações do ano. A escolha dos materiais que serão utilizados e o próprio *design* da construção partirão dessa observação, pois a intenção é a de criar ocupações humanas integradas com os materiais e os fluxos de vida ali presentes. Por essa razão, o bioconstrutor deve observar a manifestação dos materiais no terreno onde pretende construir, pois a relação que se almeja estabelecer com o meio deve respeitar a manifestação dos fluxos vitais destes materiais, buscando assim produzir o mínimo de impacto com a construção.

Porém, o meio é também constituído pelas relações sociais, econômicas, políticas e culturais, não sendo possível se relacionar somente com os materiais construtivos sem se relacionar com o modo de vida das pessoas que vivem neste lugar, os “materiais” existenciais. Durante o tempo em que convivi com os bioconstrutores, observei que essa rede prefere consumir os produtos e os serviços produzidos pela população da cidade. Essa prática não diz respeito apenas aos materiais utilizados na construção civil, mas aos alimentos e a outros produtos comercializados na cidade.

³⁰ A noção de Permacultura foi criada por Bill Mollison e David Holmgren, na Austrália, no fim da década de 70 do século XX. A palavra é uma expressão originada do inglês *Permanent Agriculture*, que posteriormente passou a ser entendida como “Cultura Permanente”. Desde a sua criação, a permacultura agregou vários conhecimentos de cunho “científico” e “tradicional”, com a intenção de planejar e criar ocupações humanas produtivas em equilíbrio com o meio. No início, a noção de permacultura estava mais ligada às questões referentes à agricultura, porém, atualmente, foi ampliada, sendo definida pelos permacultores como um conhecimento holístico, socioambiental, que integra o saber científico com o tradicional popular, visando garantir e tornar a permanência da espécie humana na terra mais integrada com o meio.

Por fazer parte do Projeto Refazer, mantive contato muito intenso com os bioconstrutores em Rio de Contas. Acredito que poucos moradores de Rio de Contas sabiam que eu era de Marcolino Moura, estando ali para realizar uma pesquisa, o que me leva a acreditar que, localmente, era confundido com uma pessoa de fora, ou até mesmo com um bioconstrutor. Nos primeiros meses da pesquisa de campo, alguns feirantes me ofereciam seus produtos com o seguinte dizer: *“aqui não tem veneno, tudo que vendo é do quintal de casa, tudo orgânico, fresquinho, sem veneno nenhum...”*. Com essa fala, percebi que o modo de vida dos bioconstrutores já havia provocado algumas mudanças locais, como a valorização da produção de orgânicos e da agricultura familiar.

Essa mudança não significa que os agricultores locais não estavam engajados anteriormente com esse tipo de prática, mas diz respeito ao modo como o acontecimento, o encontro entre permacultores e agricultores, transformou localmente a percepção que se tinha destas práticas. Esse acontecimento parece ter afetado a subjetividade colonizadora que paira na cidade, pois o lugar que o agricultor ocupa em relação a este tipo de subjetividade é de rebaixamento, de um fazer menor. No modo de operar da subjetividade colonizadora, o “fazer” manual ou as práticas de trabalho que envolvem maior engajamento do corpo físico são constantemente diminuídos.

Essa separação diz respeito, sobretudo, à dicotomia fictícia produzida pela sociedade ocidental capitalista entre natureza e cultura. Nessa separação, o corpo – entendido como pertencente a nossa animalidade – estaria na esfera da natureza, ou seja, as práticas que exigem um grande engajamento corporal estabelecem distância do pensamento, do intelecto, do espírito humano, da cultura.

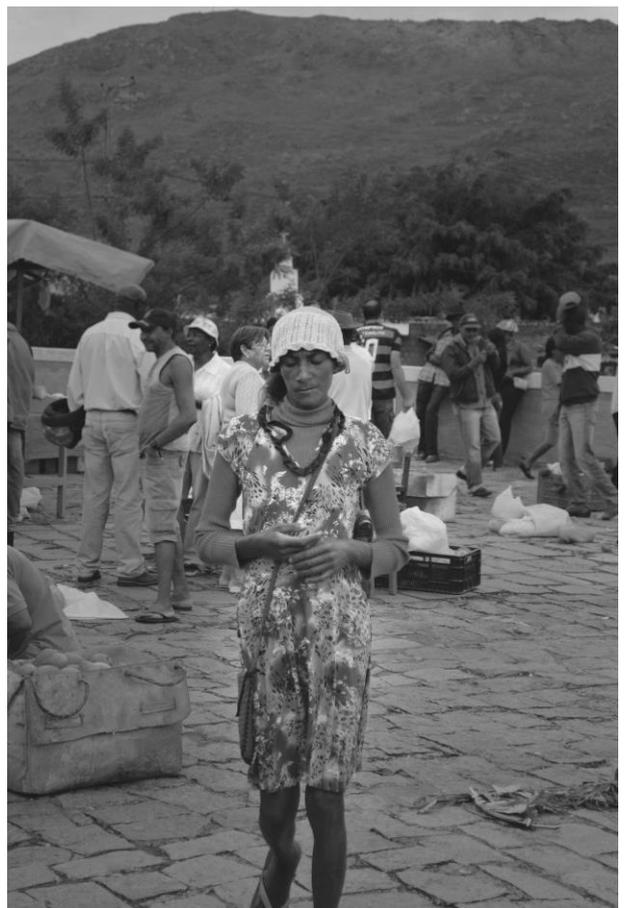
No que diz respeito à distinção entre natureza e cultura, Viveiros de Castro (2011) argumenta que esta separação não pode ser utilizada para descrever dimensões ou domínios internos da cosmologia não ocidental, sem antes passar por uma crítica etnológica rigorosa. Nessa distinção clássica, a cultura ou sujeito seria aqui a forma universal; a natureza ou objeto, a forma particular. Esta crítica etnológica exige a dissociação e redistribuição dos predicados subsumidos nas duas séries paradigmáticas que tradicionalmente se opõem sob os rótulos de Natureza e Cultura, como, por exemplo: objetivo e subjetivo; corpo e espírito; animalidade e humanidade, entre tantos outros.

Para a subjetividade colonizadora, a natureza deve ser dominada e explorada, pois uma das crenças que alimentam essa subjetividade é a de que o mundo permanece

em função da existência humana, ou seja, deve ser dominado, explorado, pois sua única razão de existir é o sustento do humano no mundo. Em Rio de Contas, os permacultores, em relação com os materiais existenciais, com os modos de existência ali presentes, provocaram fissuras significativas nesse modo de subjetivação, ocorrendo um deslocamento, uma mudança no modo como os fazeres manuais e a prática da agricultura são entendidos localmente.







Duração e bioconstrução

Construir uma casa é um ato de permanência. Fixar morada, escolher o lugar onde se pretende passar parte da vida, sinaliza também um desejo de durar naquele lugar. No caso das casas construídas com as técnicas da bioconstrução, o tipo de relação que se estabelece com o ambiente tem como ponto de partida uma ética que busca gerar o mínimo de impacto entre os humanos e o meio. Ainda segundo os princípios éticos da bioconstrução e da permacultura, o bioconstrutor, antes de tudo, deve observar o modo como os materiais se comportam no local onde se pretende construir. Nesse sentido, o engajamento dos futuros moradores da casa em sua construção é imprescindível. O bioconstrutor precisa, portanto, permanecer e estabelecer uma relação com o terreno, com a terra, para que ele possa perceber a manifestação dos fluxos vitais dos materiais presentes naquele local.

Podemos dizer que a subjetividade produzida e que se manifesta nesse engajamento é muito próxima da subjetividade do agricultor, uma vez que o bioconstrutor, por precisar permanecer, também estabelece certo tipo de aliança com a terra. A casa bioconstruída está em constante transmutação, e os materiais e as técnicas utilizados no processo da construção buscam se relacionar com essas transmutações de forma mais menos conflituosa, não impedindo a manifestação da mudança. Os materiais são escolhidos com o intuito de não obstruir os fluxos de vida ali presentes.

Mas esta transmutação incessante não é exclusiva das casas bioconstruídas. As edificações da construção civil convencional também a experimentam. O que muda em relação há esses dois modos de construir é a percepção que se tem da edificação e do meio. No caso da bioconstrução, a edificação é percebida como um corpo vivo, incorporando a transformação dos materiais após a construção, de modo que a ação do tempo é entendida como uma manifestação dos fluxos dos materiais. Isso faz com que o modo de lidar com essas mudanças também seja diferente, seja mais plástico ou fluido, pois parte do entendimento de os materiais também estão em constante transmutação.

Já na construção civil convencional, os materiais precisam sustentar a rigidez de uma forma imposta. Nesse sentido, até mesmo as pequenas mudanças de tamanho, textura e densidade colocam em risco toda a estrutura da edificação. Nesse modo de construção, não pode haver espaço para que os materiais se manifestem de outro modo que não seja aquele planejado e calculado inicialmente. A rigidez, como a do aço que sustenta as estruturas e a do cimento que planeia o chão, causa a constante sensação de

que o solo é desprovido de relevo e rugosidade, de que o tempo não age ou não pode agir sobre as edificações. O que deve durar nesse tipo de construção é, antes de tudo, o projeto da forma inicial.



Pedras na morada da luz

Seguindo os fluxos das pedras em Rio de Contas, cheguei à casa do permacultor e artesão Nagoy Sol. Há mais de dez anos, Sol e sua família vivem em Rio de Contas. Após sua chegada, uma pequena rede de permacultores começou a se estabelecer localmente. Atualmente, Sol desenvolve diversas atividades, pois além do trabalho com madeira, ele também atua como consultor de permacultura, como facilitador de oficinas, produz húmus de minhoca, adobe cru (adobão)³¹, entre outras coisas.

Durante a realização do vídeo *Caminho das Pedras*, segundo documentário da série “Encontros” desenvolvida pelo projeto Refazer, acompanhei a rotina de Sol na sua casa, pois o Pedreiro Artesão, iria construir ali um tanque biológico, feito com pedras, para armazenamento da água da chuva. A intenção era a de produzir imagens que pudessem mostrar a relação e o encontro entre esses dois artesões, tão diferentes um do outro, mas que possuem algo muito semelhante na relação com os materiais com os quais trabalham.

A casa onde Sol mora com sua família se chama Morada da Luz. Perguntei a ele o porquê desse nome, e Sol me respondeu que Luz é o sobrenome de sua esposa e de suas filhas. Sol planejou e participou de todas as fases da construção da Morada da Luz. Para ele, essa experiência foi entendida como um grande laboratório de testes com os materiais. Amassar o barro, rebocar e pintar as paredes seriam formas de inserir a “energia” desses futuros moradores nas estruturas da construção, pois a casa é entendida como um organismo vivo que se relaciona com o meio.

As janelas, por exemplo, foram construídas com o intuito de melhor aproveitar a luminosidade e a circulação de ar no ambiente. A escolha do material utilizado na construção das paredes priorizou o equilíbrio da temperatura no local, refrescando a casa durante o dia e aquecendo a noite. Sobre essa inversão térmica, Sol relatou:

Quando tá quente lá fora aqui tá frio e aí a noite inverte isso, começa a soltar um calorzinho pra dentro da casa e esfria lá fora, esse é o jeito que a casa respira. O vento, quando eu consigo abrir todas as janelas, eu faço mudar o ar de dentro de casa, oxigenar os cômodos, né? Mas eu poderia ter um milhão de janelas aqui, se não tivesse por onde sair, o ar ia ficar aqui dentro e teria uma hora que ele pararia de entrar (SOL, 2016).

31 Tijolo feito com uma mistura de barro cru, areia, estrume e fibra vegetal, posteriormente colocado em formas de madeira para secar ao sol, sem que haja a queima.

Em meados de maio de 2016, começamos a fazer as imagens na casa de Sol. Na primeira visita da equipe audiovisual do Projeto Refazer, Glaucia, Maurizio e eu chegamos à casa do Sol por volta das 7h30. Entramos pela porta do quintal que dá acesso à cozinha. Assim que entramos, notei um fogão à lenha no centro da cozinha, o revestimento era feito com pedras, o que logo chamou minha atenção. Eu já conhecia a casa de Sol, já havia estado ali algumas vezes, mas, com a câmera na mão, minha percepção naquele momento voltou-se para a presença da pedra naquela construção.

A parede em frente a porta de entrada da cozinha também era revestida com pedra. Do lado esquerdo do fogão, havia uma escada de madeira que dava acesso ao segundo andar da casa, onde ficam a sala e os quartos. Do lado direito, havia uma mesa com quatro cadeiras e um grande banco. As paredes da cozinha, pintadas com tinta feita a base de terra, tinham uma tonalidade de amarelo mostarda que predominava no ambiente.

Sol mencionou que toda a pedra utilizada na construção de sua casa havia sido extraída da região, sendo a família do DO Homem Bomba e do Pedreiro Artesão os fornecedores do material:

É difícil você falar de bioconstrução sem se envolver; ao contrário da construção civil convencional, a bioconstrução te faz “se envolver” no lugar onde você mora. E é difícil se envolver com Rio de Contas sem se dar de cara com a pedra, né? Pela montanha, pela Serra das Almas, por todos os alicerces das casas antigas e aí já diz, né? Difícil não ver a pedra em Rio de Contas, mas ela entra no alicerce, ela entra na hora de chegar na montanha, no abrir estrada... a gente aprende que a pedra não adianta eu chegar novo, forte e cheio de... porque ela vai me quebrar nas duas primeiras horas, eu tenho que ir tranquilo e ir quebrando devagarzinho e no caso da casa ela foi o que tornou possível aproveitar um terreno que era ruim, comercialmente falando para uma casa porque ele é assim (faz gesto com as mãos indicando inclinação), mas eu usei a pedra para tornar a casa... eu tenho 333m² construída em um terreno de 640m² e tenho uma área no quintal dar até para fazer um tanque de água, que é o que a gente vai fazer agora (SOL, 2016)



Composição com pedras: o tanque biológico na Morada da Luz

Entre os meses de maio e junho de 2016, estive junto com a equipe audiovisual do Refazeres acompanhando o processo da construção de um *tanque biológico*³² no quintal da Morada da Luz. Lá o Pedreiro Artesão entrou em processo de criação, utilizando as pedras extraídas por ele e pelo Homem Bomba. Um dos vídeos produzidos pelo projeto seria justamente sobre o encontro entre pedras, técnicas e bioconstrução em Rio de Contas. Estive ali filmando durante os vários dias do processo de construção do tanque, extraindo destes encontros imagens e afetos que foram aqui organizados como modo de comunicar o conhecimento produzido nesta experiência etnográfica.

O desejo de Sol com a construção do tanque era principalmente o de armazenar a água da chuva em seu quintal, porém gostaria que ele também pudesse ser utilizado para o lazer de suas filhas e para a criação de peixes. O planejamento inicial almejava conter tanto a água que caísse do telhado da casa quanto a da enxurrada vinda da rua, que já desaguava em seu quintal. Em uma manhã do mês de maio, no quintal da Morada da Luz, Sol apresentou seu projeto para o Pedreiro Artesão.

Com uma fita métrica na mão, Sol e o Pedreiro Artesão começaram a medir o terreno e a pensar sobre o que precisaria ser feito ali para a construção do tanque biológico. Alguns dias mais tarde, uma escavação circular de aproximadamente 1,70m foi feita no ponto onde o tanque seria construído. O Pedreiro Artesão construiu, dentro dessa escavação, uma pequena estrutura feita com madeira e finos canos de PVC, estas eram as linhas que demarcavam as dimensões do tanque.

Após a construção dessa estrutura, as pedras começaram a habitar o futuro tanque. A escavação circular foi sendo aos poucos revestido com blocos de pedra e cimento. Um sobrinho do Pedreiro Artesão o auxiliava nesse processo, ficando responsável principalmente por retirar, com uma esponja úmida, o excesso de cimento que ligava um bloco de pedra ao outro. Mas antes de fixar o bloco de pedra na estrutura, o Pedreiro Artesão fazia uma espécie de “prova”, para ter certeza de que aquele era o bloco mais adequado para aquele lugar da construção.

³² Esse termo foi utilizado por Sol para nomear essa construção. O tanque biológico, que foi construído no quintal do bioconstrutor, é uma espécie de piscina feita e revestida com pedras. Segundo Sol, a construção foi concebida seguindo os princípios da permacultura, tendo como intuito o armazenamento da água da chuva.

Depois dessa confirmação, ele era retirado da estrutura e o Pedreiro Artesão começava a modelar as bordas do bloco com uma marreta, como uma forma de arredondá-las e garantir o encaixe e certa homogeneidade na construção, exigindo assim o mínimo possível de massa de cimento para que a união entre os blocos fosse feita. Após o bloco ter sido devidamente modelado, ele voltava para a estrutura da construção, agora para fixá-lo na densa massa de cimento, espalhada anteriormente com uma espátula na superfície e na lateral do último bloco assentado. Depois de acomodado o bloco, o Pedreiro Artesão dava leves batidas com uma marreta, para que as pedras aderissem melhor à liga de cimento.

Esse processo se repetiu até que, lentamente, as paredes do tanque biológico foram se erguendo. Enquanto o Pedreiro Artesão assentava os blocos de pedra, Sol acompanhava o processo, sugerindo ideias e ouvindo a opinião do mestre sobre a viabilidade de elas serem realizadas com as pedras. Nesse momento, o Pedreiro Artesão ressaltou que o resultado não seria convencional, pois o tipo de material usado não possibilitava a homogeneidade que outros materiais, como o azulejo, podem proporcionar.

Sol entendia a singularidade desse tipo de construção como um potencial, mencionando que a “*inspiração*” era a montanha, a irregularidade da montanha, das pedreiras de onde as pedras foram extraídas. Essa parecia ser a compreensão de Sol sobre o tipo de construção que estava sendo feita, pois comentou com o Pedreiro Artesão: “*estamos tentando montar aqui o que o Homem Bomba desmontou nas pedreiras, pois estes blocos foram extraídos por ele*”.

Em relação às pedras extraídas pelo Homem Bomba, o Pedreiro Artesão comentou que a técnica utilizada para a extração é diferente da que ele utiliza, pois o Homem Bomba trabalha com pedras mais irregulares, pedras brutas. Para o Pedreiro Artesão, as pedras extraídas pelo Homem Bomba não dão muitos indicativos de onde devem ser partidas, pois os blocos são maciços, cortados com o pixote. Já a qualidade das pedras extraídas por ele é que não são partidas, mas descoladas; a própria pedra seria a responsável pela condução até o local onde ela deve ser descolada.

Na construção do tanque biológico, dois tipos de pedra foram utilizados, as extraídas pelo Homem Bomba, para a edificação das paredes, e as extraídas pelo Pedreiro Artesão, para o piso do tanque. O modo de pensar o encaixe e de manusear estes materiais também são distintos. O Pedreiro Artesão mencionou que o seu olho já

se acostumou a olhar para as pedras e saber se se encaixariam perfeitamente em cada lugar de uma construção.

Nesse momento, ele fez uma analogia do seu trabalho com o nosso, no caso da produção de imagens: *“eu imagino que vocês já devem ter muitas horas de material filmado, isso depois vai ser arrumado de um jeito que muita coisa vai sair, tem que ter um olho muito técnico, muito bom, para poder extrair o material que realmente vai estar no final do vídeo”*.

A fala do Pedreiro Artesão reverberou por muito tempo em meu corpo, pois ela redirecionou minha atenção para a similaridade entre o seu ofício e o meu. Na minha prática etnográfica, crio com linhas de textos e imagens, já o Pedreiro Artesão cria com as linhas das pedras. Fui percebendo, ao longo da pesquisa, as características destes dois movimentos que constituem processos de criação.

Por mais que os materiais utilizados sejam distintos, existe algo de similar no modo como os materiais em fluxo criam linhas em uma composição. Ingold (2012), ao pensar a prática improvisativa no movimento dos fluxos da vida e de criação, afirma que *“os caminhos ou trajetórias através dos quais a prática improvisativa se desenrola não são conexões, nem descrevem relações entre uma coisa e outra. Eles são linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas”* (INGOLD, 2012, p. 27).

Nesse sentido, o pensamento de Ingold não diz respeito a uma *“rede de conexões”*, mas a uma espécie de *“malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento”* (INGOLD, 2012, p. 27), fazendo uma distinção entre as noções de *“linhas de fluxo da malha e as linhas de conexão da rede”* (INGOLD, 2012, p.27).

A noção de linha em Ingold é inspirada primordialmente no pensamento filosófico de Deleuze e Guattari. A vida, para estes autores, acontece ao longo de linhas-fios. Em relação à criação, para Deleuze e Guattari é sempre sobre uma *“linha de fuga”* que se cria, pois ela nos guia em direção ao novo, àquilo que não estava previsto. Criar *“linhas de fuga”* seria uma espécie de incubação para o novo, a criação de uma distância que permite a continuidade do movimento de diferenciação.

Ao acompanhar o trabalho de composição com pedras do Pedreiro Artesão, percebe-se que a improvisação em sua criação é imprescindível, pois não existe nenhuma forma ou figura fixa dada; ele trabalha sobretudo com o redirecionamento dos feixes de linhas das pedras.





Mosaico de pedras: improvisação e movimento com os materiais

Depois que as paredes do tanque haviam sido erguidas com os blocos de pedra extraídos pelo Homem Bomba, o piso começou a ser construído com as pedras extraídas pelo Pedreiro Artesão. Uma massa de cimento foi espalhada por toda a superfície do chão do tanque, para que posteriormente as pedras pudessem ser assentadas. Segundo o Pedreiro Artesão, as primeiras pedras a serem utilizadas são chamadas de “mestras”. As pedras mestras possuem “competência” para direcionar quais serão os próximos movimentos a serem realizados na composição que se inicia. Estas pedras não precisam passar por nenhuma modelagem prévia antes de serem assentadas, pois com elas serão criadas as primeiras linhas do mosaico.

O cimento liso espalhado no chão assemelha-se a uma tela que aguarda ser modificada por uma força criadora. As pedras “mestras” começaram, então, a ser carregadas para dentro do tanque pelo sobrinho do Pedreiro Artesão e por um ajudante de obra. O pedreiro Artesão escolheu minuciosamente cada uma. Outra característica que distingue as pedras “mestras” é o fato de elas serem maiores do que as que serão utilizadas nas próximas etapas da construção.

Dentro do tanque, o Pedreiro Artesão espalha as várias pedras mestras pelo chão, como em um quebra cabeça onde não existe um desenho definido. Essa seria a primeira etapa, que consiste na identificação das pedras mestras e no seu assentamento dentro do mosaico.

Já na segunda etapa, o Pedreiro Artesão passa a escolher pedras com outras características. Após o assentamento das pedras mestras, as pedras utilizadas na segunda etapa devem garantir o prolongamento das linhas que haviam sido construídas anteriormente com as pedras mestras. O assentamento destas pedras deve garantir também a continuidade do movimento de crescimento da construção. Nesta etapa, algumas pedras precisam passar por um curto processo de modelagem; o próprio Pedreiro Artesão realiza este processo, que consiste no arredondamento das bordas utilizando uma pequena marreta.

Na terceira etapa, é exigido um maior esforço na modelagem das pedras, pois já não há muitos espaços vazios, então as pedras devem ser modeladas para dar continuidade às linhas do mosaico. Segundo o Pedreiro Artesão, nunca se sabe qual desenho surgirá daquelas pedras em relação: *“parece brincadeira, mas o olho acostumou a encontrar as pedras, o olho acostuma a encontrar o encaixe”*.





Linhas de pedras: corpos transmutados em relação

Algo ocorre entre as pedras e o corpo do Pedreiro Artesão. O que até então existia somente no plano do virtual, como uma potência de acontecer, passa então a existir em um outro plano, no plano dos materiais. Agora, como um encontro entre duas *potências* que compõem e criam novas linhas. As pedras, ao terem seus fluxos e freixos de linhas redirecionados pelo Pedreiro Artesão, *se tornam* um tanque biológico, mas, neste encontro, elas também modificam o corpo do próprio Pedreiro Artesão, em uma transmissão incessante de forças instaurada na relação.

A habilidade e percepção do Pedreiro Artesão são forjadas no encontro com as pedras e são transmutadas a cada novo encontro. Para as pedras, o corpo do Pedreiro Artesão também é material de criação, pois elas o transformam. “*O olho muda*”, como mencionou o Pedreiro Artesão diversas vezes. Mas não somente o olho, todo o regime perceptivo muda neste encontro com pedras.

Para o Pedreiro Artesão, as pedras devem ser sentidas, percebidas, para que ele possa agir *com* elas, nunca *sobre* elas. No mosaico com pedras, o resultado é sempre inesperado, pois é impossível prever aquilo que será composto pelas relações ainda não instauradas. As linhas do corpo do Pedreiro Artesão criam com as linhas das pedras, produzem distância, diferenciando as pedras delas mesmas, produzindo novas possibilidades para a existência delas.

No movimento que constrói um tecido entre pedras, cimento e o meio, novas linhas surgem e se diferenciam das antigas que as pedras criavam como lajes. O mosaico é essa instauração de novas relações, em que um novo tecido de linhas de pedras passa a durar no quintal da Morada da Luz, agora como um tanque biológico. Porém, o encontro do Pedreiro Artesão com a bioconstrução e com o Projeto Refazerres também instaurou novas linhas em seu regime subjetivo.

O Pedreiro Artesão alargou a sua possibilidade de criação com pedras, ampliando a sua contingência de ação e sua própria percepção, ou seja, o encontro com as pedras no contexto do Refazerres pode ser pensado como um evento que provocou uma transmutação em sua subjetividade. Rolnik (1997), ao pensar os modos de subjetivação contemporâneos, entende este processo como uma incessante transmissão de forças entre o “dentro” e o “fora”.

O “dentro” é pensado pela autora como um diagrama de relações e de forças que configura o perfil de um modo de ser, de pensar e agir que produz uma dobra entre o espaço interior e exterior. Já o “fora” é pensado como o campo de forças do mundo cultural, material etc. Porém, estas duas esferas não são entendidas como opostas, mas como um lugar de constante transmissão de forças e fluxos. Levando em consideração esta zona de fronteira entre a subjetividade e a cultura, a autora afirma:

O dentro é uma desintensificação do movimento das forças do fora, cristalizadas temporariamente num determinado diagrama que ganha corpo numa figura com seu microcosmo; o fora é uma permanente agitação de forças que acaba desfazendo a dobra e seu dentro, diluindo a figura atual da subjetividade até que outra se profile (ROLNIK, 1997, p. 27).

A experiência vivenciada pelo Pedreiro Artesão no encontro com as pedras no Projeto Refazeres criou uma nova “dobra” no seu regime subjetivo. Com esse alargamento, houve também modificações da sua percepção perante sua prática. Nesse sentido, o Pedreiro Artesão não era mais o mesmo, uma vez que ele também foi afetado por esse novo campo de forças/fluxos que traçaram novas linhas em seu corpo e no seu regime subjetivo.

Vivência com pedras

Durante os dias 18 e 19 de junho de 2016, ocorreu em Rio de Contas mais uma das vivências promovidas pelo Projeto Refazeres; nela, o Pedreiro Artesão atuou como um dos facilitadores, pois o tema principal desta vivência era a pedra. Na tarde do primeiro dia, em uma sala do Espaço-Imaginário, o Pedreiro Artesão apresentou algumas imagens do seu trabalho para os participantes. O grupo era formado em média por 30 pessoas, as quais tinham formação nas mais diversas áreas: engenheiros, bioconstrutores, artistas, professores, pedreiros, ajudantes de pedreiro, pesquisadores, estudantes, permacultores, produtores culturais etc.

A sala estava escura, pois o Pedreiro Artesão projetava, com o auxílio de um *Datashow*, imagens de seus trabalhos. O clima entre os participantes da vivência, que estavam sentados em esteiras de palha espalhadas pelo chão da sala e em bancos de madeira, era de espanto e curiosidade, pois a maioria deles não imaginava que seria possível criar com pedras. Porém, o Pedreiro Artesão aparentava estar muito a vontade naquele ambiente cercado por olhos atentos.

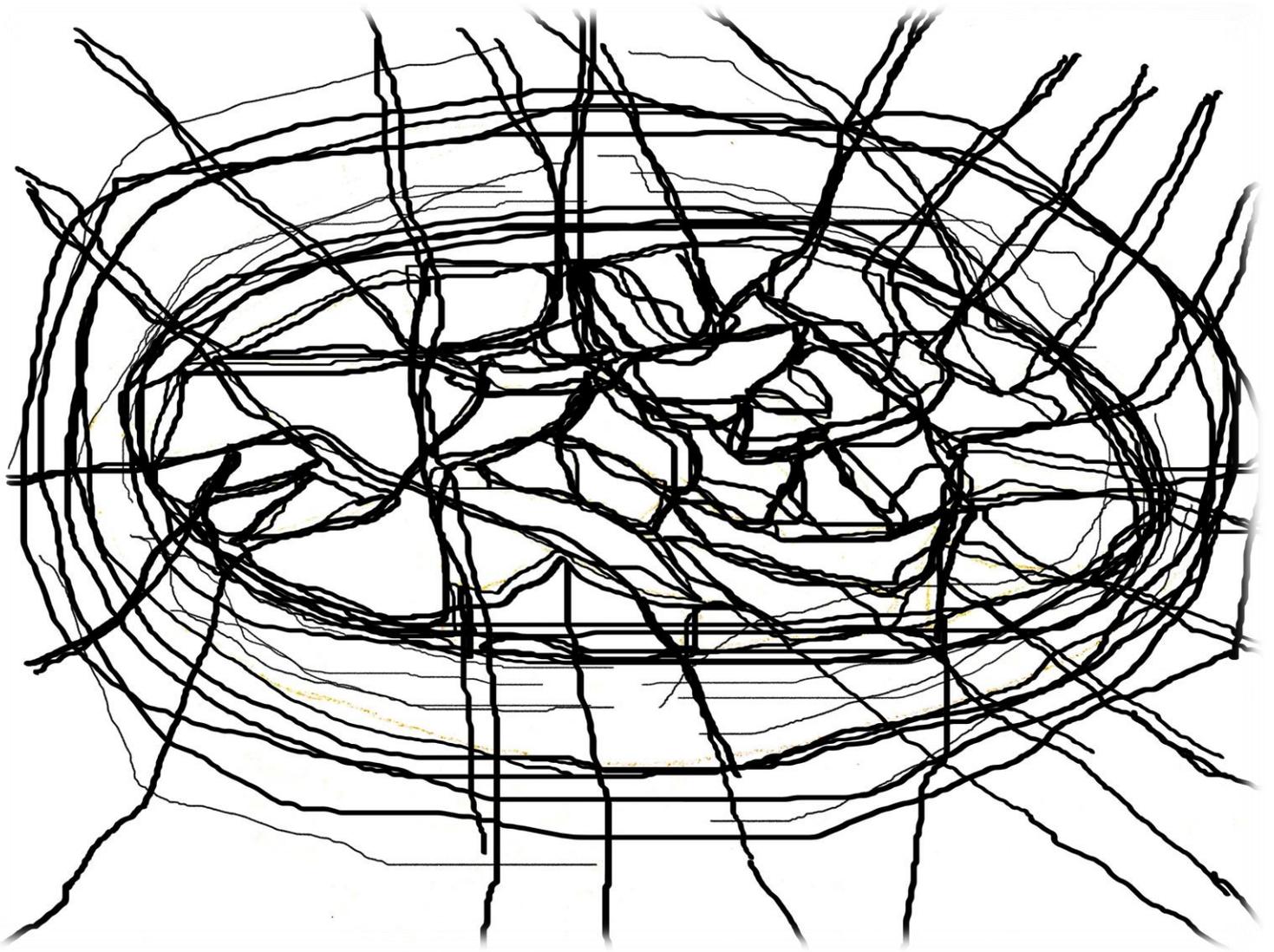
Durante a sua fala, ele ressaltava que, naquele encontro, a pedra deixou de ser para ele somente o “bruto” e passou a ser vista também como “arte”. Transcrevi alguns trechos da fala do Pedreiro Artesão feita durante a vivência, pois ela é rica em reflexões sobre os sentidos que ele atribui à sua prática e ao seu encontro com o Refazer:

O fato de eu estar aqui hoje trouxe uma visão melhor do que é a pedra. Deixou de ser pra mim o bruto e se tornou arte também. Eu chego a ficar sem palavras se eu for pensar em coisas tão grandes que tem de pedras por aí. Uma placa de pedra não se permite cortar de qualquer forma, uma laje na marreta, você tem uma laje, é ela quem diz de que lado ela quer ser cortada, vieram várias ideias. Essa questão da gente conseguir não ser só um extrator que tirava a pedra dali, pois o que interessava era tirar e vender. A gente começou a sonhar com o que a pedra poderia ser útil. Nós podemos ser representados pelas pedras, pedras vivas que edificam um ao outro e que cada vez mais sendo formados através do compartilhar de cada um, nós estaremos fortalecidos nesse objetivo que a permacultura e bioconstrução traz pra nossa vida, contrária à visão do sistema. O trabalho da pedra proporciona isso, você não sabe o finalmente do que você está fazendo, que arte vai chegar ali no final das contas... E é prazeroso. Você trabalhar com algo assim tão natural e que lhe surpreende a cada momento [...] a pedra foi ensinando, como se fosse os caminhos das pedras, porque igual eu disse aí um trabalho feito na marreta então você tem que aproveitar o que a pedra lhe oferece, você não pode querer fazer aquilo que não vai conseguir com a pedra. Vai querer quebrar ela de uma forma que ela vai acabar se desperdiçando, e a gente conseguiu fazer essas montagens de pedra aí aprendendo a cada momento. Quem trabalha com pedra sabe que é ela que vai te oferecer o que vai ser feito. Você só deseja que seja feito de pedra (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Neste discurso, o Pedreiro Artesão afirma que a pedra deixou de ser algo somente bruto e tornou-se arte. Não que antes ele de fato percebesse as pedras e sua própria prática como algo desprovido de criação, mas a sua fala diz respeito a um alargamento do plano cultural, social e político que a experiência com o Projeto Refazer pode ter criado. Como já mencionado anteriormente, a extração e construção com pedras é uma prática vista localmente como marginal, exercida por aqueles que não se encaixaram em outras atividades econômicas formais, mas a pedra no contexto do Refazer estava sendo percebida como material prima utilizada na construção das edificações históricas de Rio de Contas e como material “sustentável” para as edificações bioconstruídas.

Desse modo, na relação com as forças do “fora”, o Pedreiro Artesão também criou novas possibilidades de ação em seu ofício que fortalecem a afirmação de sua prática com pedras também como fazer artístico relacionado com modos de construção civil contemporâneos, como no caso da bioconstrução.





Seguindo as linhas

Um evento me fez acreditar que a relação entre permacultores com a população de Rio de Contas havia provocado significativas mudanças. Em agosto de 2015, momento em que estive em Rio de Contas realizando uma curta etapa do trabalho de campo, fui convidado para compor o júri do projeto de Educação Patrimonial e Artística (EPA) no Colégio Estadual Carlos Souto³³. Esta ação faz parte dos projetos estruturantes promovidos pela Secretaria de Educação da Bahia que consiste na realização de um concurso entre os alunos dos colégios estaduais, para promover e incentivar ações culturais e artísticas extracurriculares.

No caso do EPA, o concurso visa avaliar os trabalhos produzidos pelos estudantes dos colégios estaduais que dialogam com o patrimônio cultural local. A proposta é que cada grupo identifique, descreva e retrate, com breves textos e com fotografias, o patrimônio cultural e artístico de sua cidade. Fiquei espantado e reflexivo durante a apresentação de um dos trabalhos dos estudantes. Nele, ao lado da fotografia da antiga Casa de Câmara e Cadeia – monumento histórico e patrimonializado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional (IPHAN) desde a década de 1980 – estava a de uma casa construída recentemente na cidade com técnicas da bioconstrução.

Dentro da proposta do EPA de elaborar um álbum de fotografias sobre o patrimônio cultural da cidade, as duas edificações foram apresentadas pelos estudantes como patrimônio cultural de Rio de Contas, a primeira circunscrita por uma compreensão de patrimônio legitimada institucionalmente e já disseminada como discurso, apoiada num tempo passado, valores artísticos, histórico e de relevância para a identidade nacional, e a segunda como uma edificação que utilizou materiais e técnicas semelhantes as que haviam sido utilizadas edificações históricas da cidade.

Nesse sentido, o passado de Rio de Contas foi apropriado pelos estudantes como uma força que se desdobrou na materialização de eventos no presente, como, por exemplo, nas edificações bioconstruídas. As técnicas utilizadas em casas bioconstruídas

³³ “O projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) promove o desenvolvimento de ações essenciais para o exercício do direito à cultura, para a defesa dos valores históricos e artísticos, com vistas à formação de uma nova mentalidade cultural e ao estímulo das práticas culturais de identificação, reconhecimento e preservação do patrimônio cultural baiano; contribui para avivar o debate sobre as questões patrimoniais e incrementar as práticas culturais no campo da história, da arte, da juventude e do patrimônio, com vistas à preservação da memória cultural e à democratização dos saberes e dos espaços históricos, assim como à apropriação da história e da cultura [...]”. Disponível em: <<http://institucional.educacao.ba.gov.br/EPA>>.

– técnicas parecidas com as utilizadas na construção das edificações históricas e patrimonializadas da cidade, envolvendo o uso da terra e de pedras como materiais construtivos – foram entendidas como patrimônio cultural, ou seja, as técnicas e os saberes foram mais privilegiados pelos estudantes do que as edificações em si.

Pensando a relação entre *estrutura, história e ação simbólica*, Sahlins (1990) afirma que a ação dos sujeitos pode operar sobre os arranjos preexistentes para reconstruir as categorias culturais. Ou seja, os eventos que ocorrem no presente podem buscar na historicidade uma forma de atualização dos significados das categorias culturais ali já presentes.

Nesse sentido, para Sahlins (1990, p. 179), as supostas oposições ente *História e Estrutura*, ou entre estabilidade e mudança, são “dicotomias reificadas na divisão do objeto antropológico”. Acredito que a noção de excepcionalidade, tão presente como justificativa para o tombamento e o registro dos bens culturais, pode ter sido um dos motivos que aproximou a bioconstrução das edificações históricas patrimonializadas no imaginário desse grupo de estudantes, pois tanto no caso das edificações históricas, quanto no das edificações bioconstruídas, o materiais e técnicas utilizados são diferentes daquelas utilizadas nas edificações da construção civil convencional, o que as tornam singulares em relação a este tipo de edificação.

Porém, como já afirmado por Sahlins (1990, p.179), a estabilidade e a mudança são dicotomias muitas vezes construídas como categorias explicativas pela própria antropologia e cuja função é pensar as noções de *estrutura* e de *história* como excludentes. Desse modo, a tradição e a inovação na construção civil de Rio de Contas também podem ser pensadas não como antagônicas, mas como face de uma mesma moeda, pois elas coexistem.

O fato de Rio de Contas ser uma cidade do interior, histórica e patrimonializada, pode levar a uma falsa percepção de que ali os acontecimentos e as mudanças não ocorrem. Marvin Harris (1956), antropólogo estadunidense que realizou trabalho etnográfico na cidade durante a década de 50 do século vinte, produziu algumas reflexões sobre estas questões no livro intitulado *Town and Country in Brazil* [Cidade e campo no Brasil]. Um dos motivos que atraiu Harris (1956) para realizar sua pesquisa em Rio de Contas foi a impressão de que a cidade não estava mudando, comparada com as cidades vizinhas que, segundo o antropólogo, viviam uma espécie de “surto de progresso”.

A percepção de outra temporalidade que habita cidade, principalmente aquela vinculada ao passado, pode criar a ilusão de que Rio de Contas estaria congelada no tempo. Mas os modos de existência ali, ou em qualquer outra cidade, estão em transformação incessante, segundo dinâmicas próprias. Um *emaranhado* de trajetos, de rastros deixados pelo movimento daqueles que habitaram e habitam a cidade, tercem também uma espécie de *malha* onde os fluxos de vidas se encontram e coexiste, em um mesmo tempo.

Sobre esta questão, Ingold (2015, p. 215) acredita que existe uma *lógica da inversão* que “transforma as vias ao longo das quais a vida é vivida em limites dentro das quais está encerrada”. A vida, de acordo com essa lógica, estaria reduzida a propriedade interna das coisas que ocupam o mundo, mais não o habitaria. Nesse sentido, a diferença, para Ingold (2015), entre o mundo “ocupado” e o mundo “habitado”, estaria no fato de que no mundo ocupado a vida é reduzida a “uma propriedade interna de coisas”(INGOLD, 2015, p. 215).

No que diz respeito ao sentido do habitar, Ingold (2015) se apropria do pensamento filosófico de Martin Heidegger para refletir sobre a distinção entre o “ocupar” e o “habitar” como modos de pensar o movimento dos fluxos de vida. Para Heidegger (1971), o habitar não diz respeito à ocupação de um mundo já constituído, mas ao processo de habitar a terra, sem ser contido nas estruturas do ambiente já construído. Ingold (2015) se apropria deste pensamento também como uma contestação à ideia de que a vida é vivida “dentro de lugares”. Para Ingold, a vida é vivida “através, em torno, para e de lugares, de e para locais e, outros lugares” (INGOLD, 2000, p. 229).

Nesse pensamento, a existência humana não seria necessariamente situada, mas, sim, situante, pois ela se desdobra não em lugares, mas ao longo de caminhos. Assim, cada habitante que existe no caminho deixa uma trilha, linhas. O encontro, para Ingold, seria o entrelaçamento destas linhas como nó, que, por sua vez, forma uma malha:

Onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó. Lugares, então, são como nós, e os fios a partir dos quais são atados são linhas de peregrinação. Uma casa, por exemplo, é um lugar onde as linhas de seus residentes estão fortemente atadas. Mas estas linhas não estão contidas dentro da casa quanto os fios não estão contidos em um nó. Ao contrário, eles trilham para além dela, apenas para prenderem-se a outras linhas em outros lugares, como os fios em outros nós. Juntos eles formam o que chamei de *malha* (INGOLD, 2015, p. 220).

Os alunos, ao apresentarem as fotografias da Casa de Câmera e Cadeia e da casa bioconstruída como patrimônio cultural de Rio de Contas, demonstraram que para eles este conceito ultrapassa os limites que o estrutura. As noções de excepcionalidade, valor histórico, de memória, de artístico e de identidade nacional não foram simplesmente ocupados, enquadrados dentro dos limites que essa estrutura coloca, e sim habitados “entre”, através destas categorias. Assim, o patrimônio cultural, na visão destes alunos, deixou de ser uma estrutura para ser vivenciado como um modo de habitar.



4 O LEITE DAS PEDRAS

Estar-no-mundo significa necessariamente fazer mundo: toda atividade dos seres vivos é um ato de *design* na carne viva do mundo.

(Emanuele Coccia, 2018, p.43)

O último capítulo desta tese é um caldo espesso que passa entre as pedras. Usada frequentemente para indicar coisas e processos difíceis, a expressão “leite de pedra” é tomada como título para este texto que traz reflexões sobre uma teoria do conhecimento das pedras. Ao longo deste processo de pesquisa, muitos afetos e pensamentos foram produzidos; seguindo estes fluxos, me proponho aqui a tirar “o leite das pedras” em um esforço de criação textual e imagética capazes de falar sobre as singularidades deste conhecimento produzido na experiência etnográfica.

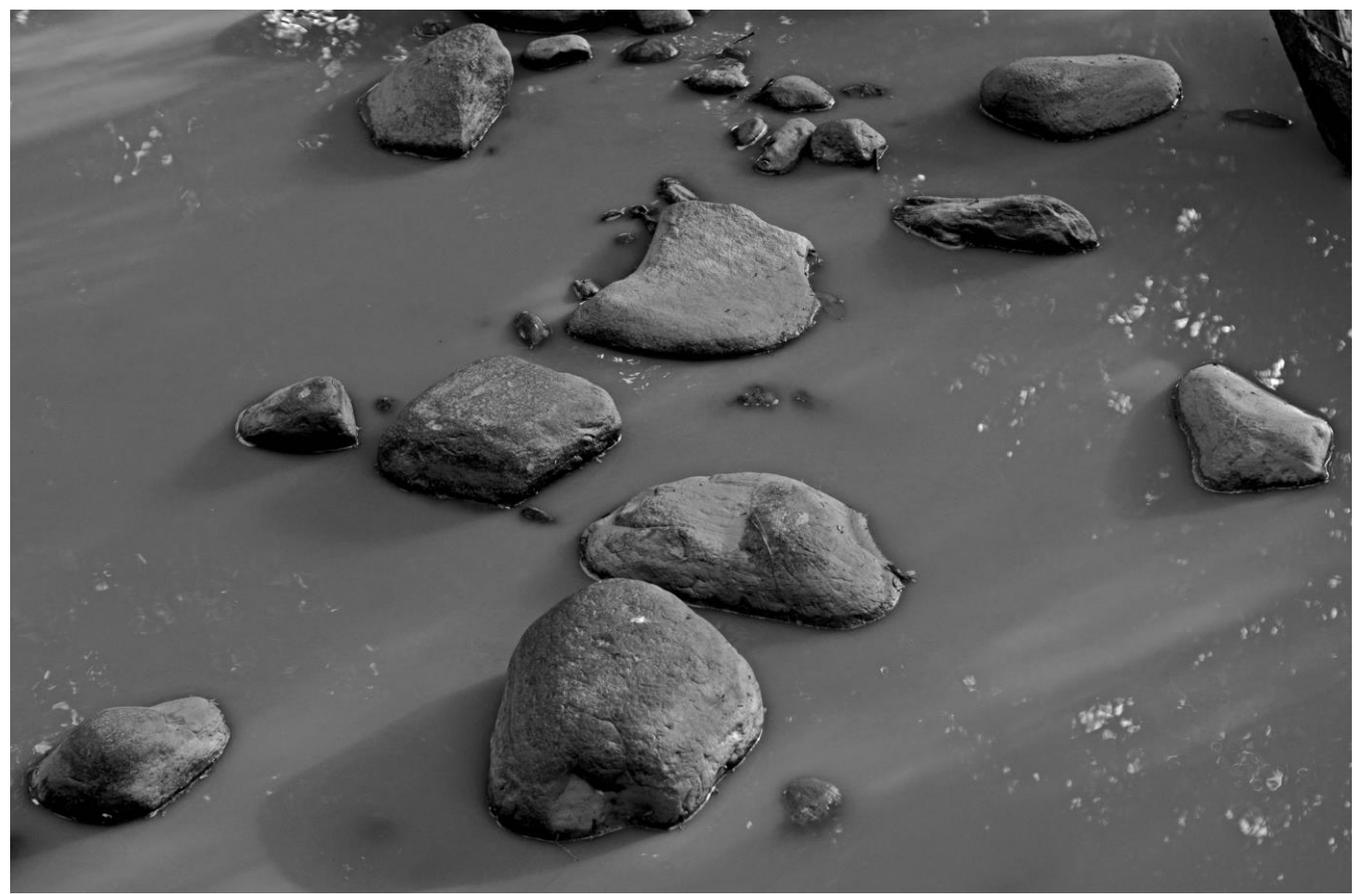
Ponderações sobre as diferenças existentes entre o conhecimento técnico científico e o conhecimento operado pelos extratores de pedra em Rio de Contas abrem as reflexões presentes neste capítulo como meio para situar o leitor em uma discursão sobre dois modos de conhecer: um por objetificação e outro por subjetivação. Em seguida, um exercício voltado para reconhecer a existência de um ponto de vista das pedras, inspirado na teoria do perspectivismo ameríndio elaborada por Viveiros de Castro, é realizado.

A imersão dos corpos, sobretudo os dos extratores, nos fluxos das pedras também é pensada como um modo de aproximação imprescindível para a que a efetivação da prática da extração e da construção com pedras seja bem sucedida. A noção de imersão que aqui utilizo é inspirada na filosofia de Coccia (2018), que em seu livro *A Vida das Plantas*, afirma que “a imersão não é a condição temporária de um corpo em outro corpo. Também não é a relação entre dois corpos. [...] imersão é fazer a experiência de estar em alguma coisa, que por sua vez está em nós” (COCCIA, 2018, p. 69).

Nesse sentido, os corpos dos extratores são pensados não como mediadores, mas como constituintes de uma mistura que aproxima os fluxos de vida envolvidos em tal

prática. Outro tema que também será tratado neste capítulo é o da noção de loucura associada à prática da extração de pedras em Rio de Contas. Esta questão surge nas narrativas produzidas pelos interlocutores desta pesquisa em um ato transgressor que instaura outros modos de existência para as pedras.

Por fim, será discutida a condição de vivente das pedras e a sua capacidade de diferenciação de si mesma. Levar isso consideração é condição imprescindível para o entendimento daquilo que os interlocutores desta pesquisa nomearam como *ética do cuidado* e *terapêutica das pedras*, questões que também serão tratadas ao longo deste capítulo.





Conhecimento de pedra

No mundo das pedras, onde o Pedreiro Artesão e o Homem Bomba praticam seus conhecimentos, existem singularidades que diferenciam tal prática do modo de produção do conhecimento técnico-científico produzido na epistemologia da modernidade ocidental. Trata-se de percepções diferentes do mundo e dos materiais. Como mencionado anteriormente pelos extratores, as pedras “quebram” aqueles que tentam extrai-las de qualquer forma.

Não são todos os corpos que estão habilitados a habitar as pedreiras e lá praticarem a extração de pedras. Perceber as linhas e os fluxos vitais das pedras exige certo tipo de conhecimento que não passa pelo modo de conhecer forjado nos sistemas técnico-científicos, pois envolve intensidades, temporalidades e modos distintos de se relacionar com os materiais e as coisas.

Viveiros de Castro, ao refletir sobre o modo de agir e de conhecer do xamanismo, entende esse sistema de conhecimento como o “oposto polar da epistemologia objetivista favorecida pela modernidade ocidental” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p.358). Para o autor, no xamanismo ameríndio, “conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido – daquilo, ou, antes, daquele; pois o conhecimento xamânico visa um ‘algo’ que é um ‘alguém’, um outro sujeito, ou agente”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 358). Já no caso da epistemologia objetivista, conhecer é objetificar:

[...] é poder distinguir no objeto o que lhe é intrínseco do que pertence ao sujeito cognoscente, e que, como tal, foi indevida e/ou inevitavelmente projetado no objeto. Conhecer, assim, é dessubjetivar, explicitar a parte do sujeito presente no objeto, de modo a reduzi-la a um mínimo ideal. Os sujeitos, tanto quanto os objetos, são vistos como resultantes de processos de objetivação: o sujeito se constitui ou reconhece a si mesmo nos objetos que produz, e se conhece objetivamente quando consegue se ver ‘de fora’, como um ‘isso’. Nosso jogo epistemológico se chama objetivação; o que não foi objetivado permanece irreal e abstrato (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 358).

Portanto, para se produzir conhecimento no regime epistemológico objetivista, é indicado certo distanciamento entre aquele que se propõe a conhecer e o “objeto” de conhecimento. Já no xamanismo, a proximidade é fundamental para que se possa apreender algo sobre o outro. No caso do conhecimento produzido pelos extratores de pedra em Rio de Contas, a prática de extração e de construção com pedras só pode ser

bem-sucedida se o extrator for capaz de perceber as pedras molecularmente. Para que essa habilidade seja desenvolvida, a pedra não pode ser “dessubjetivada”, vista como um objeto separado do meio e daquele que pretende trabalhar com ela.

Como mencionado diversas vezes pelo Pedreiro Artesão, “*quem trabalha com pedra sabe que é ela que vai te oferecer o que vai ser feito. Você só deseja que seja feito de pedra*”. Nesse sentido, o tipo de conhecimento que é produzido e praticado pelos extratores também exige que eles sejam capazes de perceber “o ponto de vista” das pedras. Estamos, portanto, diante de um dos principais aspectos que distinguem o conhecimento científico do conhecimento operado pelos extratores.

Ser capaz de perceber “o ponto de vista das pedras”, na prática dos extratores, não é um animismo, onde não haveria separação entre o mundo espiritual/material e os não-humanos, em que plantas e pedras também possuiriam alma. Não se trata de atribuir “categorias elementares da vida social” às relações entre os humanos e as outras espécies, em uma espécie de “continuidade de tipo sociomórfico entre natureza e cultura, fundada na atribuição de ‘disposições humanas e características sociais’ aos seres naturais” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 361).

Por outro lado, também não se trata do naturalismo presente nas cosmologias ocidentais, onde a dualidade cosmológica entre natureza e cultura prevalece, sendo a natureza “domínio da necessidade e cultura domínio da espontaneidade, regiões separadas por uma descontinuidade metonímica” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p.362). Nessa ontologia naturalista, a interface sociedade/natureza seria natural:

Os humanos são organismos como os outros, corpos-objetos em interação “ecológica” com outros corpos e forças, todos regulados pelas leis necessárias da biologia e da física; as “forças produtivas” aplicam as forças naturais. Relações sociais, isto é, relações contratuais, ou instituídas entre sujeitos, só podem existir no interior da sociedade humana. Mas – e este é o problema do naturalismo – quão “não-naturais” são essas relações? Dada a universalidade da natureza, o estatuto do mundo humano e social é profundamente instável, e, como mostra nossa tradição, perpetuamente oscilante entre o monismo naturalista (de que a sociobiologia ou a psicologia evolucionária são dois dos avatares atuais) e o dualismo ontológico natureza/cultura (de que o culturalismo ou a antropologia simbólica são algumas das expressões contemporâneas) (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 365).

Retomando a questão do animismo, o fato de essa ontologia postular o caráter social das relações entre humanos e não-humanos tornaria “o intervalo entre natureza e sociedade [...] ele próprio social. O naturalismo está fundado no axioma inverso: as relações entre sociedade e natureza são elas próprias sociais”. (VIVEIROS DE

CASTRO, 2011, p. 364). Nesse sentido, tanto a perspectiva animista quanto a naturalista reproduzem estruturas assimétricas em relação à dicotomia Natureza/Cultura, pois são similares no que diz respeito à separação entre estes polos.

Na prática de extração e construção com pedras em Rio de Contas existem outras singularidades que a aproxima do modo de conhecer operado na cosmologia ameríndia, uma vez que. “para os ameríndios o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição (Descola 1986:120)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 356). Como já colocado no capítulo anterior desta tese, os extratores de pedras em Rio de Contas nomeiam partes do corpo das pedras como parte do corpo humano.

Uma pedreira é identificada pela “costelinha” da pedra que aparece na superfície da terra; as pedras são “sufocadas” antes de serem partidas; a base da jazida é o “pé” e o limite superior a “cabeceira”. Levando em consideração o que foi dito pelos extratores e não entendendo esta afirmação como metáfora, percebe-se que existe “humanidade enquanto condição” para as pedras. A condição “humana” pode ser entendida aqui como a capacidade de atribuir um ponto de vista, ou seja, de sujeito. Como na cosmologia ameríndia, que “procede segundo o princípio de que o ponto de vista cria o sujeito” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p.373), na relação entre extratores e pedras, as pedras são percebidas pela sua potência, força e fluxos, não podendo assim ser objetificadas, distanciadas da noção de sujeito.

Em relação à perspectiva da cosmologia construcionista ocidental, Viveiros de Castro coloca que tal cosmologia pode “ser resumida na fórmula saussureana: o ponto de vista cria o objeto — o sujeito sendo a condição originária fixa de onde emana o ponto de vista [...]” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p.373). Já na cosmologia ameríndia:

[...] os animais e outros entes dotados de alma não são sujeitos porque são humanos (disfarçados), mas o contrário — eles são humanos porque são sujeitos (potenciais). Isto significa dizer que a Cultura é a Natureza do Sujeito; ela é a forma pela qual todo agente experimenta sua própria natureza. O ‘animismo’ indígena não é uma projeção figurada das qualidades humanas substantivas sobre os não-humanos; o que ele exprime é uma equivalência real entre as relações que humanos e não-humanos mantêm consigo mesmos [...] (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 374).

Portanto, a teoria perspectivista ameríndia não se trata de uma representação, pois as representações são propriedades do espírito, enquanto um ponto de vista está no corpo. Assim, no perspectivismo, o que muda é o mundo visto pelos seres, pois há uma distinção de mundos, não de culturas. A diferença é dada pela especificidade dos corpos, não estando, portanto na alma. Neste sentido, o perspectivismo não é um relativismo, mas um multinaturalismo, pois o relativismo cultural “supõe uma diversidade de representações subjetivas e parciais, incidentes sobre uma natureza externa, una e total, indiferente à representação” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 379). Já no caso da cosmologia ameríndia, ocorre o oposto, pois se trata de “uma só ‘cultura’, múltiplas ‘naturezas’; epistemologia constante, ontologia variável” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 379).

De outra parte, o que é entendido por corpo na teoria perspectivista não envolve uma fisiologia que distingue anatomias características, mas como os afetos, afecções, aptidões, que diferenciam cada espécie de corpo, singularizam “um conjunto de maneiras ou modos de ser que constituem um habitus” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 380). O corpo seria então esse emaranhado de afecções do qual surgem às perspectivas.

Diferente do xamanismo amazônico, em que certos indivíduos desenvolveram a habilidade de cruzar as barreiras do corpo e ocupar outros pontos de vista, o modo de produção de conhecimento operado pelos extratores de pedras em Rio de Contas não necessita de tal empreendimento. Os extratores não precisam desenvolver habilidades xamânicas - esquematismo cósmico dedicado a comunicar e administrar as perspectivas cruzadas - para poder operar a extração das pedras, não se trata disso, nem mesmo da afirmação de que as pedras pensam e de que os extratores seriam os interlocutores deste pensamento.

O corpo dos extratores não é mediador, mas constituinte de uma epistemologia das pedras. O conhecimento produzido por eles não diz respeito a um deslocamento cósmico no sentido de assumir o ponto de vista das pedras, mas sim à habilidade de ser afetado por elas, de se “simpatizar” com esse “outro”. Baseada na filosofia de Deleuze e Guattari (1992), a noção de afecto que aqui utilizo é pensada como conjunto de sensações e percepções que são capazes de produzir afecções em um corpo, ou seja, altera-lo em relação à organização anterior, podendo essa transmutação produzir o

aumento ou a diminuição da potência de agir deste corpo no mundo. É por meio dos afectos e afecções que os sistemas de conhecimento operados pelos extratores de pedras em Rio de Contas são constituídos e operados.

No que diz respeito à habilidade de “simpatizar” com o que se pretende conhecer, Lapoujade (2009), ao pensar a relação entre simpatia e conhecimento, ressalta que a prática de produção de conhecimento da ciência ocidental é engajada, sobretudo, em conhecer “objetos científicos”, ou seja, objetos construídos por um recorte artificial (estatístico, populacional etc.). Já no caso da simpatia, conhecer não é objetivar, pois se refere a sistemas naturalmente abertos, sendo este conhecimento individual, por se tratar de singularidades. É necessário simpatizar-se com “outro” para conhecê-lo, sendo a relação afectiva que se estabelece com este “outro” o que possibilita o conhecimento. Na simpatia, o que se procura conhecer “é mais ou menos a forma do outro, compreender os elementos de personalidade de alguma coisa” (LAPOUJADE, 2009). Nesse sentido, para Lapoujade “se conhecer é produzir sistemas artificialmente fechados (leis, generalidades universais etc.) e objetos científicos, sim, simpatia e conhecimento se excluem” (LAPOUJADE, 2009).

Portanto, existe uma impossibilidade de conceber a simpatia como um modo de produzir conhecimento quando se entende conhecimento como produção de objetos científicos. Lapoujade estende essa crítica ao modo de conhecer das Ciências Humanas, afirmando que elas se constituíram retirando toda dimensão do outro, a dimensão afectiva do seu modo de conhecer. Isso não significa dizer que a simpatia não era reconhecida nos sistemas locais de outros povos, ou até mesmo no mundo ocidental, como algo presente, mas da falta do reconhecimento por parte das Ciências Humanas em conceber a simpatia como modo constituinte do conhecimento propriamente dito. A simpatia aparece como algo concomitante ao conhecimento, como uma alternativa: “simpatia, ou conhecimento” (LAPOUJADE, 2009).

Contudo, mesmo com nomeações distintas, o modo de conhecer operado pela simpatia, ou pelos afetos, é reconhecido nos sistemas locais de populações nativas por diversas linhas teóricas do pensamento antropológico. A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2007), em seu texto “Relações e Dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”, faz uma discursão sobre quais seriam as semelhanças e divergências entre os modos de produção do conhecimento tradicional e do conhecimento científico. Para isso, a autora lança a seguinte pergunta: “as operações lógicas que sustentam cada um

destes modos de produção de conhecimento são as mesmas, ou não? E, caso sejam, de onde provêm suas diferenças?” (CARNEIRO DA CUNHA, 2007, p. 79).

Para responder tal pergunta, a autora revisita dois autores clássicos do pensamento antropológico: Evans-Pritchard e Claude Lévi-Strauss. No começo dos anos 30 do século XX, Evans-Pritchard, em seu estudo sobre bruxaria e oráculos entre os azandes do Sudão, já afirmava que esse sistema de conhecimento não se tratava de lógicas diferentes, e sim de “premissas diferentes sobre o que existe no mundo”. Afirmando ainda que “dada uma ontologia e protocolos de verificação, o sistema é de uma lógica impecável a nossos olhos” (CARNEIRO DA CUNHA, 2007, p. 79).

Já Lévi-Strauss, em *O Pensamento Selvagem*, de 1962, afirma que o saber tradicional e o científico são praticados sobre as mesmas operações lógicas e são motivados pela mesma vontade de saber, porém as diferenças estariam nos níveis estratégicos distintos a que se aplicam. O “conhecimento nativo” operaria por unidades perceptuais, já o conhecimento científico, por unidades conceituais. Então se trata de um contraste entre a lógica das qualidades sensíveis e a lógica do conceito (CARNEIRO DA CUNHA, 2007).

Portanto, reconhecer lógicas distintas em relação a leituras sobre o mundo não é novidade para o pensamento antropológico. Existe aqui uma noção de que “outros povos” produzem “outras representações” sobre o mundo. Porém o reconhecimento de outras lógicas na produção de conhecimento nos leva para o relativismo, onde reconhecemos e toleramos mais uma representação do mundo, mas fazendo isso invalidamos o conhecimento do “outro” como regime de verdade. O que é tolerado é a ideia de que existem outras lógicas, outras leituras do mundo, mas não a ideia de que o mundo do outro é de fato real. Assim, estaríamos mais uma vez hierarquizando os sistemas de conhecimento, reconhecendo outros modos de conhecer o mundo, sem os validarmos como conhecimento.

Quando o Pedreiro Artesão afirma que as jazidas são como livros densos e que as pedras são páginas desse livro, não se trata de uma metáfora. As pedras são educadoras não por se tratar de objetos de conhecimento, mas de sujeitos do

conhecimento, capazes de produzir perceptos, ou seja, “conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem³⁴”.

³⁴ Na série de entrevistas realizada por Claire Parnet nomeada de *O Abecedário de Gilles Deleuze*, filmada nos anos 1988-1989, Deleuze assim define o que é um percepto: “Os perceptos fazem parte do mundo da arte. O que são os perceptos? O artista é uma pessoa que cria perceptos. Por que usar esta palavra estranha ao invés de usar percepção? Porque perceptos não são percepções. O que é que busca um homem de letras, um escritor ou um romancista? Acho que ele quer poder construir conjuntos de sensações e percepções que vão além daqueles que as sentem. O percepto é isso. É um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente”. Fonte: < <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>> acessado em 03/12/2018.







Loucura e perigo de pedra

A prática da extração de pedras em Rio de Contas é constantemente relacionada à loucura. Em diversos momentos do trabalho de campo etnográfico, os dois principais interlocutores desta pesquisa falaram sobre esta questão. Porém, os contextos e sentidos atribuídos à noção de loucura nesta prática são distintos. O primeiro deles, como já mencionado anteriormente pelo Homem Bomba e o Pedreiro Artesão, diz respeito ao perigo. Quando perguntei para o Pedreiro Artesão qual seria o motivo do dizer local “quem mexe com pedra é doido”, ele me respondeu: “*penso que é por causa da dificuldade, né? Do perigo... juntando essas questões aí ninguém quer muito trabalhar com a pedra bruta, quem extrai hoje não é tanto pelo prazer é pela necessidade. Mas que é perigoso é*” (PEDREIRO ARTESÃO, 2016). Para o Homem Bomba, o perigo e a questão da sobrevivência também são mencionados como motivos pelos quais a prática da extração é relacionada com a loucura. Enquanto conversávamos sobre os acidentes que já havia sofrido extraindo pedras, ele fez a seguinte colocação: “*quem mexe com pedra é só doido, eu não sei por quê. Quem trabalha com pedra é quem não tem o que fazer na cidade, tem que tirar pedra para sobreviver*” (HOMEM BOMBA, 2016).

Portanto, numa primeira visão, a prática da extração de pedras é associada a loucura, sobretudo por ser entendida como algo perigoso. Mary Douglas (1966), no livro *Pureza e Perigo*, analisa antinomias como pureza/impureza, limpeza/sujeira, contágio/purificação, ordem/desordem, considerando os conceitos de pureza e sujeira como parte de um 'todo maior', de uma unidade funcional que se integra de maneira consistente na estrutura social de determinados grupos culturais.

As noções de pureza e de perigo são empregadas como afinidade para expressar uma visão geral de ordem social. Nesse sentido, Mary Douglas (1966) defende que as ações, ideias, categorias sociais, quando ordenados em determinado grupo cultural, são também classificados como puros ou impuros, e o que está em jogo nessa classificação é a estabilidade da organização de uma sociedade. O que é classificado como perigoso é assim entendido por sua potencialidade de provocar desestabilização social. Portanto, para Douglas (1966), o poder social seria o responsável por criar estas classificações.

Levando em consideração o pensamento de Douglas (1966), em que o perigo é entendido como uma construção social que ambiciona manter a estabilidade da organização de um determinado grupo, entretanto penso que a noção de loucura não é associada à prática de extração de pedras por causa dos possíveis riscos físicos que os

extratores correm, nem mesmo por colocar em risco a organização social local, mas antes pelas afeções perigosas que podem ser geradas na composição entre extratores, objetos técnicos e as pedras.

A antropóloga Suzane Vieira (2015), em sua tese de doutorado *Resistência e Pirraça na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité*, nos apresenta etnograficamente outros modos de compreensão da noção de perigo. No contexto em que comunidades negras rurais da serra de Caetité, na Bahia, são afrontadas por empreendimentos capitalistas do setor energético, a criatividade e precaução quilombola, agenciadas em situações cosmopolíticas específicas, o “perigoso” não seria “a propriedade da substância, mas sim o atributo do acontecimento enquanto aquilo que se passa na superfície, que quase acontece e habita, ao mesmo tempo, o plano virtual e atual” (VIEIRA, 2015, p. 213).

Algo próximo a este entendimento do signo do perigo também se passa na prática com pedras em Rio de Contas. Em uma manhã do mês de maio de 2016, enquanto a equipe audiovisual do Refazeres e eu estávamos no Bonito acompanhando o trabalho do Pedreiro Artesão, percebi a existência de outro sentido atribuído à loucura na prática com pedras. Naquele dia, ele nos apresentava alguns dos seus trabalhos feitos com pedras. No caminho entre a casa de seu pai e a casa de sua tia, nos deparamos com um curral feito com pedras. Ficamos ali parados por alguns minutos, observando a edificação, enquanto o Pedreiro Artesão narrava o processo de construção. Blocos de pedras de aproximadamente 40 cm, colocados uns sobre os outros e conectados por uma fina massa de cimento, compunham as paredes espessas de coloração cinza esbranquiçado que sustentavam o curral. O telhado havia sido feito com uma pequena estrutura de madeira, coberta por telhas onduladas de fibrocimento. O Pedreiro Artesão relatou que a ideia de construir o curral com pedras foi sua. Segundo ele, a motivação surgiu pelo fato de não existir “madeira boa” em abundância no local, porém havia uma pedreira a poucos metros de distância do local onde se pretendia erguer a construção. Sobre o processo de construção, de modo sorridente e bem humorado, o Pedreiro Artesão narrou:

Observei que existia pedra a vontade próxima do curral, tinha umas lajes e percebi que dava para fazer um curral. A iniciativa principal foi minha, mas quatro irmãos me ajudaram..., não foi difícil por que não precisou comprar as pedras, não precisou pagar um frete de um carro para trazer, tudo pertinho, aí juntou o útil com o agradável e um pouquinho de loucura, dizem que quem mexe com pedra tem, né? O povo fala... aqui o povo tem esse dizer... quem mexe com pedra é louco. Mas eu acho que é uma loucura boa (PEDREIRO ARTESÃO, 2016).

Nesse momento, percebi que uma segunda noção de loucura associada à prática da extração e construção com pedras havia sido mencionada. Não se tratava mais somente do perigo como risco de sofrer acidentes, e sim da loucura como um ato transgressor de criação que a prática com pedras exige. Como colocado pelo Pedreiro Artesão, em sua narrativa sobre a construção do curral, o útil, o agradável e a loucura agiram juntos para que a inusitada ideia da criação de um curral feito com pedras pudesse deixar o plano do virtual e habitar o do atual.

O modo como os extratores habitam e agem no mundo das pedras é controverso em relação ao modo de perceber e agir do regime cosmológico capitalista ocidental, portanto, para que a prática com pedras seja bem sucedida, a resistência perante a razão deste regime cosmológico também precisa ser praticada.

Como no pensamento das comunidades rurais negras de Caetité, “as afeções perigosas não se reduzem a um problema de controle ou de descontrole, mas a um problema de composição” (VIEIRA, 201, p. 204). Nesse sentido, não saber compor com as pedras é perigoso, pois, como já mencionado pelo Homem Bomba, “a pedra quebra aquele que não a entende”; não se trata de uma questão de força, mas de composição, de relação com os materiais em acontecimento e das controvérsias que esse modo de agir e de habitar mundo pode gerar.



Cosmopolítica na prática com pedras

Como já mencionado anteriormente, o modo como os extratores de pedra em Rio de Contas habitam e produzem conhecimento é diferente do modo de perceber e de produzir conhecimento do regime cosmológico capitalista ocidental. Nas relações estabelecidas entre os extratores, os objetos técnicos, e as pedras, a vontade das pedras sempre deve ser levada em consideração, pois elas não são percebidas como “objetos” separados dos outros fluxos de vida coexistentes no meio. Portanto, neste modo de conhecer, o que também se pratica é uma arte da aproximação entre os fluxos de vida envolvidos nas relações, pois a vontade dos extratores não pode simplesmente se impor sobre a das pedras.

Nesse sentido, as diferenças entre o modo de conhecer praticado pelos extratores de pedras em relação ao modo de conhecer praticado pela ciência moderna ocidental também se constitui como uma disputa no campo político, pois diz respeito à legitimação de sistemas de conhecimento. Como colocado pela filósofa da ciência Isabelle Stengers, a ciência ocidental se instituiu, sobretudo, pela desqualificação dos outros modos de conhecer. Isso não significa dizer que ela não reconhece a existência de outras práticas de conhecimento e até os tolere, mas que recusa às outras práticas de conhecimento a capacidade de produzir de fato saberes reais sobre o mundo.

Portanto, o que fica explícito é a incapacidade da ciência moderna em ocupar outros pontos de vista, pois o seu modo de conhecer visa à construção de paradigmas universalistas aplicáveis a quaisquer contextos. Já o conhecimento produzido na prática com pedras em Rio de Contas não tem a ambição de se afirmar como único, sobretudo por não opera pela busca da universalidade deste conhecimento. Os extratores afirmam que, em outros mundos, as relações com as pedras podem ser estabelecidas de outros modos.

Pensando em um agenciamento que pudesse levar em consideração as implicações políticas ocasionadas pela hierarquização dos modos de conhecimento produzida pela ciência ocidental, Stengers (2018) cria a “proposição Cosmopolítica”. Como narrado pela autora, esta criação ocorreu em um momento em que ela precisava desacelerar para não correr o risco de reproduzir aquilo que nomeou como “o pecado mais recorrente da tradição da ciência” (STENGERS, 2018, p. 445), o de criar uma chave universal neutra, válida e aplicável para todos.

Para Stengers, não se tratava somente de “colocar as ciências na política”, pois o que interessava seria “*conferir ao que entendemos por política uma significação abstrata o bastante para acolher, a título de concretização particular, as práticas científicas*” (STENGERS, 2018, p. 445). Desse modo, a proposta Cosmopolítica incide sobre o reconhecimento do cosmos também como prática política. Entretanto, como ressaltado por Vieira (2015, p. 24), “*a intervenção do cosmos na palavra Cosmopolítica não se reduz à junção de cosmologia e política, ou a uma maneira de não se comprometer com a divisão entre Natureza e Política*”, antes, diz respeito à dissidência de “um fora” que é desqualificado na atual maneira de fazer política e de fazer ciência. Nesse sentido, a proposição Cosmopolítica surge como uma possibilidade de composição com a multiplicidade deste fora.

O desafio da proposição Cosmopolítica, para Stengers (2018, p.443), não seria “o de dizer o que ela é, nem de dizer o que ela deve ser, mas de fazer pensar”. Portanto, esta proposição não estaria destinada a “generalistas”, levando em consideração o fato de que ela adquire sentido apenas em situações concretas. Ao se afirmar que o sentido desta proposição é estreitamente ligado às ocasiões vivenciadas por aqueles que a praticam, o que também se cria é um pensamento que foge à captura pelas construções teóricas que se utilizam do mundo para ilustrar e “provar” a sua veracidade universalista. Desse modo, o engajamento da proposição Cosmopolítica estaria principalmente ligado à criação de ocasiões que tornam possível a manifestação de uma sensibilidade diferente em torno das situações e problemas que nos mobilizam.

Para Stengers (2018), as práticas de conhecimento desqualificadas pela ciência ocidental configuram-se como modos de resistência não só no que diz respeito a este modo de conhecer, mas também diante das forças do capitalismo, principalmente por tais práticas serem capazes de reativar modos de relação forjados fora da subjetividade colonialista/capitalista, o que as possibilita criar linhas de força que geram outros modos de existir.

Como colocado por Sztutman (2018), em seu artigo sobre feitiçaria e receitas de resistência no pensamento de Stengers, a noção de resistência utilizada pela autora não tem a ver com reação ou denúncia, mas parte de uma inspiração vinda da filosofia deleuziana, na qual a resistência é pensada como modo “de afirmar uma existência, criar novos possíveis. Resistência como modo de recusar a captura pelo Estado e pelo regime

de subjetividade capitalista, recusar a supressão de um ‘comum’” (SZTUTMAN, 2018, p. 343).

Para exemplificar como essa força feiticeira do capitalismo atua, Stengers utiliza o conceito deleuze-guatariano de “captura”:

Implica a subsunção de uma força ou fluxo a um aparelho centralizador, sobrecodificador. No entanto, essa captura resulta na produção de um poder que entorpece as pessoas, que não as impede de ver o seu rosto. A pretensa invencibilidade do capitalismo estaria refletida na sua capacidade de surpreender oponentes, de tirar lucro de qualquer oportunidade, tirar proveito de qualquer desatenção, de produzir, enfim, a impotência nas pessoas (SZTUTMAN, 2018, p. 347).

Praticar a extração de pedras em Rio de Contas diz respeito ainda à afirmação de uma multiplicidade de mundos possíveis. Outras temporalidades e outros modos de relação são vivenciados. Assim, no Bonito, as pedreiras seguem existindo por muitos anos, conheci pedreiras que haviam sido abertas a mais de dezoito anos e ali continuaram em duração com a família do Pedreiro Artesão. Máquinas não são utilizadas para acelerar a extração visando à criação de uma produção em série, ou de uma reserva de mercado. Dificilmente se consegue realizar uma grande comprar pedras em Rio de Contas, pois a extração é feita sob encomenda e pode demorar muito tempo até que a quantidade desejada seja extraída. O tempo da extração também é o tempo das pedras.

Portanto, a prática da extração de pedras em Rio de Contas pode ser tomada como um ato de resistência no âmbito ontológico e da política. Como mencionado pelo Pedreiro Artesão, a sua prática consiste em “mostrar a pedra, não o seu trabalho em si, o que é exposto é a pedra”. Há então uma inversão no que diz respeito ao modo de se relacionar com os materiais, pois estes agem e se transmutam nas relações. O protagonismo da relação não é atribuído ao extrator, ou a uma suposta habilidade de se impor ao material, pois os próprios extratores não acreditam que tal feito seja possível.





Conversa de pedra

Durante a Vivência com Pedra, oficina promovida pelo Projeto Refazer entre os dias 19 e 20 de julho de 2016 em Rio de Contas, além do encontro com o Pedreiro Artesão e o Homem Bomba, também ocorreram visitas às edificações históricas da cidade construídas com pedra. Como já mencionado no primeiro capítulo desta tese, a cidade de Rio de Contas foi fundada para atender as forças colonizadoras e do capitalismo no que diz respeito à exploração garimpeira do Sertão da Bahia no século XVIII. Mas com o esgotamento do minério, a cidade entrou em declínio econômico, não sendo mais alvo principal de investimento por tais forças.

A extração e a construção com pedras não deixa de ser um signo da exploração e da devastação produzidas pelo colonialismo/capitalismo, pois as edificações públicas que abrigavam as instituições do poder colonial, como a casa de Câmara e Cadeia e as Igrejas Católicas, foram construídas com pedras pela mão de obra negra escravizada. Os maus tratos e a violência sofridos pelos trabalhadores que construíram estes monumentos ainda habitam o imaginário da população local.

Porém, outros signos são acionados quando movimentos ambientalistas locais, como o da permacultura e o da bioconstrução, criam alianças com os extratores de pedra em Rio de Contas com o intuito de olhar para os modos de construir e de se relacionar com os materiais em tais práticas. Ao longo da Vivência com Pedras, percebi que esta aliança também se tratava da criação de um campo de resistência perante as forças colonialistas e capitalistas, principalmente no sentido do fortalecimento de subjetividades capazes de produzir outros modos de relação com o meio.

Por mais que os sujeitos envolvidos nesta vivência procedessem de diversos contextos socioculturais e geográficos, o que os unia ali parecia ser não só o desejo de experimentar com as pedras a criação de uma ética no âmbito da construção civil, mas também a busca pelo fortalecimento de outros modos de relação que levassem em consideração os fluxos vitais das coisas. Tive esta percepção ampliada no final da tarde do último dia da vivência, principalmente no momento do encerramento do encontro, quando se realizou um ritual para o compartilhamento das experiências ali vivenciadas.

Estávamos na grande cela do térreo da antiga casa de Câmara e Cadeia, o cheiro de umidade predominava no local. Havia pouca luminosidade, precárias frechas de luz atravessavam as densas barras de ferro que cercavam as janelas da antiga cadeia. As paredes eram compostas por grandes blocos de pedra e o chão era de terra batida. Os

participantes da vivência andavam pelo prédio e, com olhar atento, pareciam analisar minuciosamente a presença das pedras nesta edificação. Após alguns minutos de contemplação coletiva, o Permacultor Sol chamou a atenção do grupo ao produzir um suave som com um sino tibetano que carregava nas mãos. Em seguida, pediu que formássemos uma roda no centro da grande cela para que ali pudéssemos compartilhar algumas das experiências vivenciadas durante os dois dias de encontro.

Nesta grande roda, uma polifonia de narrativas foi tecida. O encontro com a cidade de Rio de Contas, com as pedras e com os extratores parece ter produzido afetos dos mais diversos nos corpos que vivenciaram esta experiência. Como dispositivo para apresentar parte da multiplicidade de pontos de vista produzidos, no que diz respeito às reverberações provocadas neste encontro, utilizarei trechos transcritos das narrativas que foram produzidas pelos participantes da vivência nesta grande roda. Porém, o que mais me interessa nestas narrativas não são as identidades individuais daqueles que as produziram, mas, sim, a capacidade que tais narrativas têm de apresentar alguns dos afetos vivenciados nessa experiência coletiva. Desse modo, como convenção gráfica, diferenciarei pela letra de tipo itálico as narrativas dos participantes da vivência e utilizarei aspas duplas para sinalizar a passagem de um discurso a outro, montando assim uma espécie de diálogo entre eles.

Nesta polifonia narrativa, várias reflexões foram produzidas no que diz respeito às pedras, porém identifiquei duas principais linhas de força que atravessaram a maioria desses discursos. A primeira delas diz respeito à ética do cuidado na relação com as pedras e com a vida, já a segunda, fala sobre a coexistência dos antagônicos no mundo das pedras. Desse modo, construirei este diálogo em dois blocos, colocando em interlocução as narrativas que se avizinham uma das outras no que diz respeito a estes dois principais temas.



Ética e terapêutica das pedras

“Eu fiquei pensando que foi uma vivência com as pedras, mas mais do que uma forma de construção, uma filosofia, uma lição com as pedras. E fiquei associando, a pedra está muitas vezes associada a uma pedra no caminho, uma pedra no sapato, doido de jogar pedra. A pedra tem uma cosmologia dela mesma, que vai naquele lugar que ele falou da dor, da punição, que é cármico mesmo dos materiais. Acho que cada material tem um carma mesmo. E não é à toa, que quando a gente entrou aqui, tinha aquele sujeito, que revelava o carma dessa construção, desse espaço, que não é só uma matéria construtiva, ela é viva. O Pedreiro Artesão falava da vida das pedras, as pedras são vivas. E dentro disso tem uma terapêutica da própria pedra. E a gente entre numa terapêutica, com a nossa vida”.

Nessa narrativa, o participante da vivência afirma que a pedra tem uma *cosmologia* própria e que os materiais têm seus *carmas* específicos. Esta questão me acompanhou por algum tempo, sobretudo nos primeiros meses após o encerramento do trabalho de campo etnográfico. A princípio, imaginei que essa afirmação poderia estar relacionada ao *animismo*, no sentido da atribuição de uma essência espiritual para as pedras. Mas ao relacionar estas questões com aquilo que esse interlocutor nomeou de *terapêutica das pedras*, percebi que não se tratava somente da identificação ou atribuição de uma essência espiritual a elas, mas, sim, da amplitude dos deslocamentos causados pela mudança de perspectiva no que diz respeito à sua percepção.

Desse modo, ao afirmar que a pedra incomoda e faz pensar, acredito que esse interlocutor esteja se referindo ao incômodo causado pelas forças que o atingiram no encontro com as pedras. Penso que tal encontro foi potente o suficiente para instaurar processos de germinação de uma nova sensibilidade neste corpo, o que, de certo modo, também exigiu um exercício do pensamento para que a terapêutica das pedras efetivasse sua ação.

Como colocado por Rolnik (1996), retomando uma afirmação de Deleuze em *Diferença e Repetição*, “só se pensa porque se é forçado”, e esse “forçar” não está relacionado ao pensamento que busca uma verdade absoluta sobre o mundo, mas diz respeito ao mal-estar causado quando forças do meio nos afetam e desmancham antigos estados subjetivos que já conhecíamos, exigindo, assim, esforço de pensamento para a

criação outras figuras subjetivas capazes de abrigar novas composições sensíveis. Portanto, é com este mal-estar que nos invade e que convoca ao trabalho do pensamento que podemos fazer a travessia entre “estados sensíveis que, embora reais, são invisíveis e indizíveis, para o visível e o dizível. O pensamento, neste sentido, está a serviço da vida em sua potência criadora” (ROLNIK, 1996, p. 245).

Portanto, mesmo a pedra sendo percebida pelo interlocutor como um material cármico, no sentido da sua dureza, densidade e resistência, o principal afeto por ele narrado na vivência está relacionado à capacidade de diferenciação própria das pedras, no sentido em que a pedra, como tudo que é vivo, se individua, diferenciando-se de si mesma. Por mais que a pedra seja percebida como signo de imutabilidade e inércia na cosmologia ocidental, o Pedreiro Artesão e o Homem Bomba mostraram, nesse encontro, as variações que elas são capazes de produzir. Suas linhas e forças foram expostas principalmente em contextos de transmutação, revelando assim a sua potência criadora.

O Pedreiro Artesão, ao falar sobre a composição das pedras e os processos de transmutação por elas vivenciados na relação com o vento, a chuva, o sol e com a própria terra, também nos apresenta a capacidade que ela possui de se diferenciar e de existir de modo singular. Ao olhar para as rochas sedimentares, constituídas através da decomposição e da consolidação de fragmentos provenientes de material mineral, ou orgânico, o que se percebe é uma natureza forjada pela transmutação.

Já no que diz respeito à potência criadora da pedra na relação com os humanos, as edificações históricas da cidade de Rio de Contas, as casas bioconstruídas e sobretudo a prática do Homem Bomba e do Pedreiro Artesão são testemunhas de como a pedra exerce a sua potência de diferenciação. Como já colocado pelos extratores, a *vontade da pedra* deve ser respeitada, caso contrário ela se quebra onde não deve ser quebrada, ou então quebra aqueles que não respeitam a sua vontade. Portanto, a não obstrução dos processos de diferenciação das pedras está relacionado com o exercício de uma ética do cuidado, como narrado por um dos participantes da Vivência.

“Ontem, durante esse processo de partir da pedra eu viajei num momento, isso aí está colado há bilhões de anos e de repente vai partir de revelar um espaço que está compactado há tanto tempo. E o que a gente vai liberar aí? O que a gente vai abrir? O quanto a pedra responde, absorve, ela dinamiza essas energia? Desejo que esse saber

se popularize, essa relação de respeito aos saberes tradicionais e pensar as novas tecnologias com essa ética do cuidado, que isso se popularize, que tome as escolas que seja um saber não alternativo e que tome uma dimensão maior.”

A ética do cuidado, nesta perspectiva, está relacionada a não obstrução dos fluxos da pedra, já que isto dificultaria a efetivação de sua potência criadora. Sobre o que aqui nomeio de ética, retomo o pensamento de Rolnik (1996), inspirado na filosofia de Deleuze, Espinosa e Nietzsche, para pensar esta questão. Ética, nessa perspectiva, não tem a ver com um conjunto de valores e regras que agiriam como um método para se alcançar sistemas de verdades absolutas e aplicáveis em todos os contextos, pois isso diz respeito a um campo de ordem moral. O que definiria esta noção de ética é o oposto deste universalismo, já que a prática de tal ética só se torna possível com a escuta das diferenças que se fazem em nós, sendo a partir da diferença que conseguimos afirmar a vida:

É apenas despedir-se de certo critério de avaliação que parte de formas *a priori* (critério moral), para adotar um critério ético ou vital, como propunha Espinosa (outro dos autores muito presentes na obra de Deleuze): avaliar o quanto cada forma favorece ou desfavorece a vida (ROLNIK, 1996, p. 248).

Portanto, a ética do cuidado na prática com pedras não diz respeito a um conjunto de regras que devem ser seguida independente dos contextos aos quais elas se aplicam, e sim a uma sensibilidade perante os processos de diferenciação, como uma arte da composição com as linhas que favorecem a vida. Em última instância, o fortalecimento da vida é o critério de avaliação, não o julgamento da vida por valores universais de bem e mal.

Diferente de um sistema que procura antever demandas, sejam elas de produção, ou de mercado, a prática da extração de pedras em Rio de Contas é aberta ao intempestivo, pois as próprias pedras não param de se diferenciar. Esse modo de se relacionar com os materiais e com o conhecimento é diferente do modo como a ciência ocidental trabalha com seus objetos. A busca por saberes universais, a aplicação de métodos fechados, entre outros fatores, impede que a prática desse tipo de ciência esteja realmente aberta ao acontecimento, de maneira a praticar a ética do cuidado. A postura de controle imposta pelos métodos fechados busca, antes de tudo, afastar as controvérsias que podem pôr em questão as verdades absolutas criadas por este sistema

de saber. Sobre este aspecto, um estudante de arquitetura e participante da Vivência fez a seguinte fala:

“São saberes que a gente não aprende na faculdade de arquitetura, ela falou sobre comprar essas pedras, muitos reis também compravam e nem sabiam de onde vinha tudo isso. E quando a gente entra em contato com essas pessoas, a gente está desenvolvendo uma ética da vida”.

Nesse sentido, conhecer os processos de produção e estabelecer relação com os materiais e com aqueles que os produziram também diz respeito à ética do cuidado, pois este é um dos meios que favorecem os processos de diferenciação. Cada construção necessita de pedras com características específicas, por sua vez, os extratores em Rio de Contas precisam deste conhecimento para poder escolher a pedreira de onde as pedras serão extraídas. Cada pedra e cada construção são, portanto, singulares, razão pela qual um mosaico de pedra diz respeito também à coexistência da diferença, daquilo que na pedra a torna singular.

“Eu penso na palavra diversidade. Diversidade de formas, de possibilidade, de cores, de pessoas e de mistérios. O mistério da pedra, o mistério de unir a pedra e em algum movimento ela se transformar em arte. A parte do fazer é a magia.”

Como colocado por outro participante da Vivência, o movimento de unir as pedras é a arte da composição, ou da magia. Unir as pedras não significa criar uma unidade, mas um multiverso, isto é a composição de coexistências múltiplas. Portanto, praticar este tipo de conhecimento é instaurar novas existências com o redirecionamento de fluxos e forças. Algo semelhante foi praticado ao longo dos quatro anos do projeto Refazer, a diferença se colocou como questão desde a concepção do projeto até a produção dos encontros. Como já mencionado anteriormente, o coletivo era composto por pessoas com vindas de diversas áreas de conhecimento. Além disso, a proposta do projeto era proporcionar situação de encontro entre os saberes praticado tradicionalmente na construção civil de Rio de Contas com os saberes da bioconstrução e da permacultura.

Na grande roda de encerramento da Vivência com Pedra, mais uma vez a multiplicidade se efetivou na polifonia de afetos narrados pelos participantes desse encontro. Nesse ritual, o que também se praticou foi o fortalecimento e a reativação de forças que desobstruem os fluxos da vida. No livro *La sorcellerie capitaliste: pratiques*

de désenvoûtement, de 2005, Isabelle Stengers e Philippe Pignarre, ao refletirem sobre os modos de habitar os territórios devastados pela modernidade e pelo capitalismo, afirmam que a “reativação” das técnicas de “desenfeitiçamento” podem ser modos eficazes de nos proteger do capitalismo. *Como colocado por Sztutman (2018)*, não se trata de uma metáfora quando Stengers e Pignarre falam da luta anticapitalista como contrafeitiçaria ou desenfeiticamento, pois o capitalismo efetivamente mata os mundos possíveis e nos enfraquece.

Durante o encerramento da Vivência com Pedra, certo ritual de desenfeitiçamento e de reativação de forças também foi praticado por nós na grande roda formada na cela da Casa de Câmara e Cadeia em Rio de Contas. Após a fala do último participante, Sol ascendeu uma vela branca, fixou-a no centro da grande roda e voltou para o lugar que ele ocupava anteriormente no círculo. Ele pediu a palavra e fez a seguinte fala:

“Eu gostaria que todos fechassem seus olhos, por gentileza. Firmem seu peso no chão, sintam a gravidade agindo sobre você. Nós fomos à igreja e vimos sangue e suor descer sobre suas paredes, nós estamos neste lugar e vimos a mesma coisa [...]. Que as coisas que tocaram a sua vontade de viver, que essa energia se expanda para o centro dessa roda, que se expanda para esta sala, que este calor seja compartilhado com este prédio, com a cidade. Que todos os seres de todos os mundos compartilhem dos méritos de nossa prática, que ilumine todos os seres visíveis e invisíveis aos apoiadores que nos abriu, assim como as rochas, para sentir outras coisas. Neste momento, encerramos a Vivência com Pedras”.

Em sua fala de encerramento, Sol chama a atenção para importantes questões que foram pensadas e vivenciadas durante este encontro. Ao pedir para que os participantes fechassem os olhos, conduzindo sua atenção para os pés, como meio para perceber a ação da gravidade agindo sobre os corpos, ele também estava reativando um modo de perceber que privilegiava outros sentidos além da visão. Como colocado por Ingold, “aqueles que gostariam de celebrar o método de indagação científica positiva como a realização máxima do espírito humano, a visão é sem dúvida o sentido superior” (INGOLD, 2008, p. 49). Portanto, quando se rompe com o protagonismo que a visão assume na subjetividade capitalista e na ciência ocidental, o que também se instaura são deslocamentos sensíveis, os quais se contrapõem à noção de que aquilo que não pode ser visto é menos real.

Desse modo, ao falar do suor e do sangue “vistos” nas pedras das paredes da Igreja de Santana e da Casa de Câmara e Cadeia, o que é lembrado por Sol é a violência que os negros escravizados sofreram no processo de construção de tais edificações. A pedra, neste sentido, é testemunha dos crimes cometidos pelas forças colonizadoras. Portanto, este material não foi percebido na vivência como signo romantizado das construções históricas e patrimonializadas, mas como material vivo que se efetiva na relação com as forças do meio, podendo esta efetivação inclusive ser dada de forma violenta sobre outras vidas.

De certo modo, a ética do cuidado na relação com as pedras também é mencionada por Sol quando ele fala sobre as coisas que tocam a nossa vontade de viver e se expandem como rochas abertas. O que é reconhecido nesta fala é a mútua condição de viventes das pedras e dos humanos, em que expandir-se como rochas abertas diz respeito, sobretudo, à potência da vida em sua capacidade de criação.







5. CAMINHO DE PEDRAS

No Meio do Caminho

[...] Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra [...]

(Carlos Drummond de Andrade)

Legado

[...] De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

(Carlos Drummond de Andrade)

Composto por fotografias digitais produzidas em Rio de Contas ao longo desta imersão de pesquisa etnográfica e artística, este capítulo visual fala sobre as texturas, cores, linhas, fissuras, entranhas, dobras e silêncio das pedras. Em uma polifônica composição imagética sobre os efeitos de um “devir pedra”, busca-se criar uma narrativa sensível que privilegia a perspectiva das pedras em sua relação com os outros materiais que coexistem no meio. Os caminhos percorridos durante este processo de pesquisa nas pedreiras, rios, montanhas e na cidade e Rio de Contas, produziram seus rastros imagéticos. Neste capítulo, fios de imagens se entrelaçam para expressar os múltiplos modos de existência das pedras. Movimento e pouso, peso e leveza, aspereza e brandura são características que coexistem nas existências das pedras não de modo dual, mas como variações temporais e de intensidades que as constituem. Observando as variações de seus fluxos, aprendi que mesmo em aparente repouso, as pedras não estão inertes, mas em pleno acontecimento. Diferente do poema *No Meio do Caminho*, onde a pedra aparenta ser sinônimo de obstáculo intransponível, nesta narrativa visual, a pedra surge como desobstruidora de caminhos ainda não conhecidos.

































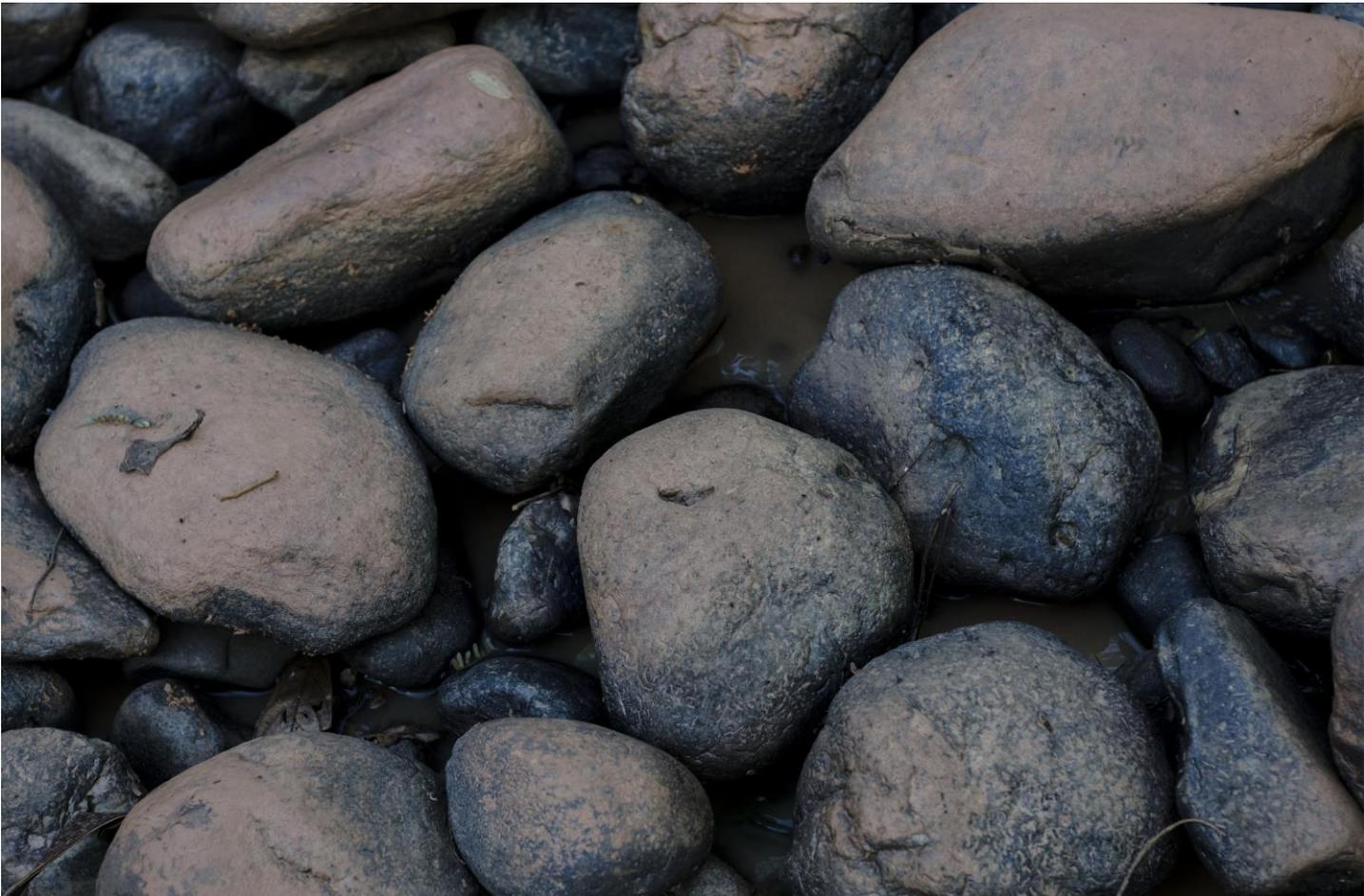




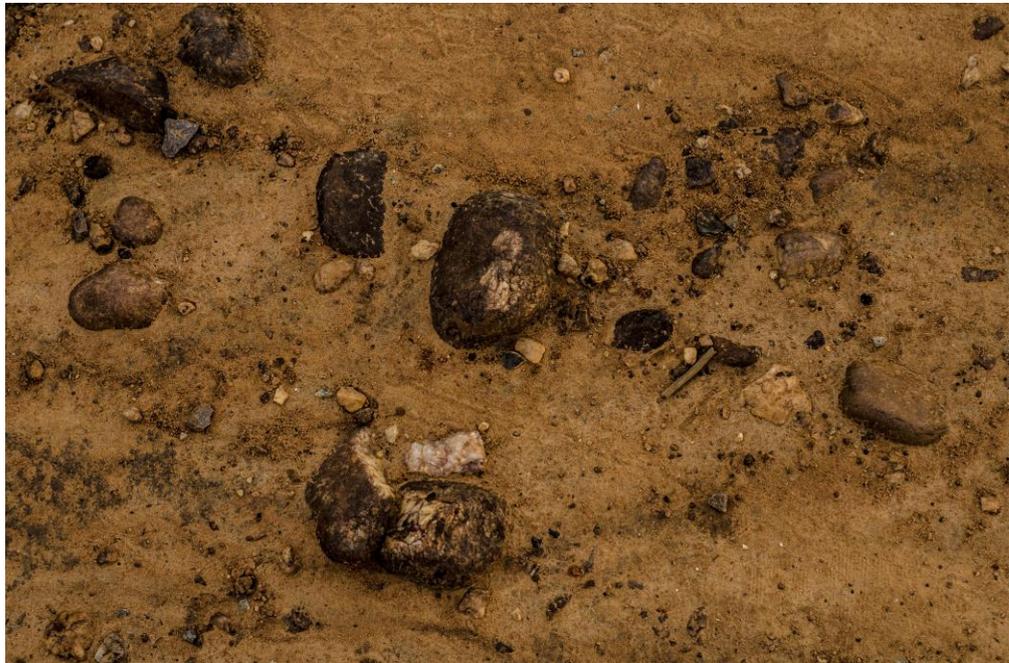










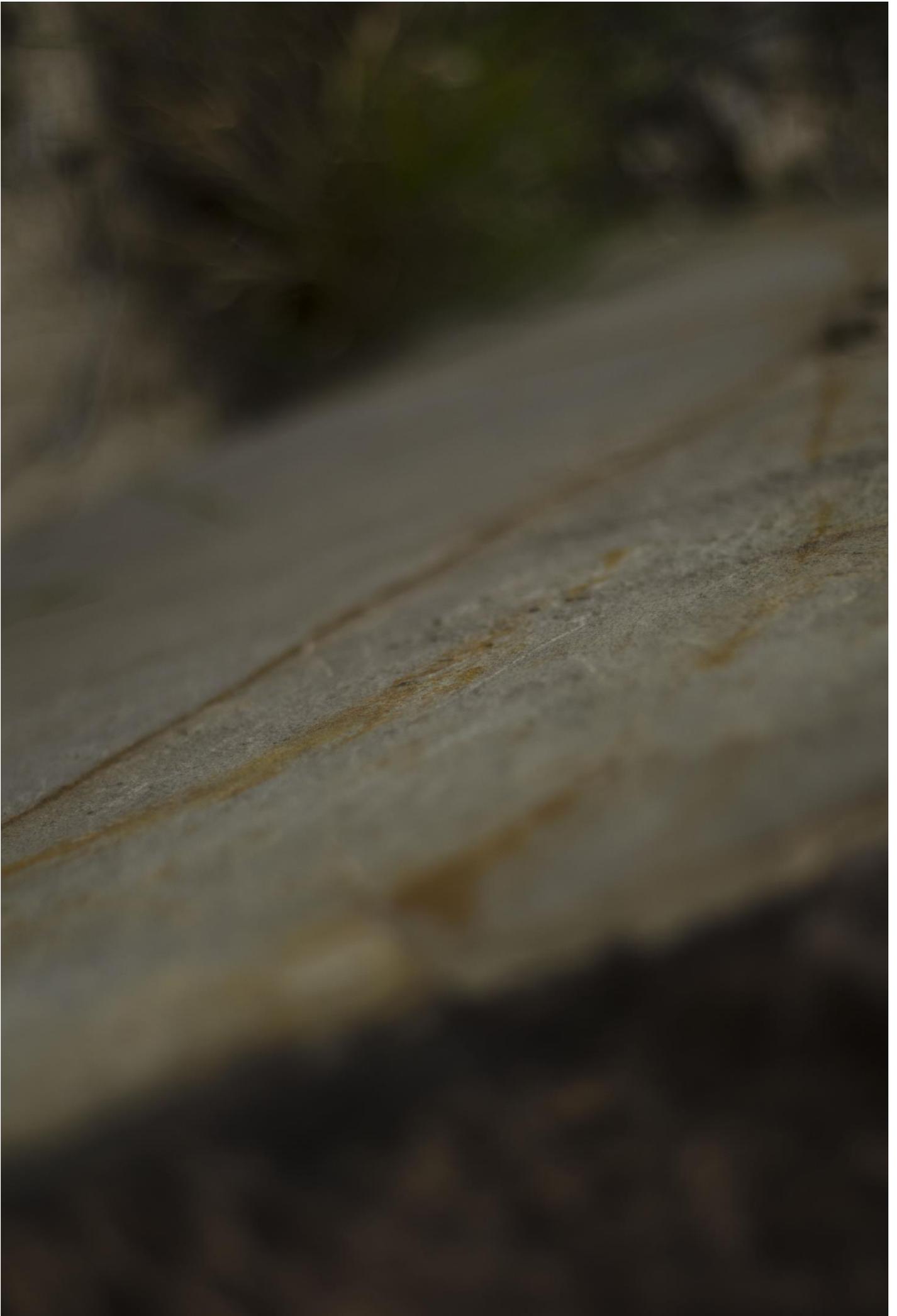












Considerações finais – a última imersão

Em janeiro de 2019, durante o processo de finalização da escrita desta tese, estava na casa dos meus pais, em Marcolino Moura, Distrito do Município de Rio de Contas. Nesse período, senti vontade de entrar mais uma vez em relação com as pedras. Motivado por este desejo, caminhei pelas montanhas, rios e também pela cidade. Em quase todos os encontros, experimentei uma intimidade que jamais havia tido com as pedras; ao fotografá-las, as singularidades de cada uma delas parecia ficar cada vez mais em evidência.

Desde 2016, ano em que vivenciei a mais intensa e duradoura imersão de campo etnográfico em Rio de Contas, tive conhecimento da existência de uma pedreira onde a prática da extração ocorria de modo ilegal. Porém, mesmo sabendo da existência dela, os fluxos do trabalho de campo daquele período me levaram para outros itinerários. Neste processo de finalização da escrita, também fui tomado pelo desejo de conhecer a tal pedreira e de fotografar as pedras que ali existiam sob o regime da clandestinidade.

Tomado por esta vontade, às 5h da manhã de uma nublada quarta feira do mês de janeiro, saí da casa de meus pais e segui de carro pela rodovia que liga Marcolino Moura a Rio de Contas rumo à pedreira proibida. Após aproximadamente 30 minutos de viagem, estacionei o carro em uma rua próxima à montanha onde a pedreira estava localizada. Não descreverei as características do local, pois esta descrição poderia colocar em risco o anonimato da pedreira, o que implicaria em possíveis problemas de ordem legal entre os órgãos ambientais e os extratores que lá trabalham.

Ao descer do carro, o latido dos cães rompeu o silêncio que habitava o lugar. Fiquei apreensivo, pois estava adentrando em um território no qual meu corpo de homem branco, sobretudo por carregar uma câmera na mão, possivelmente seria lido como sendo o de um fiscal ambiental. Segui por uma íngreme trilha com muitas pedras soltas. Após aproximadamente 10 minutos de caminhada, cheguei ao local. Algumas pedras já extraídas repousavam no chão. A impressão, neste primeiro encontro, foi a de que esta pedreira não era muito diferente das exploradas pelo Pedreiro Artesão e pelo Homem Bomba. A terra fofa do chão indicava que ali havia um constante fluxo de passagem de pessoas e carrinhos de mão.

Assim que comecei a fotografar, escutei o barulho de uma marreta agindo sobre as pedras. Caminhei na direção do ruído, parecia ser uma boa oportunidade de

estabelecer interlocução com mais um extrator e de intensificar a imersão no mundo das pedreiras clandestinas. Ao me aproximar do local, avistei primeiramente uma lona preta que cobria uma espécie de tenda feita com pedaços de madeira e que protegia do sol e do contato visual o extrator que ali trabalhava. Por alguns minutos, fiquei paralisado no lugar onde estava. Não conseguia dar mais nenhum passo a frente. Estava atento, com medo e com um mal-estar que imediatamente convocou meu pensamento para refletir sobre se de fato deveria ir ao encontro deste extrator. A paralisia que tomou o meu corpo também foi o gatilho para que eu pensasse imediatamente sobre a prática etnográfica.

Comecei a refletir primeiramente sobre a antropologia, sobretudo na sua vinculação com um projeto científico do Ocidente onde se recomenda estudar “objetos” e não “sujeitos” do conhecimento. Resolvi não surpreender o extrator que ali trabalhava com a violência que a minha inesperada presença poderia gerar. O tempo das pedras é outro, eu precisaria de mais silêncio para adentrar e me misturar com aquele novo mundo que tinha acabado de vislumbrar. Discretamente, desci a montanha e segui caminhando até rua onde havia estacionado o carro. Naquele horário, os moradores daquele bairro já se movimentavam, e a maioria deles me observava com olhos fixos e atentos, seus rostos oscilando entre a desconfiança e a curiosidade com a minha presença.

Como uma linha que surge e se movimenta, o recente encontro com a pedreira proibida, com as pedras nas montanhas, nos rios e na cidade de Rio de Contas, continuam instaurando germinações que não findam com o término da escrita desta tese. Os efeitos deste processo de pesquisa continuam agindo em mim, onde o “como se pesquisa” tornou-se um dos mais importantes ensinamentos que as pedras como educadoras me proporcionaram.

O ato de escrever, produzir imagens e pensamento sobre a imersão etnográfica no mundo das pedras, instaurou em meu corpo uma nova sensibilidade perante os materiais e os modos de relação estabelecidos em Rio de Contas. Dicotomias como natureza/cultura, material/imaterial, técnica/intuição foram tensionadas durante este processo de pesquisa, assim como as noções de texto/imagem, uma vez que estas duas linguagens foram utilizadas simetricamente na confecção do tecido etnográfico e sensível que constitui esta tese.

As constantes transmutações que ocorrem com as pedras e com os corpos dos extratores atualizam um modo de conhecer que porta uma dinâmica singular na qual

teorias distintas sobre as pedras convivem, pois neste sistema não se tem a pretensão de produzir um conhecimento universalista e supostamente eficaz em todos os mundos. Observar os tipos de relação que foram estabelecidos ao longo do tempo com as pedras em Rio de Contas foi fundamental para a construção de um pensamento que não segregasse o mundo em esferas isoladas. Desse modo, os processos socioculturais, históricos, físicos, químicos e cósmicos foram percebidos como constituintes de uma mistura que forjou subjetividades e paisagens que habitaram e ainda habitam esta cidade, sobretudo no que diz respeito à ação das forças colonizadoras que obstruem os fluxos da vida em Rio de Contas.

Assim como existe uma transmissão de forças entre as pedras e os outros materiais, as forças colonizadoras em Rio de Contas também agem como vetores que instauram e atualizam modos de se relacionar com a terra, com as pedras e com o patrimônio cultural local. O passado desta cidade, marcado pela exploração colonial dos corpos e das almas, coexiste no tempo presente, sobretudo como fantasmas que agem por meio das políticas do desejo e das relações que constituem os modos de vida ali praticados.

Através da interlocução estabelecida com o Homem Bomba, o Pedreiro Artesão e o Projeto Refazer, pude perceber a vontade das pedras operando. A constante metamorfose a que as pedras são expostas durante os processos técnicos afirmou-se também como uma qualidade inerente a elas, que independe destes processos, uma vez que a sua condição de vivente já lhe garante a *capacidade de se diferenciar de si mesma*.

Portanto, o que foi aprendido com os extratores vai além dos gestos e das etapas da cadeia operatória da extração e construção com pedras, pois a condição imprescindível para que tal prática seja bem sucedida diz respeito à disposição dos extratores em afetar e ser afetado por elas. Desse modo, os corpos dos extratores na relação com as pedras assumem certa porosidade que o torna capazes de serem atravessados sensivelmente por elas, derivando dessa relação os gestos, movimentos e ritmos que constituem a prática da extração.

É possível dizer que os corpos dos extratores agem como modificadores do atual estado em que as pedras se encontram. Eles são capazes de transmutar estes estados, assim como seus corpos também são modificados ao serem atravessados pelos fluxos das pedras. Como em um fator biótico, os extratores agem como seres “polinizadores” capazes de “fecundar” as pedras, pois, ao extrai-las das pedreiras, o que se pratica é um

ato reprodutivo, uma vez que as pedras são multiplicadas e diferenciadas das jazidas das quais elas foram extraídas. A prática da extração é também um ato que instaura um novo modo de existência para as pedras.

Já a prática da construção com pedras, operada principalmente pelo Pedreiro Artesão, também modifica e instaura outros modos de existência para elas, sobretudo na relação com outros materiais. A arte da composição com pedras, de identificação e redirecionamento de suas linhas, permite a germinação dessas outras existências. Como viventes, as pedras que passam pelas transmutações dos processos técnicos nunca abandonam tal condição, pois, mesmo inseridas nestes processos, sua vontade continua pulsando, agindo e modificando seu próprio corpo.

Na relação com a Permacultura e a Bioconstrução, outras temporalidades foram experimentadas na prática com pedras em Rio de Contas. O que pode ser percebido, no que diz respeito às diferenças entre o modo convencional de construir e a Bioconstrução, é que, nesta última, há uma ética de não obstrução dos fluxos vitais dos materiais. Tal ética é baseada no princípio de que existe uma recíproca influência exercida pelos materiais em relação, onde tudo se toca, pois não há nada que esteja de fato fora do mundo e imune à presença dos entes que nele coexistem. Portanto, assim como os materiais estão constantemente expostos às transmutações do meio, eles também são capazes de instaurar novos meios para a sua existência.

Ao tirar “o leite das pedras”, o que se praticou foi um exercício de construir junto com os extratores e as pedras, de esboçar uma teoria sobre as singularidades do conhecimento produzido nas pedreiras em Rio de Contas. Tomando como principais inspirações a sensível antropologia ecológica de Tim Ingold, o perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro e a filosofia de Deleuze e Guattari, as reflexões produzidas nesta etnografia dizem respeito, sobretudo, aos fluxos de vida dos materiais e dos outros viventes com os quais eles se relacionam. Ao construir estas reflexões, compreende-se que o pensamento antropológico, quando se dispõe a olhar para as relações entre os viventes fora do antropocentrismo, que privilegia a perspectiva do humano, torna também possível uma maior compreensão das multiplicidades e das diferenças que constituem o cosmos e nos constituem.

Assim como em toda relação entre viventes, o que se criou nesta tese foram linhas-fios que cresceram, se movimentaram e compuseram um tecido na incessante mistura entre o plano do virtual e do material. No entrelaçamento entre as linhas, as

imagens e os textos efetuam-se de múltiplas maneiras, constituindo, assim, esta malha que fala sobre a vida das pedras.



REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ALBERTI, B. *Destabilising meaning in anthropomorphic forms of northwest*. Journal of Iberian Archaeology , n. 9-10, p. 209-230, 2006.
- ALMEIDA, Kátia Lorena Novais. *Alforrias em Rio de Contas, século XIX*. Dissertação (mestrado) – UFBA / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas /Programa de Pós – graduação em História Social, 2006
- APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Trad. Agatha Bacelar. Niterói: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BALANDIER, Geofges. *A noção de situação colonial*. Caderno de Campo, n. 3, p. 107-131, 1993.
- BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *Balinese Character: a photographic analysis*. New York: The New York. Academy of Sciences, 1942.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 13, p.11-29, jul./dez. 2012.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.
- COMERLATO, Fabiana, COSTA; Carlos Alberto Santos; FERNANDES, Henry Luydy Abraham. Relatório Final. *Diagnóstico e Levantamento Arqueológico no Traçado da Rodovia BA-148 (Rio de Contas – Jussiape)*. Salvador: Processo IPHAN 01502.001145/2006.33 – Portaria n° 148 de 06/06/2006, 2006.
- CUNHA, Manuela Cerneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In *Revista USP*, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a. v.1 e 2.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. Trad. Sônia Pereira da Silva, Lisboa: Ed. 70, 1991 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39)

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESTRELA, E. S. *Os sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo; Humanitas FFLCH/USP; FAPESP; EdUC, 2003.

GELL, Alfred. *Art and agency*. An anthropological theory. Oxford: Clarendon, 1998.

GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; IPHAN, 1996.

GOSDEN, Chris. What do objects want? *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 12, n. 3, p 193-211, sept. 2005

Guattari, Felix. 1990. *As três ecologias*, Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papiros.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

HARRIS, M. *Town and Country in Brazil*. New York: Columbia University Press, 1956.

HEIDEGGER, Martin. *Poetry, language, thought*. Trad.. A. Hofstadter. New York: Harper & Row, 1971.

HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari. (Ed.). *Thinking through things*. Theorising Artefacts Ethnographically. Hoboken: Taylor & Francis, 2006.

HORNBORG, Alf. Vital signs: an ecosemiotic perspective on the human ecology of Amazonia. *Sign systems studies*, v. 29, n. 1, p. 121-152, 2001.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres e Nova York; Routledge, 2000.

_____. *Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. *Revista Ponto Urbe*, São Paulo, n. 3, 2008.

_____. Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. *Livro do Tombo*: livro arqueológico, etnográfico e paisagístico. Inscrição: 076, Processo: 0891-T-73, 1980. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/>>. Acesso em: 13 maio 2017.

KLEE, Paul. *Notebooks*. Vol. 2: The Nature of Nature. Ed. J. Spiller. Trad. H. Norden. Londres: Lund Humphries, 1973.

KNAPPETT, Carl. *Thinking through material culture*. An Interdisciplinary Perspective. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

KNAPPETT, Carl; MALAFOURIS, Lambros. (Ed.). *Material agency: towards a non-anthropocentric approach*. Berlin: Springer, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

LAPOUJADE, David. *Simpatia e Conhecimento*. São Paulo: Instituto Tomie Othake, 2009. Comunicação oral.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra II: Memória e Ritmos*. Lisboa: Ed. 70, [1995] 2002.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Da matéria ao sujeito: inquietação patrimonial brasileira. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 605-632, jul.-dez. 2009.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, jun. 2002.

MILLER, Daniel (Ed.). *Materiality*. Durham: Duke University Press, 2005.

MOURA, Fabio. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 95-125, jul./dez. 2011.

MARQUES, Lucas. 2014. Forjando Orixás: técnicas e objetos na ferramentaria de santo da Bahia. Monografia de graduação. DAN, Universidade de Brasília.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

NEVES, Erivaldo Fagundes & MIGUEL, Antonieta. (Orgs.). *Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. Editora Arcádia, 2007.

NEVES, E. F. *Uma comunidade Sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)*. Salvador: EdUFBA; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

NÖTH, Winfried. Ecosemiotics and the semiotics of nature. *Sign systems studies*, v. 29, n. 1, p. 71-80, 2001.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PIEROTE SILVA, Jean Pierre. *Deslocamentos Patrimoniais: polifonias, memórias e visualidades em Rio de Contas (BA)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. *La sorcellerie capitaliste. Pratiques de désenvoutement*. Paris: La Découverte, 2005.

ROLNIK, S. Despedir-se do absoluto. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, num. esp. p. 244-256, jun. 1996.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. Em: LINS, D. S. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997b.

REED, E. The affordances of the animate environment: social science from the ecological point of view. In: INGOLD, Tim (Org.). *What is an animal?* Londres: Unwin Hyman, 1988. p. 110-26.

SAHLINS, Marshall. As Cosmologias do Capitalismo. In: *Cultura na Prática*. Trad. Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2007.

_____. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

SANCHES, Lima Patrícia Nanci. Os livres pobres sem patrão nas Minas do Rio das Contas/BA - século XIX(1830-1870). Dissertação (mestrado) – UFBA / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas /Programa de Pós – graduação em História Social Salvador – BA, 2008.

SAUTCHUK, C. E. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas* (Vila Sucuriçu, Amapá). 2007. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

SEBEEK, Thomas. 'Animal' in biological and semiotic perspective. In: INGOLD, Tim (Org.). *What is an animal?* Londres; Unwin Hyman, 1988. p. 63-76.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

_____. *No Tempo das Catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STRATHERN, Marilyn. O Efeito Etnográfico. In: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.

TILLEY, C. *The materiality of stone*. Oxford: Berg, 2004.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Resistência e Pirraça na Malhada: Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem -- e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2011. P. 345-399.

_____. apud KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. *Metafísicas Canibais*, São Paulo: Cosac Naify: 2015.